



# O BRASIL QUE LÊ

Bibliotecas  
comunitárias  
e resistência  
cultural na  
formação de  
leitores

Cida Fernandez  
Elisa Machado  
Ester Rosa



As bibliotecas comunitárias no Brasil têm muitas coisas em comum. Compartilham histórias de criação de espaços de leitura em periferias urbanas, lutam pela efetivação do direito à literatura em contextos de exclusão social, conduzem práticas culturais com centralidade no livro, são mantidas a partir de seu engajamento e enraizamento comunitário... Mas elas também são bastante singulares. Criam seus espaços de resistência cultural, organizam suas práticas de afirmação identitária, mobilizam e formam mediadores de leitura, incidem sobre políticas públicas, organizam-se em redes, afirmam, através de diferentes ações, que a leitura também é direito. É esse mosaico complexo, feito de semelhanças e diferenças que é apresentado nesse livro, que apresenta os principais resultados da pesquisa “Bibliotecas comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores”, um amplo estudo que caracteriza diversas dimensões desses espaços e de suas práticas de formação de leitores em seus territórios.

# O BRASIL

Bibliotecas  
comunitárias  
e resistência  
cultural na  
formação de  
leitores

# QUE LÊ

Cida Fernandez  
Elisa Machado  
Ester Rosa

## COLABORAÇÃO

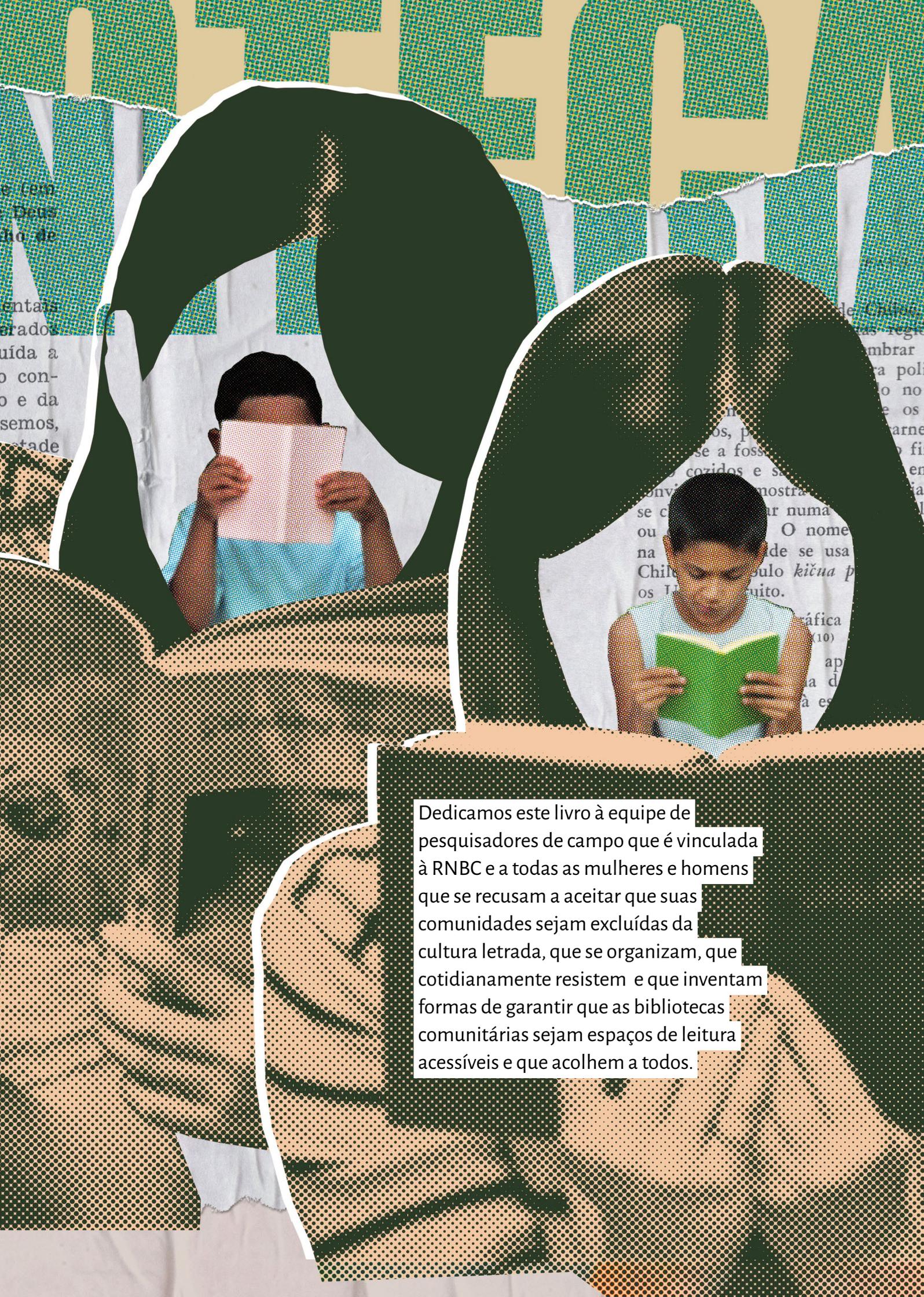
Camila Leite  
Carmen Lúcia Bandeira  
Maria Helena Dubeux

## PREFÁCIO

Silvia Castrillón

# SUMÁRIO

- 6** Prefácio  
A biblioteca comunitária: uma oportunidade  
Silvia Castrillón
- 11** 1. Introdução
- 17** 2. A pesquisa
- 24** 3. Como são as bibliotecas comunitárias no Brasil
- 55** 4. Interagentes e mediadores: quem são e como chegam às bibliotecas comunitárias?
- 78** 5. Formação de leitores nas bibliotecas comunitárias brasileiras
- 102** 6. Bibliotecas comunitárias como espaço de organização política e resistência cultural
- 122** 7. Considerações finais e apontamentos para novas pesquisas
- 129** 8. Cenas de bibliotecas comunitárias Brasil afora
- 150** Referências
- 156** Sobre as autoras
- 158** Apêndices
- 164** Listas
- 169** Créditos



Dedicamos este livro à equipe de pesquisadores de campo que é vinculada à RNBC e a todas as mulheres e homens que se recusam a aceitar que suas comunidades sejam excluídas da cultura letrada, que se organizam, que cotidianamente resistem e que inventam formas de garantir que as bibliotecas comunitárias sejam espaços de leitura acessíveis e que acolhem a todos.

# A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: UMA OPORTUNIDADE

6

Prefácio — Silvia Castrillón

O propósito de democratizar a leitura e a escrita passa, de maneira muito importante, pelas bibliotecas comunitárias, pois nelas está a semente da apropriação social dessas ferramentas do pensamento e da ação.

Atrevo-me a afirmar que não existe instituição mais adequada para uma apropriação real da cultura escrita por parte das populações tradicionalmente excluídas, não só desta cultura, senão da maioria dos bens materiais e culturais a que poucos têm acesso.

A exclusão começa por gerar nas populações excluídas a ideia de que alguns bens culturais não lhes pertencem, que não são necessários para elas, que são supérfluos e que somente poucos têm direito a eles. O que termina por gerar um convencimento de que ler e escrever não faz sentido para elas e, portanto, não são objetos de interesse, de desejo.

Quando a iniciativa parte das próprias comunidades é porque elas rompem com estes pressupostos, porque pressentem que foram excluídas de algo importante e que devem buscar formas de entrar por essa porta que lhes foi fechada, de abrir uma brecha, como diz Graciela Montes (2018), e criar, eles mesmos, a oportunidade de que fala a escritora argentina, pois, como ela defende, a distribuição das oportunidades reflete o poder e interesses a ele associados. São, portanto, estas bibliotecas as oportunidades criadas pelas próprias comunidades, que podem constituir-se em novas, múltiplas e talvez únicas oportunidades para muitos: crianças, jovens e adultos que até então não haviam imaginado que a leitura e a escrita lhes pudessem permitir compreender, entender, pensar, atuar, imaginar mundos possíveis e criar novas formas de habitá-los.

E, posto que se trata de bibliotecas comunitárias, quero delinear um pouco o termo comunidade, a partir de Constantino Bértolo (2017, p. 151), como

aquela que tem a “capacidade de definir por ela mesma o bem comum, como comunidade democrática” e que trabalha cotidianamente em sua construção. Por outro lado, a busca e construção desse bem comum

7

se alcança por rotas inesperadas: a segurança na posse da terra não foi um pré-requisito para a construção de melhores habitações, a organização de uma cooperativa precedeu ao estabelecimento de uma escola, um programa inovador de agricultura intergeracional, ajudou a melhorar as relações familiares” (HIRSCHMAN, 1958, apud HIRSCHMAN, 2011, p. 43).

Poder-se-ia acrescentar que a ausência do Estado no fornecimento de livros e condições para a apropriação da cultura escrita não foi motivo para que as comunidades abandonassem o interesse pelo livro e pela leitura como elementos para o seu crescimento pessoal e social.

Esta pesquisa supera os limites de pesquisas anteriores no campo, pelo menos as que eu conheço, tanto no Brasil como em outros países da América Latina, que têm estudado aspectos pontuais como o impacto das bibliotecas comunitárias no rendimento escolar ou têm dado conta de alguns aspectos quantitativos.

Em uma sociedade regida pelos números, propor uma pesquisa quantitativa que busque uma compreensão mais profunda do problema, sem estabelecer relações mecânicas, nem partir de premissas genéricas pré-estabelecidas e que procura entender, e não apenas justificar, constitui um exemplo muito corajoso para estudos tão necessários e, ao mesmo tempo, tão escassos. Por outro lado, sua natureza pedagógica, manifestada pelas autoras, dá um valor especial ao estudo, pois não nega a inevitável incidência e intervenção do pesquisador no objeto investigado, mas faz disso uma oportunidade válida, intencional.

Passarei a ressaltar alguns aspectos dos achados que me parecem não apenas úteis para fortalecer e, possivelmente, reorientar ações nessas bibliotecas comunitárias, mas que também nos oferecem fortes argumentos para refletir sobre o que acontece em outro tipo de bibliotecas, especialmente nas públicas.

O primeiro, para mim o mais fundamental, é a constatação do valor que as comunidades dão à leitura, ao livro, à literatura, e a resposta das bibliotecas quando dão prioridade à formação do leitor literário e desenvolvem critérios para a seleção e o descarte dos acervos de acordo com esse objetivo. Isto contradiz, de maneira clara, a insegurança com que geralmente as bibliotecas públicas tratam a leitura de livros – e os múltiplos argumentos com que se

vêm desviando delas –, o livro e as práticas de leitura e escrita, “pretextos” e “distrações” com as quais se supõe atrair um público não leitor que, aparentemente, não valoriza a leitura e, menos ainda, a leitura de literatura. Só o fato de que continuem se denominando bibliotecas e que o único adjetivo que as qualifica seja de comunitárias – bibliotecas comunitárias –, e não outro adjetivo associado à diversão, já é bastante revelador.

É possível deduzir desta pesquisa que quando alguns membros da comunidade, líderes e agentes sociais, professores ou pais e mães de família, tomam a iniciativa de criar uma biblioteca mudam os olhares que os moradores do território têm sobre si mesmos, sobre suas capacidades de acessar algo que consideravam distante e inalcançável, passam a dar valor a si mesmos e isso se converte em motivo de orgulho para o resto da comunidade. Superam-se tabus imaginários e representações sobre o livro e a leitura e ser leitor se converte para eles em algo possível e desejável.

Isto é reforçado quando se verifica a composição das coleções em que a maioria afirma que se privilegia a literatura e que muitas bibliotecas não aceitam livros didáticos, pois se prioriza “a formação do leitor literário”.

Outro aspecto a destacar é como, ao longo da pesquisa, detectou-se – e para detectar é necessária uma postura ética e política – o caráter político do trabalho destas bibliotecas e o sentido do que é público que se constrói a partir delas.

A especialista sobre o público, Nora Rabotnikof (2002, p. 143), considera que “o público faz referência à abertura, ao debate, à discussão coletiva, à pluralidade de opiniões, à informação ampliada”. A autora também afirma que “as características centrais desse espaço público são, entre outras: pluralidade, espaço de ação e de discurso, [...] lugar da luta pelo reconhecimento”. Ao longo da pesquisa, percebe-se como estas características se apresentam na maioria das bibliotecas comunitárias ou pelo menos se constituem em desejos a conquistar.

As diversas formas de interação com as comunidades, a participação e a gestão das comunidades na construção cotidiana do sentido das bibliotecas e, ainda, o fato, aparentemente irrelevante, de chamar interagente àqueles que normalmente são denominados por usuários ou leitores, e os conceitos como enraizamento comunitário apontam para esse caráter político e democrático das bibliotecas. O mesmo se pode inferir a respeito das articulações em redes que vêm se estabelecendo ao longo da história das bibliotecas, ao sentir-se como espaços de resistência e de luta por direitos e o compromisso com as políticas no campo do livro, da leitura e da literatura – e também com as políticas de outros setores –, que manifestam a maioria das bibliotecas. Tudo isso enriquece as possibilidades das bibliotecas como agentes para uma formação política crítica e ativa.

Por último, destaco a seriedade com que as autoras assumem cada tema desta pesquisa, a reflexão constante alimentada por um corpo teórico rigoroso que se observa ao longo de suas deduções e de seus achados, assim como na bibliografia final. 9

Espera-se que estudos como este contribuam para a formulação de políticas públicas que permitam o fortalecimento de bibliotecas que, como dissemos antes, constituem-se em exigências e necessidades de comunidades que não desejam ficar por fora de algo tão essencial para a humanidade como a escrita e tudo o que ela implica.



na primeira obra escrita  
apresento, desejo relatar as  
meas leituras como faz que  
deu minhas aptidões para a  
na guarda completei sete  
o, a minha saudosa mãe  
trou me a escola  
dego Mar Mendez.  
minha terra natal a cidade  
de Ananias. No Estado de Minas  
Gerais - fui a escola com a  
curiosidade tão própria da  
infância. Para a minha

Eu disse: o meu sonho é escrever!  
Responde o branco: ela é louca.  
O que as negras devem fazer...  
É ir pro tanque lavar roupa.

(CAROLINA MARIA DE JESUS, QUARTO DE DESPEJO:  
DIÁRIO DE UMA FAVELADA. 1996, P. 201)

# 1. INTRODUÇÃO

São poucos os estudos e as discussões acerca das bibliotecas comunitárias e suas contribuições para tornar as práticas de leitura acessíveis à população brasileira. Esse fato sempre nos causou estranheza, já que questionamos o discurso predominante na sociedade, pautado nas pesquisas do mercado editorial e nos indicadores de leitores proficientes de pesquisas internacionais, que reforça a ideia única de que a população brasileira não gosta de ler. Dentro desse contexto, esse livro foi organizado com o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa *Bibliotecas comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores*. Uma pesquisa que se configura num amplo estudo sobre os eventos e práticas leitoras presentes nesses espaços e num marco referencial acerca do papel dessas bibliotecas na formação de leitores em seus territórios.

Embora seja possível inferir que nos últimos anos vem aumentando a visibilidade das bibliotecas comunitárias, assim como a noção da importância dessas experiências em suas localidades (ALMEIDA JÚNIOR, 1997; MACHADO, 2008; BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011; CAVALCANTE; ARARIPE, 2014), ainda são poucas as pesquisas acadêmicas desenvolvidas acerca da diversidade de ações oferecidas nesses espaços (MADELLA, 2010; MACHADO; PRADO, 2010; SILVA, 2011; CERVINSKI; SANTANA, 2016; PAZ, 2016; ALVES, 2017; SILVA, 2018). No atual estágio em que se encontra o campo de pesquisas sobre esse tema, verificamos que o estudo de casos localizados em territórios restritos (p. ex. uma biblioteca, um município, um estado), com foco em determinadas dimensões que caracterizam esses espaços (mais usualmente sobre gestores e gestão das bibliotecas), não tem gerado um acúmulo suficiente de informações que conduza a generalizações e conhecimento mais abrangente acerca dos modos como essas bibliotecas atuam na realidade brasileira (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2017).

Para a academia, as bibliotecas comunitárias têm sido vistas como objeto de pesquisa e de extensão universitárias, predominantemente no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Nesse contexto, cabe destaque para 5 projetos de extensão universitária que vem sendo desenvolvidos em universidades públicas brasileiras: Ler para crer: oficinas itinerantes para a implantação de bibliotecas comunitárias em municípios cearenses<sup>1</sup>, da Universidade Federal do Ceará (UFC); Mediadores de leitura na biblioteca e na escola, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Ação na comunidade do Bode: organização da informação e mediação cultural, também da UFPE; Bibliotecas públicas e comunitárias: da teoria à prática, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); A tela e o texto: projeto bibliotecas comunitárias, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Já no âmbito dos investimentos sociais corporativos, essas bibliotecas são consideradas objeto de investimento em responsabilidade social, a exemplo do Instituto C&A, com o Programa Prazer em Ler (PPL)<sup>2</sup>, do Instituto Ecofuturo, com o projeto Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso<sup>3</sup>. Dentre as organizações não governamentais com atuação neste campo, destaca-se a Associação Vaga Lume, com o Programa Expedição<sup>4</sup>. No entanto, cada um desses programas e projetos trabalha com concepções diferentes de biblioteca comunitária. Em alguns casos, incluem nesse mesmo universo as bibliotecas públicas municipais e as bibliotecas escolares, aquelas que, por definição, estão integradas a uma unidade de ensino infantil, fundamental ou médio. Esses institutos e associações realizam avaliações e monitoramento de suas intervenções, porém a adoção de diferentes definições de biblioteca comunitária faz com que não seja possível unificar as informações das evidências de que o investimento em bibliotecas efetivamente repercute na inclusão cultural daqueles grupos atendidos por programas dessa natureza.

O governo federal, por sua vez, reconheceu e deu início aos investimentos em bibliotecas comunitárias a partir do Programa Mais Cultura, lançado no ano de 2007 pelo Ministério da Cultura (MinC). O Mais Cultura previa três linhas de ação, sendo que as bibliotecas comunitárias faziam parte da segunda linha – Cidade Cultural – que teve por diretriz “qualificar o ambiente social das cidades, ampliando a oferta de equipamentos e os meios de acesso à produção e à expressão cultural” (MACHADO, 2008, p. 84). Foi a partir desse momento que muitas bibliotecas comunitárias passaram a integrar os Sistemas Municipais e Estaduais de Bibliotecas Públicas<sup>5</sup> e, por conseguinte, também passaram a ser reconhecidas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)<sup>6</sup>. Tal movimento contribuiu para o estabelecimento de alianças entre as bibliotecas públicas municipais e estaduais e as bibliotecas comunitárias, assim como ampliou a mobilização e organização de representantes deste segmento.

**1.** Endereço eletrônico: <http://projeterparacrer.blogspot.com>

**2.** O Programa Prazer em Ler do Instituto C&A teve início em 2006 e foi mantido e desenvolvido pelo Instituto C&A até o ano de 2018. A partir de 2019 o programa será continuado pela Fundação Itaú Social.

**3.** Endereço eletrônico: <http://www.ecofuturo.org.br/blog/projeto/bibliotecas-comunitarias/biblioteca-comunitaria-ler-e-preciso>

**4.** Endereço eletrônico: <https://www.vagalume.org.br/programa-expedicao>

**5.** O Brasil possui 26 Sistemas Estaduais, sendo um em cada estado e um no Distrito Federal. Nem todos os municípios brasileiros possuem sistemas municipais de bibliotecas públicas.

**6.** O SNBP é um órgão do governo federal subordinado à Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB), vinculado ao Ministério da Cultura (MinC). Endereço eletrônico: <http://snbp.cultura.gov.br>

Além de discursos que revelam um olhar externo, produzido na academia, em braços sociais de empresas e em órgãos governamentais, mais recentemente as bibliotecas comunitárias também começaram a se organizar em redes, o que fortaleceu sua capacidade de dar visibilidade a suas ações, inclusive através da publicação de suas experiências, como é o caso do livro *Expedição Leituras*, publicado neste ano de 2018. Também encontramos vários *blogs* e grupos em redes sociais que divulgam as ações das bibliotecas comunitárias e evidenciam como elas existem e resistem. Nesse cenário, a criação da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)<sup>7</sup>, no ano de 2015, é um marco histórico, que se deu, em grande parte, por conta dos investimentos continuados ao longo de mais de uma década pelo Programa Prazer em Ler (PPL).

Assim, no delineamento desta pesquisa tomamos como ponto de partida tanto o levantamento da pesquisa acadêmica existente, dos projetos e programas de apoio e fomento, das políticas públicas para o setor, bem como as instâncias de organização representativas de bibliotecas comunitárias.

Outro ponto importante e que esteve presente durante toda a pesquisa é o desafio histórico da formação de leitores no Brasil. O debate em torno das especificidades que envolvem as bibliotecas comunitárias tem conduzido a uma compreensão de que estas se constituem num dispositivo cultural que contribui para o letramento daqueles que a frequentam e para as comunidades em que estão inseridas. Neste sentido, tomando como referência os novos estudos em letramento (STREET, 2014) – para quem a leitura e a escrita adquirem diferentes configurações em diferentes contextos, o que consequentemente resulta em diferentes modos de ser leitor e produtor de textos –, espera-se que a participação em eventos de leitura e escrita na biblioteca tenha como efeito oportunizar diferentes letramentos, inclusive aqueles mais valorizados socialmente e que são frequentemente apropriados como privilégio de alguns grupos sociais em detrimento de outros. É o que ocorre, por exemplo, quando se fala em letramento literário, campo em que normalmente estão situados os debates em torno da formação de leitores.

Mas será que isso, de fato, acontece na biblioteca comunitária? E quando acontece, em quais condições e com quais resultados nos letramentos das comunidades?

Além disso, como bem nos ensinou Antonio Candido (2004), compreendemos a leitura literária como um direito humano, dada a sua capacidade humanizadora e, diante disso, consideramos a biblioteca comunitária também como um dispositivo de acesso a direitos, sendo, portanto, um equipamento cultural a favor da cidadania (CASTRILLÓN, 2011).

Com base nesse cenário e nessas convicções, no mesmo ano da criação da RNBC, preocupado com o fortalecimento e continuidade dessa iniciativa, com o

7. Endereço eletrônico:  
<https://www.rnbc.org.br>

reconhecimento desses espaços e agentes e com a valorização de seus serviços, o Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF)<sup>8</sup>, em articulação com o Instituto C&A, mobilizou esforços para realizar uma pesquisa que respondesse às seguintes questões: **O que caracteriza uma biblioteca comunitária? Quais letramentos esperar como decorrência da mediação de leitura e escrita que ocorre em bibliotecas comunitárias? Como os frequentadores das bibliotecas comunitárias se apropriam das práticas leitoras?**

É importante registrar que o apoio do Programa Prazer em Ler (PPL) às bibliotecas comunitárias, nos últimos 12 anos, possibilitou conhecer melhor este universo. Relatórios produzidos no âmbito do PPL indicavam o grande potencial de transformação social nestes espaços, dando pistas da importância e necessidade de aprofundar e ampliar este conhecimento. No entanto, esses dados se referiam a um fragmento do universo das bibliotecas comunitárias do país; e mais, não revelavam, de modo sistemático, o impacto das suas ações nas comunidades onde estão inseridas, em particular no que tange à formação de leitores. Para conhecer realmente como as bibliotecas comunitárias se constituem como equipamentos públicos de inclusão social em seus territórios, nos campos da educação e cultura, era necessário ir além das bibliotecas que faziam parte do PPL. Foi assim que demos início à pesquisa *Bibliotecas comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores*.

A responsabilidade pela condução da pesquisa ficou a cargo de uma equipe multidisciplinar, coordenada pelo Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), em parceria com o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL)<sup>9</sup>, da UFPE, e do Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil (GPBP)<sup>10</sup>, da UNIRIO. Contou ainda com a participação de mediadores de leitura como pesquisadores de campo. A pesquisa teve apoio técnico e financeiro do Instituto C&A e apoio operacional e logístico da RNBC. A Fundação Itaú Social, por meio da RNBC, apoiou a impressão deste livro.

Com o objetivo de apresentar, discutir e socializar os resultados obtidos na pesquisa, o livro foi organizado em 8 capítulos, sendo que o primeiro foi reservado para a introdução, onde apresentamos o contexto em que se estabeleceu a pesquisa, no segundo capítulo apresentamos o percurso metodológico da pesquisa e, nos capítulos subsequentes, terceiro, quarto, quinto e sexto, apresentamos os resultados. Como toda pesquisa, a partir dos resultados obtidos, novas questões surgiram, as quais foram reunidas no sétimo capítulo. Optamos por reunir todas as fotos num único capítulo, o oitavo. Trata-se de fotografias obtidas durante a pesquisa de campo e que complementam diversas informações textuais, agregando a elas imagens dos locais pesquisados e pessoas envolvidas nas ações das bibliotecas. O direito de uso de imagem, para a finalidade de divulgação da pesquisa, foi autorizado por todos os participantes.

8. Endereço eletrônico: <http://cclf.org.br>

9. Endereço eletrônico: <http://www.portalceel.com.br/principal>

10. Endereço eletrônico: <http://culturadigital.br/gpbp>

Acerca da redação, é importante alertar para a opção pelo uso de termos abreviados, a exemplo de biblioteca comunitária, BC, ou grupo focal, GF, nesse sentido, lembramos que, no final do livro, organizamos uma lista de abreviaturas e siglas que deverão ser consultadas sempre que necessário. Ainda no que concerne às questões de linguagem, também optamos, na maioria das vezes, pelo uso do genérico masculino, para evitar sobrecarga gráfica, embora estejamos nos referindo a homens e mulheres. Outra ressalva é que usamos abreviações para nomear cada biblioteca e, na maioria das vezes, não nomeamos os respondentes, embora seja possível identificar cada unidade estudada, que consta na listagem em Apêndice, conforme consentimento obtido junto aos participantes da pesquisa. Em algumas passagens, optamos por manter no texto a identificação da biblioteca, mais especificamente quando essa nomeação era relevante para compreender o contexto da resposta dada. Ao longo do texto, diversos excertos foram inseridos, mantendo-se a forma como foram coletados, inclusive quando expressam as marcas próprias da oralidade e não seguem normas do português escrito. Por fim, também optamos por traduzir para o português o prefácio e algumas citações de obras originalmente escritas em espanhol.

Esperamos que os resultados apresentados neste livro evidenciem o trabalho daqueles que lideram essas iniciativas, o impacto dessas iniciativas em seus territórios e colaborem para subsidiar decisões daqueles que são os responsáveis pela construção de políticas públicas de cultura no Estado e daqueles que buscam investir em formação de leitores no país, em favor do reconhecimento da relevância da ação cultural realizada pelo conjunto das bibliotecas comunitárias no Brasil. Desse modo, inspiradas em Paulo Freire, afirmamos o sentido esperançoso da ação cultural que se faz nesses espaços. Esperança que:

resulta do caráter utópico de tal forma de ação, tomando-se a utopia como a unidade, inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais. Anúncio e denúncia não são, porém, palavras vazias, mas compromisso histórico (FREIRE, 1985, p. 84).



Meu gosto de ler e escrever se dirige a uma certa utopia que envolve uma certa causa, um certo tipo de gente nossa. É um gosto que tem que ver com a criação de uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista que esta. Uma sociedade mais aberta, que sirva aos interesses das sempre desprotegidas e minimizadas classes populares e não apenas aos interesses dos ricos, dos afortunados, dos chamados “bem-nascidos”.

(PAULO FREIRE, A EDUCAÇÃO NA CIDADE, 1991, P. 144)

## 2. A PESQUISA

A pesquisa *Bibliotecas comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores* teve por principal objetivo identificar, compreender e dar visibilidade ao papel que as bibliotecas comunitárias cumprem nos processos de formação de leitores. Para responder a esse objetivo foi necessário identificar e caracterizar as bibliotecas quanto:

- › ao histórico, ao espaço, acervo, mediadores, interagentes<sup>11</sup> e gestão;
- › aos eventos de leitura que ocorrem nesses espaços (aqui, nomeados mediação de leitura);
- › aos múltiplos letramentos dos frequentadores das bibliotecas comunitárias;
- › às ações em rede advindas dos diversos territórios em que as bibliotecas comunitárias estão situadas, com vistas a evidenciar como se dá o enraizamento comunitário e como articulam intervenções que extrapolam a esfera local.

Foram 18 meses de trabalho, com início em janeiro de 2017 e término em junho de 2018. O desenho desta investigação se deu em quatro grandes momentos:

- › o primeiro, reservado para a geração dos marcos conceituais e estabelecimento da amostra pesquisada;
- › o segundo, para a coleta e sistematização dos dados;
- › o terceiro, para as análises estatísticas e de conteúdo;
- › e o quarto, para a difusão dos resultados.

Trata-se de uma pesquisa aplicada, de caráter quantitativo e qualitativo, com objetivos exploratórios. Cabe esclarecer que os dados quantitativos nos permitiram olhar para o conjunto das bibliotecas e identificar tendências,

**11.** O termo interagente é usado nessa pesquisa para identificar os frequentadores da biblioteca com participação efetiva nas ações e decisões tomadas no cotidiano das bibliotecas. A justificativa por essa opção terminológica é discutida no capítulo 4.

estabelecer correlações estatisticamente significativas e comparar modos de funcionamento, enquanto que a análise qualitativa foi conduzida de modo a destacar as singularidades na ação realizada em cada localidade. O caráter exploratório da pesquisa levou em conta o fato de que não existe um conjunto de estudos anteriores, conforme já mencionado, que nos permitisse estabelecer comparações e que nos conduzisse a conclusões mais amplas, apontando para regularidades e generalizações.

Os marcos conceituais, gerados no primeiro momento, levaram em conta as pesquisas, debates e reflexões que vêm sendo realizadas acerca das bibliotecas comunitárias, da leitura e da mediação de leitura nos campos da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e da Educação e são apresentados no decorrer da discussão dos resultados.

Vale registrar que o primeiro desafio enfrentado pelas pesquisadoras foi identificar o universo das bibliotecas comunitárias no país tendo em vista o modo como são vistas pela sociedade em geral e a carência de fontes públicas de informação<sup>12</sup> sobre tais iniciativas.

Nesse contexto, é importante lembrar que a tipologia das bibliotecas é objeto de estudo da área de Biblioteconomia, no entanto, o senso comum não reconhece as diferenças entre as bibliotecas escolares e públicas, o que fragiliza a compreensão das suas especificidades. No âmbito internacional, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) estabeleceu a definição de bibliotecas públicas como sendo “uma instituição criada, mantida e financiada pela comunidade, seja por meio do governo local, regional ou nacional, seja por meio de outra forma de organização da comunidade” (KOONTZ; GUBBIN, 2012, p. 1), ou seja, ela é considerada pública pelo seu caráter de estar aberta e atender a todos, por possuir um acervo generalista, por oferecer serviços gratuitos e não pelo seu vínculo institucional ou sua personalidade jurídica. No entanto, bibliotecas mantidas pela comunidade são mais comumente encontradas em países da América Latina. Já nos países europeus, a exemplo da França, praticamente não existem mais bibliotecas públicas mantidas por coletivos, militantes da área do livro e leitura, entre outros grupos comunitários. Naqueles contextos, os governos municipais são os responsáveis pela manutenção das bibliotecas públicas (MERKLEN, 2016). No Brasil, contamos com um número pequeno de bibliotecas públicas municipais se comparado à população: em média são 33 mil habitantes por biblioteca pública, conforme dados SNBP de 2015. Além disso, há de se levar em consideração que as bibliotecas públicas municipais mantidas pelo governo estão carregadas de atitudes dominantes do mundo bibliotecário e das políticas públicas de cultura, portanto, conforme afirmam Almeida e Machado (2006), é nesse espaço de carência de serviços públicos acolhedores e democráticos de acesso ao livro, à leitura e à informação

**12.** Apesar dos esforços locais, a exemplo de Cervinskis e Santana (2016) que apresentam os resultados de um levantamento de bibliotecas comunitárias no Estado de Pernambuco, o país não possui fontes públicas disponíveis com dados das bibliotecas comunitárias, diferentemente do que acontece com os dados a respeito de outros tipos de bibliotecas mantidas por órgãos públicos, a exemplo das bibliotecas públicas municipais que têm seus dados disponibilizados no site do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), órgão do Ministério da Cultura (MinC).

que surgem as bibliotecas aqui denominadas comunitárias, aquelas que não são mantidas pelo governo. 19

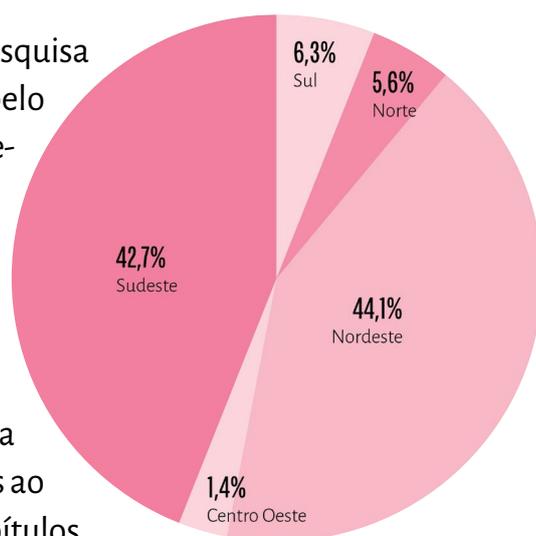
Dentro desse contexto, para estabelecer a amostra da pesquisa foi adotada a definição de biblioteca comunitária proposta pelo SNBP (2013), que entende a mesma como uma iniciativa coletiva que parte da sociedade, mantida por uma determinada comunidade, sem intervenção do poder público, que conta com espaço físico determinado, acervo bibliográfico multidisciplinar, minimamente organizado e oferece serviços com o objetivo de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro. Embora esta definição tenha norteadado a composição da amostra da pesquisa, os dados coletados agregaram nuances ao que caracteriza uma BC, o que será pontuado ao longo dos capítulos.

Após minucioso levantamento de dados de localização e contato dessas bibliotecas, a amostra foi estabelecida em 175 bibliotecas comunitárias, localizadas nas 5 regiões do país. No entanto, em função de indisponibilidade de horários, de fechamento do espaço, dentre outros motivos, participaram efetivamente da pesquisa 143 bibliotecas, o que corresponde a 81,7% da amostra inicial, conforme distribuição regional expressa no gráfico 1.

As 143 bibliotecas pesquisadas se encontram localizadas em 45 municípios brasileiros, de 15 estados e o Distrito Federal (DF), o que representa 0,8% do total de 5.570 municípios brasileiros (Apêndice A, quadro 2, com dados socioeconômicos, educacionais e culturais).

65% fazem parte do PPL, ou faziam durante o período em que foi realizada essa pesquisa, e 35% não participam ou participaram do Programa, cumprindo, assim, o compromisso da pesquisa que era o de ir além daquelas iniciativas que integram o PPL. É importante esclarecer que o conjunto de bibliotecas parceiras do PPL que haviam constituído 12 redes locais em seus territórios, fundou, no ano de 2015, a RNBC.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira, nos meses de setembro a novembro de 2017, levou em conta a aplicação de entrevista estruturada (acompanhada de questionário), observação direta com registro em diário de campo, coleta de imagens e de documentos das bibliotecas pesquisadas. A segunda, realizada no período de janeiro a março de 2018, em 11 das 143 bibliotecas, utilizou o procedimento de grupos focais, com registro em diário de campo. Cada etapa foi realizada por um grupo diferente de pesquisadores e em ambas as etapas foram realizados pilotos para testar os instrumentos e os métodos adotados. Na primeira etapa participaram do piloto uma biblioteca do Recife e outra de Garanhuns no estado de Pernambuco e na segunda etapa, uma biblioteca de Nova Iguaçu no estado do Rio de Janeiro.



**Gráfico 1.**

Distribuição das bibliotecas por região

Fonte: As autoras (2018).

Dentre os procedimentos disponíveis para a geração de dados qualitativos, a realização de grupos focais se apresentou como um recurso que se adéqua aos objetivos desta pesquisa, visto que, conforme defende Gatti (2005, p. 11), a adoção dessa técnica na pesquisa social permite

Compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se numa técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Mais especificamente, a realização dos grupos focais no âmbito da presente pesquisa teve por objetivo enfatizar alguns aspectos que não puderam ser aprofundados nos demais procedimentos de coleta adotados, por serem pouco sensíveis a tais instrumentos. Neste caso, os grupos focais possibilitaram enfatizar as percepções de diferentes participantes da pesquisa – interagentes e equipes das bibliotecas – acerca dos impactos da biblioteca comunitária sobre a formação de leitores. Além disso, os grupos foram conduzidos de maneira a identificar eventos de letramento que se efetivam no cotidiano das bibliotecas comunitárias, para capturar como estas se materializam em “contextos culturais e ideológicos diversos [e assim] começar onde as pessoas estão, compreender os significados e usos culturais das práticas de letramento” (STREET, 2007, p. 484).

É preciso ressaltar o caráter pedagógico e de intervenção desta pesquisa (PIMENTA, 2006; DESAGNÉ, 2007), o que supõe a co-construção, em suas diferentes etapas de elaboração, de execução e de comunicação da pesquisa, envolvendo diretamente aqueles que compõem o conjunto de bibliotecas comunitárias no contexto nacional e, particularmente, aqueles vinculados às redes locais da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Nesse sentido, a opção por envolver integrantes da RNBC na equipe de campo se fundamentou na defesa da pesquisa como um dispositivo de formação de profissionais que atuam nas bibliotecas comunitárias. Além disso, por sua proximidade com o objeto da pesquisa, a equipe de campo teve um papel importante em assegurar que a realização das entrevistas estruturadas e as observações fossem, efetivamente, instrumentos para uma melhor compreensão desses espaços e do seu papel na formação de leitores. No total, participaram 22 pesquisadores de campo, que trabalharam em duplas e realizaram a coleta de dados presencial

em 123 bibliotecas. As outras 20 bibliotecas participaram da pesquisa a distância, isto porque estão localizadas em territórios mais distantes das regiões metropolitanas onde aconteceram as coletas, o que dificultou o acesso para sua aplicação presencial. Desta forma, optou-se pelo contato telefônico e posterior envio dos questionários e coleta de informações por essa via e também por e-mail.

Especificamente sobre os dados coletados por meio de entrevista e questionário é interessante apresentar o perfil dos respondentes<sup>13</sup>:—a maioria, 49% indivíduos, tem larga experiência de atuação nesse tipo de equipamento cultural, pois atua há mais de 5 anos na biblioteca, seguido de 38,5% de pessoas que atuam entre 1 e 5 anos na biblioteca. 9,1% informaram estar há menos de 1 ano na biblioteca e 3,5% não responderam. Além disso, cabe registrar que os dados quantitativos obtidos por meio do questionário apresentaram altas taxas de respostas satisfatórias, confirmando o acerto na adoção das técnicas e métodos empregados na pesquisa.

Para o tratamento e análise dos dados quantitativos foram adotados dois procedimentos: uma descrição elementar dos dados (*Tris à plat*) e uma análise de correspondência múltipla (ACM). Ferreira (2018) esclarece que o primeiro tratamento estatístico, o *Tris à plat*, possibilitou a realização de um estudo sobre a frequência e a distribuição de cada variável, contribuindo para a exploração sistemática e aprofundada das informações sobre as condições objetivas de funcionamento das bibliotecas, bem como o impacto junto à população local. O segundo procedimento de análise possibilitou a reconstrução do espaço das bibliotecas, buscando conhecer as características que mais contribuem para diferenciá-las.

Partindo do princípio que as bibliotecas não se distribuem de maneira aleatória, mas em função de uma série de correlações entre um conjunto de variáveis, esse método permitiu identificar e examinar as relações entre as condições objetivas das bibliotecas (tamanho do acervo e do espaço físico, computador, data de criação, etc.), suas formas de organização (classificação dos livros, critérios de seleção, entre outros) e as contribuições na formação leitora da população (mudança na postura leitora, gosto pela leitura, etc.) (FERREIRA, 2018).

O uso do método de análise de correspondência múltipla (ACM) gerou resultados estatisticamente significativos que apontam para a distribuição das bibliotecas em agrupamentos em função de uma maior ou menor percepção de sua influência e repercussão na formação de leitores e a presença de fatores associados ao espaço, acervo, gestão e mediação, conforme será discutido nos capítulos em que apresentamos os resultados da pesquisa.

**13.** Tivemos como respondentes tanto mediadores de leitura quanto gestores das bibliotecas. A indicação dos respondentes foi uma escolha da BC, no momento do agendamento com o pesquisador de campo, quando foi esclarecido o objetivo da pesquisa.

A análise qualitativa foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016) a partir das seguintes categorias: história, espaço, acervo, gestão, mediação e interagentes, sendo que para cada uma dessas categorias foram estabelecidas subcategorias de análises.

Os resultados da pesquisa são apresentados a partir das categorias estabelecidas no momento da realização da análise de conteúdo e o texto foi construído de maneira a integrar as análises quali-quantitativa, bem como as discussões acompanhadas de observações, conceitos e citações (com a fala dos respondentes), com o objetivo de agregar valor, confirmar ou refutar hipóteses iniciais e também possibilitar a generalização de alguns resultados.

Ainda sobre os dados quantitativos apresentados nos capítulos subsequentes, sempre que consideradas necessárias, optamos pela apresentação em gráficos e tabelas, nesses casos indicando a frequência relativa, bem como o tipo de resposta: resposta aberta (RA), resposta única (RU), resposta múltipla (RM), e se foi estimulada ou não. Outra observação importante para facilitar a compreensão do leitor se refere à forma com que as 143 BCs participantes estão identificadas no texto: optamos pela identificação por códigos, os quais se encontram registrados no quadro 3 no apêndice B. A mesma opção foi feita para a identificação dos grupos focais, conforme registrados no quadro 4, no apêndice C.

A perspectiva de análise adotada priorizou uma abordagem compreensiva dos fenômenos estudados, pois entendemos que o pesquisador

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2007, p. 21).

Assim, na condução das entrevistas (tanto aquela acompanhada por questionário quanto o grupo focal) o crivo de análise adotado foi o de buscar entender as relações complexas que existem entre as condições objetivas identificadas, de espaço, acervo, gestão, por exemplo, e a formação de leitores.

A partir dos diversos procedimentos de coleta e de análise adotados, entendemos que os depoimentos recolhidos – nas respostas aos questionários e nas falas durante os grupos focais – conduzem a reflexões acerca dos modos como as bibliotecas comunitárias no Brasil revelam um Brasil que lê e evidenciam os esforços que elas realizam para assegurar um leque amplo de práticas que aproximam leitores e livros em territórios marcados pela exclusão da cultura letrada.

Agora é assim, simples assim, a periferia está na moda.

Mas que moda é essa que não traz evolução para seus moradores? Que moda é essa que traz crime, abandono e cheiro insuportável do córrego a céu aberto?

É estranho se falar em moda, para quem só sabe pegar ônibus lotado, deixar seu lar de madrugada e voltar à noite, quando todos já estão cansados demais para viver.

(FERRÉZ, VIDA JOVEM EM PROMOÇÃO, CRONISTAS, 2009, P. 13)



# 3. COMO SÃO AS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO BRASIL

Neste capítulo apresentamos a **visão** geral das bibliotecas, começando por dados a respeito do seu histórico de criação, sua localização<sup>14</sup>, infraestrutura, acervo, ações de mediação oferecidas à comunidade e a forma de gestão implementada nas bibliotecas comunitárias pesquisadas. Com isso respondemos a primeira questão norteadora dessa pesquisa: **O que caracteriza uma biblioteca comunitária?**

Mas antes de adentrar aos resultados da pesquisa é preciso registrar que estamos tratando a biblioteca comunitária como uma instituição social e política, historicamente determinada a partir dos fundamentos da comunidade que são:

De um lado, a naturalidade imediata dos laços familiares e da posse da terra, o sentimento de amor recíproco entre pessoas que se conhecem pelo primeiro nome e estão sempre em relações face a face, e, de outro, a organicidade, que a faz ser um fim em si mesma ou uma comunidade de destino (CHAUI, 2006, p. 32).

Ao adjetivar uma biblioteca como sendo comunitária, no contexto brasileiro, há uma inevitável associação com movimentos sociais, com a educação popular e com o pensamento paulofreireano. Esse tipo de ação coletiva visa o

[...] desenvolvimento de comunidades, contribuindo com a organização e o fortalecimento dos laços de solidariedade entre populações empobrecidas ou discriminadas. A

**14.** Em algumas passagens dessa análise foram detalhados dados acerca da população, densidade demográfica ou outros aspectos relevantes que caracterizam alguns territórios onde BCs estão localizadas, em especial quando essa informação ilustrava os argumentos ou favorecia uma melhor compreensão acerca da realidade em foco.

## Histórico de criação e localização

Das 143 bibliotecas que participaram dessa pesquisa 14% foram criadas antes do ano 2000, sendo que a biblioteca mais antiga identificada nesse conjunto, MGo7, foi criada no ano de 1974, na cidade de Betim (MG) e 2 BCs foram criadas recentemente, no ano de 2017. As mesmas encontram-se localizadas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, SP03 e RJ04, respectivamente.

A MGo7, localizada no bairro de Santo Afonso, zona rural do município de Betim (MG), que já tem 44 anos de existência, foi criada com apoio de uma instituição religiosa, como é o caso de várias outras bibliotecas que nos anos de 1970 contaram com ajuda de grupos religiosos vinculados às Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) e outros parceiros ligados à organização da sociedade civil, que tinham como princípio o fortalecimento dos movimentos populares. No caso da MGo7, os entrevistados deram destaque em seus depoimentos para a participação de um jornalista vinculado à instituição, que doou livros do seu acervo pessoal e mobilizou outros colegas para se integrarem à campanha de doação de livros e fundação da biblioteca. A biblioteca cresceu, integra atualmente o movimento das bibliotecas comunitárias e, como as demais, busca suas alternativas de sustentabilidade participando de editais públicos, de programas patrocinados por empresas privadas e firmando parceria e convênios com a prefeitura de Betim.

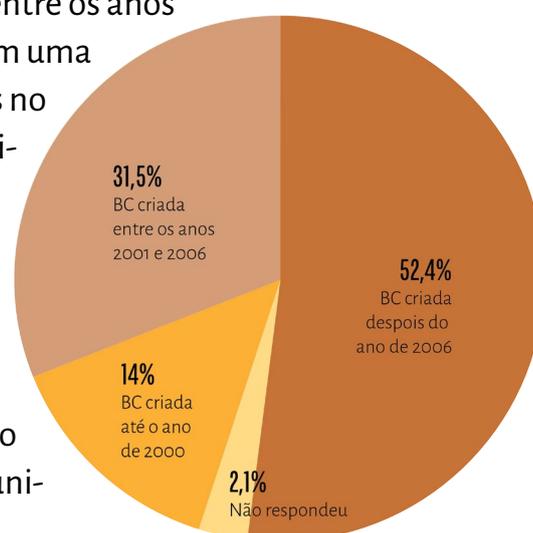
Mas foi após o ano de 2006 que a maioria das BCs participantes da pesquisa foi criada, 52,4%. É interessante verificar que, no período de 2001 a 2006, houve uma grande expansão da criação de BCs no Brasil, dobrando o quantitativo em relação aos anos anteriores, conforme pode ser observado no gráfico 2.

Em relação ao crescimento da frequência constatado entre os anos de 2001 e 2006, os dados relativos à data de criação sugerem uma correlação entre o incremento de bibliotecas comunitárias no país e os programas governamentais da área do livro, leitura e bibliotecas iniciados a partir de 2001, a exemplo do Programa Fome de Livro, de 2005; do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em 2006; e do Programa Mais Cultura, de 2007, por meio do Concurso Pontos de Leitura 2008 – Edição Machado de Assis. Cabe registrar que, pela primeira vez na história das políticas públicas de cultura, o governo federal reconhece e incorpora as bibliotecas comunitárias em seus planos e investimentos (MACHADO, 2010).

**Gráfico 2.**

Distribuição das bibliotecas por ano de criação

Fonte: As autoras (2018).



O cenário dos anos 2000 foi marcado pelas ações de governo a favor do livro, da leitura e das bibliotecas, como relembra Marques Neto (2017, p. 41):

Embora mais tardia do que outros setores da Cultura e da Educação, o grande impulso pela inclusão leitora aconteceu a partir da resolução dos chefes de estados Ibero-americanos, em 2003, impulsionados pela OEI e CERLALC/UNESCO, quando, em 21 países da América Latina, foi estabelecido que em 2005 tivéssemos o Ano Ibero-americano da Leitura, que no Brasil ganhou o nome de VIVA LEITURA.

Um exemplo dessa associação com políticas governamentais é a biblioteca comunitária CE01<sup>15</sup>, localizada no Bairro Presidente Kennedy, em Fortaleza, Ceará, que foi criada em 2005 como um espaço de reforço escolar para atender a demanda de pesquisas dos estudantes. Para tanto, compraram livros de referência e de apoio didático. Segundo a coordenadora da biblioteca, chegaram a contratar, por um breve período, uma bibliotecária para dar apoio técnico e organizar o acervo. Em seguida, começaram a realizar empréstimos dos livros e a mudar seu foco do apoio escolar para a formação de leitores. Em 2010, a biblioteca foi contemplada no prêmio Pontinho de Leitura, do Ministério da Cultura, com o projeto Diário de leitura, recebendo recursos para compra de livros, computador e ar condicionado. Em 2012, foi contemplada no Programa Livro Popular da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), que teve por objetivo facilitar a compra de livros a preços abaixo do custo de mercado para bibliotecas públicas municipais e comunitárias, mas não chegaram a receber todos os livros. Em 2012, passaram a integrar o programa Prazer em Ler, do IC&A, quando conseguiram ampliar e diversificar o acervo; organizar de forma qualitativa o espaço; formar mediadores de leitura; estruturar e qualificar a biblioteca comunitária, oferecendo um bom atendimento ao público. Com o objetivo de favorecer a democratização do acesso à comunidade e formação de leitores críticos e ativos, esta biblioteca é um exemplo de como os programas governamentais dos períodos comandados pelos governos Lula (2003-2011) e Dilma (2011-2016), contribuíram para o fortalecimento das ações de promoção da leitura em territórios periféricos.

A partir dos dados de criação de bibliotecas também é possível relacionar o aumento do número de bibliotecas comunitárias com os investimentos realizados pelo Programa Prazer em Ler (PPL), que teve seu início no ano de 2006, já que 65% das participantes da pesquisa integram também o PPL. E também há de se considerar no estado do Ceará os resultados do projeto de extensão universitária, Ler para crer, criado em 2009, com o objetivo de estimular a implantação de bibliotecas comunitárias no Estado.

**15.** Vale conferir a dissertação defendida por Ana Priscila Celedonio da Silva, na Universidade Federal do Ceará, no ano de 2018, intitulada Biblioteca e memória: interlocuções com a comunidade, que faz um estudo baseado na experiência das bibliotecas CE01 e CE07.

A biblioteca PEO5 está localizada no bairro Mangueira, na cidade do Recife, Pernambuco, e foi criada em 2012 por um casal de moradores da comunidade que trabalhava com economia solidária e com grupos de escoteiros. Receberam por doação uma grande quantidade de livros, em sua maioria didáticos, e resolveram abrir uma biblioteca comunitária, contando com a ajuda de amigos para alugar o espaço. No momento da criação, receberam também o apoio do grupo de escoteiros e de pessoas físicas para conseguirem estantes, mesas e cadeiras. A biblioteca continua até hoje trabalhando em parceria com grupos locais e informa que atualmente está vinculada a uma instituição privada sem fins lucrativos.

Se, por um lado, é possível associar o incremento na abertura de bibliotecas comunitárias a ações afirmativas de políticas públicas, iniciativas do setor privado (como é o PPL) e extensão universitária, também é marcante na origem das BCs a vontade e a persistência de pessoas e grupos que superam adversidades para conquistar, aos poucos, um espaço no bairro em que se garanta o acesso ao livro e à leitura. Segundo a coordenadora da biblioteca MGo2, localizada no bairro Goiânia, na cidade de Betim, MG, a biblioteca:

Foi criada em 2001 por iniciativa da associação comunitária do bairro, em parceria com a comunidade. Os gestores e funcionários mobilizaram moradores e no início foi criada uma pequena sala de leitura na instituição, só depois que se tornou uma biblioteca independente. O espaço se estruturou aos poucos (mobiliário e acervo), foram organizando festas, bazares para conseguir recursos e depois começaram a participar de editais públicos e privados. Acabaram entrando no Programa Prazer em Ler do Instituto C&A e com isso a biblioteca foi para um prédio maior ao lado do espaço antigo e passou a investir nos eixos: espaço, acervo e mediação, com o objetivo de promover o acesso ao livro e a leitura na comunidade e se estabelecer como um espaço de referência para ações que visam à cultura (MGo2).

Para falar dos motivos que levam à criação de bibliotecas, queremos lembrar a questão levantada por Bel Santos (2017) durante uma de suas várias falas sobre a literatura como direito humano: “vale a pena investir em levar literatura de qualidade para áreas em que pessoas têm necessidades materiais?”. Pois bem, os dados, depoimentos e resultados que apresentamos a seguir confirmam que sim, vale a pena.

Durante a entrevista realizada como procedimento desta pesquisa, ao informar quais os motivos que levaram à sua criação, em ordem de importância foram citados:

- › a promoção da leitura e/ou formação de leitores, por 85,3% das BCs;
- › ser um espaço de referência para a comunidade, por 11,2% das BCs;
- › ser um espaço de oferta de leitura e pesquisa para a comunidade, por 4,2% das BCs.

No entanto, além desses pontos, em praticamente todos os GFs foi apontada a falta de acesso ao livro, em função do alto preço, como um dos motivos que levam à criação e manutenção de bibliotecas nas periferias. Como disse uma participante:

Livro é caro, nunca vou poder ler se tiver que comprar na livraria. Aqui na Literateca conheci o mundo da leitura e isso faz a diferença (GFO8).

Algumas justificativas específicas foram apontadas para a criação de bibliotecas, como é o caso da CE10, localizada no bairro do Curió, na cidade de Fortaleza (CE), que foi criada no ano de 2004, com o objetivo de estimular os estudos e pesquisas acerca das temáticas de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT). Ou ainda da BA10, criada em 2009, na cidade de Salvador (BA), que tem o foco na identidade negra, e a DCE05, criada em 2005, no município de Aquiráz (CE), com foco na identidade indígena.

As bibliotecas comunitárias são encaradas pelos moradores locais como uma estratégia para a melhoria da qualidade de vida, nesse caso, pensadas a partir do acesso ao livro e à leitura. Essas iniciativas destoam do cenário governamental, pois enquanto acompanhamos a abertura de bibliotecas comunitárias pelo país, acompanhamos também o fechamento de bibliotecas públicas municipais. Segundo Fernandez e Machado (2016), o fato do país não dispor de mecanismos de regulação, desobriga os prefeitos de manter as bibliotecas públicas municipais abertas e em funcionamento, tornando-as vulneráveis ao jogo político local e, na ausência de serviços bibliotecários públicos, surgem as iniciativas comunitárias.

A partir dessas histórias percebemos que os maiores responsáveis pela criação dessas bibliotecas são agentes internos e externos à comunidade, caracterizados como: coletivos de jovens, grupos de pessoas do território e movimentos sociais; entidades privadas sem fins lucrativos constituídas em associações, institutos, fundações; grupos religiosos; partidos políticos. Mesmo existindo bibliotecas que têm sua origem em iniciativas individuais ou familiares de forma mais isolada, uma marca que garante que se perpetuem é sua capacidade de envolver coletivos desde a origem das BCs e que depois continuam efetivando o projeto em seu percurso. Essas vinculações também conferem um caráter político à ação comunitária de organizar uma biblioteca.

Em muitos casos identificados nessa pesquisa, ela ocorre no bojo de uma luta social por direitos. Os dados evidenciam, ainda, que existem bibliotecas que são resultados de uma conjunção de iniciativas – de natureza individual e coletiva –, o que fez com que algumas indicassem mais de uma opção quando perguntadas sobre quem foi responsável por sua criação.

Essa composição em termos de vínculos em sua origem pode ser verificada nos dados apresentados na tabela 1.

Vínculo no momento da criação	%
Associações, sindicatos, (Ongs em geral)	22,4
Coletivos e grupos de pessoas	35,7
Grupo religioso	18,9
Movimento social	30,8
Partido político	3,5
Não sabe/Não respondeu	7

**Tabela 1.**

Distribuição das bibliotecas por vínculo no momento da criação – RM/Estimulada

Fonte: As autoras (2018)

A biblioteca SP14, localizada no distrito da Cidade Tiradentes<sup>16</sup>, na cidade de São Paulo, é um exemplo da força dos coletivos jovens incidindo em seus territórios por meio da cultura. Essa biblioteca foi criada em 2001, pelos integrantes da posse<sup>17</sup> Rap Força Ativa, que após a criação da música Vamos ler um livro, foram questionados sobre a inexistência de uma biblioteca no bairro. Com o apoio de uma Organização Não Governamental (ONG) que atuava no bairro, tiveram acesso à formação de agentes comunitários em direitos humanos e formaram uma biblioteca que passou a ser um polo de formação e luta de jovens envolvidos no movimento *hip hop* da região. Outra biblioteca que tem uma trajetória semelhante é a PEO3, localizada no bairro de Peixinhos<sup>18</sup>, no estado de Pernambuco, na região nordeste do país. Essa biblioteca foi criada no ano de 2000, pelo coletivo de jovens artistas do Movimento Cultural Boca do Lixo, com o objetivo de democratizar o acesso à leitura e ao livro, como informou o entrevistado durante a pesquisa. Ambas são integrantes do PPL. Cabe destaque para o fato dessas 2 bibliotecas, uma na cidade de São Paulo e outra na cidade do Recife, estarem localizadas em territórios com altos índices demográficos. Cidade Tiradentes (SP14) tem 14.100 habitantes por km<sup>2</sup> e Peixinhos (PE02), 14.343 habitantes por km<sup>2</sup>, o dobro da densidade média das suas respectivas cidades que se encontram na faixa dos 7.000 habitantes por km<sup>2</sup>.

Interessante observar que foram as bibliotecas localizadas no estado do Rio Grande do Sul que indicaram o maior vínculo com grupos religiosos no momento de sua criação, 62,5%, seguidas pelas bibliotecas do estado da Bahia, com 53,3%, e Minas Gerais, com 25%, conforme gráfico 3.

**16.** Cidade Tiradentes, possui área de 15 km<sup>2</sup>, população de 211.501 habitantes e 14.100 habitantes por km<sup>2</sup>.

**17.** As “posses” têm o objetivo de abrir caminhos para ampliar a atuação do movimento *Hip Hop* e agregar os diversos grupos de uma região, formados por *rappers*, DJ's, grafiteiros e *breakers* (MACHADO, PRADO, 2010).

**18.** Peixinhos possui 2,96 km<sup>2</sup>, população de 4.998 habitantes e densidade demográfica de 14.343 habitantes por km<sup>2</sup>.

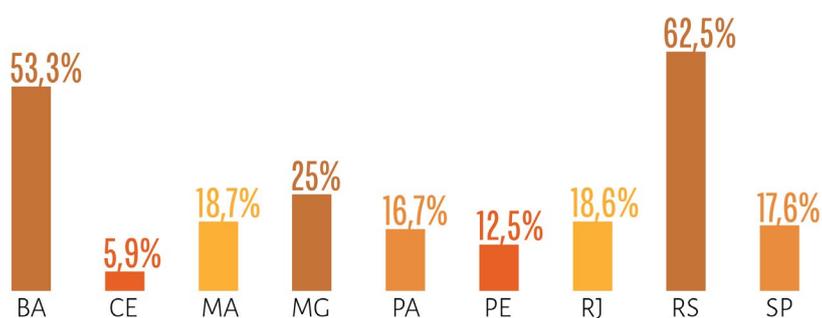
E, em relação ao vínculo com partidos políticos, as bibliotecas que indicaram esse tipo de relação se encontram em 3 estados brasileiros, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo, destacando-se as bibliotecas localizadas no estado do Pará, com 50% das participantes, conforme pode ser observado no gráfico 4.

Atualmente, 82,5% das BCs afirmam que estão vinculadas a alguma instituição e 17,5% não têm vínculo formal com nenhuma instituição. A institucionalização de uma BC é, em grande parte, determinante para a sua autonomia e um caminho nesse sentido é aderir ao Cadastro Nacional

de Pessoa Jurídica (CNPJ), no entanto, das 143 BCs que participaram da pesquisa somente 11,2% possuem CNPJ. O restante, 88,3%, informou que não possui e 0,7% não soube responder. Do grupo que não possui CNPJ, vale destacar que as mesmas informam que quando necessário utilizam o CNPJ da instituição à qual estão vinculadas e aquelas que não têm vínculo formal tomam emprestado, quando necessário, o CNPJ de alguma instituição parceira e, em alguns casos, optam por não participar de editais e eventos que necessitem de CNPJ, como é o caso da biblioteca MGO9.

Esses dados indicam que as BCs resistem a aderir a esse Cadastro, o que leva a algumas indagações: **Por que é melhor se abrigar num CNPJ de outra instituição? Até que ponto ter CNPJ contribui para a autonomia e sustentabilidade das BCs? Há obstáculos financeiros que entram no processo de formalização das BCs?** É importante lembrar que as implicações relativas à institucionalização de um grupo envolvem vários aspectos e demandam o estabelecimento interno de uma série de procedimentos que, sem condições adequadas, podem levar ao engessamento da instituição. Diante disso é possível inferir que ou as BCs têm receio de consequências negativas da formalização e “engessamento” em relação aos mecanismos de controle do Estado, ou estão, consciente ou inconscientemente, rebelando-se e defendendo uma postura autônoma, alheia aos controles do Estado.

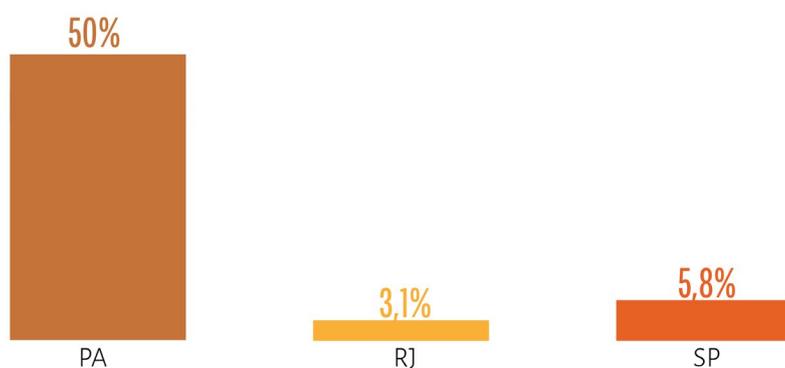
A SP05, localizada na região de Parelheiros, extremo sul da cidade de São Paulo, é um exemplo de biblioteca comunitária, criada no ano de 2009, também por um grupo de jovens que recebeu apoio do posto de saúde da sua região, que num primeiro momento



**Gráfico 3.**

Bibliotecas que indicaram vínculo religioso no momento da criação

Fonte: As autoras (2018).



**Gráfico 4.**

Fonte: As autoras (2018).

cedeu o espaço para a instalação da biblioteca, e de uma ONG que contribuiu com a formação dos jovens como mediadores de leitura e com recursos financeiros para compra dos primeiros livros e do mobiliário. No ano seguinte, em 2010, o grupo reinaugurou a biblioteca no espaço cedido pelo cemitério da região onde funciona até hoje – a antiga casa do coveiro. A biblioteca não possui CNPJ próprio e utiliza, quando necessário, o CNPJ da sua principal instituição apoiadora, e, diferentemente da biblioteca SP14, declara que está vinculada a essa instituição apoiadora.

Há também iniciativas pessoais que deram o primeiro passo imbuídas de espírito comunitário e republicano, a exemplo da MGO1, localizada no município de Santa Luzia (MG), que foi criada por uma professora que costumava emprestar livros para a comunidade; ou ainda a MGO3, localizada no município de Sabará (MG), onde o filho de um borracheiro percebeu que os clientes gostavam de ler jornal enquanto esperavam pelo serviço e teve a ideia de disponibilizar alguns livros. Hoje, ambas iniciativas se tornaram bibliotecas comunitárias e são referência em suas regiões.

A maioria das bibliotecas pesquisadas, 86,7%, encontra-se em áreas urbanas e, em número menor, encontram-se aquelas localizadas em áreas rurais, 12,6%. Apenas 0,7% das BCs que participaram da pesquisa estão localizadas em área ribeirinha. Essa concentração de bibliotecas em áreas urbanas reflete as condições do país que, no curso de pouco mais de meio século, vivenciou a mudança de uma população com características rurais para uma população urbana.

No entanto, aquelas bibliotecas comunitárias que se encontram em áreas urbanas estão localizadas em zonas periféricas, territórios de ocupação, favelas e comunidades, ou seja, locais com alta densidade demográfica, caracterizadas pelos elevados índices de pobreza e violência, com ausência ou escassez de serviços públicos de qualidade, como transporte, segurança, saúde, educação e cultura. Bairros periféricos populares, marcados por diversas formas de vulnerabilidade, que, apesar de fazer parte das cidades, são representados pela noção da ausência e que, ao longo dos últimos tempos, foram adensados pelas políticas habitacionais brasileiras pautadas na relocação de largos extratos das populações pobres para as periferias urbanas.

O fato das bibliotecas estarem no centro de seus territórios, próximas de grandes núcleos residenciais lhes confere a condição de boa localização, já que são de fácil acesso diário para crianças, jovens e adultos moradores que circulam no seu entorno. De acordo com as diretrizes da IFLA (KOONTZ; GUBBIN, 2012, p. 18) uma biblioteca pública deve estar localizada “perto de outras atividades da comunidade, como por exemplo, comércio, centros culturais e terminais de transportes”.

Estão localizadas próximas de pontos de ônibus, 83,2% das BCs, no entanto, as condições de transporte e o isolamento de determinados territórios são

dificuldades enfrentadas por moradores das periferias dos grandes centros urbanos do país, a exemplo das bibliotecas já mencionadas, SP05 localizada na região de Parelheiros e SP14 localizada na região de Cidade Tiradentes, ambas na cidade de São Paulo, sendo uma no extremo sul e outra no extremo leste da cidade. Os problemas relativos à distância de suas localidades em relação ao centro das cidades foram evidenciados em várias falas captadas durante os GFs, a exemplo das crianças que emitiram comentários acerca da distância e do trajeto diário para a escola:

Muito [longe]. Quilômetros e quilômetros. [...] Eu pego dois ônibus para ir para a escola. [...] Eu pego três (GFoo).

No momento da coleta de dados, os pesquisadores de campo também relataram em seus diários de campo dificuldade de acesso a algumas bibliotecas, seja pela distância, seja por estarem em zonas vulneráveis e de conflito. A entrada dos pesquisadores em comunidades das quais eles não faziam parte foi realizada com o acompanhamento de moradores locais que literalmente liberavam a passagem. Uma entrevista, na cidade do Rio de Janeiro, foi interrompida por um longo período por conta de um tiroteio nas imediações.

Segundo Silva e Barbosa (2005, p. 98)

[...] a casa na favela está intimamente ligada à rua. Até mesmo por serem edificadas em ruas estreitas [...] A rua é um prolongamento da casa. [...] Há um forte sentido de uso público do espaço. [...] Há problemas, desentendimentos e disputas, sim, mas também há acordos, pactos e regras que celebram convivências solidárias.

Os dados dessa pesquisa revelam que o mesmo pode ser dito a respeito da biblioteca que está localizada na favela, estão intimamente ligadas à rua e um forte sentido de uso público dos espaços.

A ausência de equipamentos culturais, teatros, museus, centros de cultura e bibliotecas públicas municipais, apresenta-se como uma característica dos territórios onde as bibliotecas comunitárias estão localizadas, fazendo com que ocupem um lugar importante como ponto de referência no local e com um projeto de ampliação de oportunidades para os moradores. Por sinal, vale lembrar que a distribuição espacial de equipamentos e bens culturais no país apresenta um retrato das desigualdades sociais brasileiras, conforme pode ser conferido na pesquisa Perfil dos estados e municípios brasileiros – cultura – 2014, realizada pelo Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE) e esse fato é confirmado em depoimentos de alguns participantes dos GFs: 33

Aqui [a biblioteca] é o único lugar que as crianças têm para frequentar. A gente não tem mais nada no bairro. Aqui não tem escola, aqui não tem área de lazer, aqui não tem nada... No geral, aqui é o único lugar que tem atividades para elas frequentarem [...] (GFO0).

É muito difícil ter qualquer ação de cultura aqui no bairro. Só quando tem dentro de uma igreja e tal. Então, a gente está dentro de um bairro que não tem um teatro, que não tem biblioteca, tem ações só de algumas bibliotecas comunitárias. Aqui não tem cinema. Nada cultural. O que tem de cultural é o que a biblioteca pode oferecer. Cinema, sabe, essas coisas culturais que as crianças e os adolescentes não tinham oportunidade de ter e como no centro eles não têm condições de chegar, é muito complicado. É um espaço que a gente quer transformar num espaço maior na questão de ser cultural. O nosso sonho é que isso seja uma referência cultural pro nosso bairro. Porque hoje, no bairro mesmo, infelizmente, a gente não tem nada de cultural. Eu acho que a importância da biblioteca é essa (GFO7).

Eu acredito que a biblioteca é um espaço fundamental na formação de leitores, ainda mais dentro de comunidade. A gente sabe, a gente olha, a gente não tem nenhum outro equipamento cultural além da biblioteca. A gente tem atividade de esporte, natação, mas não tem atividades voltadas para área cultural e com livro. Então, na biblioteca a gente garante que eles tenham acesso a isso. Se eles forem leitores, as crianças quando forem adultas, a gente não pode ter certeza, mas eles têm acesso a um espaço bacana, que tem livro, que tem alguém para orientar (GFO1).

Complementando o que se observa nos excertos selecionados acima, na análise de correspondência múltipla, identificamos que as bibliotecas localizadas em municípios com Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) mais baixo, ou seja, aquelas que estão em contextos de maior exclusão social e econômica, são justamente as que mais ressaltam o papel social e cultural da biblioteca e não seu impacto na formação de leitores. Uma hipótese explicativa para esse diferencial talvez seja o fato de que nesses locais há uma ausência total de outros equipamentos culturais mantidos pelos governos – tais como salas de cinema, teatro, museus, centros culturais –, o que faz com que a biblioteca tenha seu papel mais alargado naquelas localidades.

Além disso, ficou evidente também que as pessoas que residem nesses territórios, reconhecidos pelas instâncias governamentais e também pela sociedade como lugar dos excluídos em relação ao acesso aos direitos de cidadania e de intervenção de políticas públicas, sentem-se estigmatizadas pela sociedade.

Tem uma imagem negativa que foi construída em torno da nossa comunidade. Uma comunidade marginalizada. Estamos localizados em um ponto bem no centro de outros bairros. É uma comunidade que está perto de bairros nobres e nós continuamos aqui, com poder aquisitivo baixo, e eles não nos veem como somos, eles têm medo da gente [...] (GF10).

Existe um dossiê, feito por diferentes instituições da comunidade, mostrando a quantidade de imagens negativas veiculadas nos jornais, e sobre o impacto disso na forma como nos tratam em ambientes que frequentamos: Eu estudava numa escola particular e me sentia discriminado quando dizia que morava aqui (GF09).

Eu já deixei de ser contratada pra trabalhar numa casa de família quando falei que morava no [...]. Os jornais, a tv só noticiam as coisas ruins que acontecem aqui (GF09).

Porque eu fui uma menina que sempre voltou pra zona oeste, sempre achando que as coisas bonitas estavam lá. O mundo dizia pra mim que tinha um lugar de beleza e aqui era o lugar de feiura. E eu descobri, depois de 10 anos que o sarau existe, que era do lado da casa da minha mãe e eu não sabia porque eu tinha saído há 10 anos pra zona oeste, fui morar lá, então quando eu volto, o sarau muda toda a minha vida. Vejo um movimento de resistência, vejo uma literatura periférica, que eu não conhecia, vejo tudo o que eu buscava nos outros espaços acontecerem aqui. A cultura popular, a militância, as pessoas lutadoras (GF06).

**Os depoimentos evidenciam o esforço por parte das BCs em reposicionar esses territórios no imaginário da sociedade e, especialmente, no imaginário da população local, valorizando suas comunidades:**

Lá fora, eu já tive vergonha de dizer que moro no [...]. Porque todo dia era página policial [...]. Só tinha a questão da violência. E, há muito tempo, isso mudou na minha vida. [...] a partir dessa biblioteca aqui, que ajuda a disseminar uma outra postura, um outro lugar (GF10).

As ações positivas realizadas pela biblioteca junto com os outros grupos e instituições [citou como exemplo outra instituição de referência na comunidade] têm, de fato, modificado o olhar das pessoas sobre a comunidade (GF03). 35

Mostramos que temos pessoas importantes no bairro. Tem o P [artista popular famoso] que é morador do bairro; procuramos mostrar os valores que o bairro tem (GF03).

No meu bairro, a gente até brinca que só é lembrado em época de eleição quando o pessoal sobe a rua. Depois disso não tem. Não tem absolutamente nada. A gente é totalmente esquecido. Aqui, a biblioteca, quando eu conheci, nó! O bairro tem uma biblioteca! O negócio está mudando mesmo porque realmente não tem nada. O tanto de pessoas que estão crescendo com uma mentalidade diferente. Estão buscando mais ser diferentes. Aceitando mais a partir do pouco que é oferecido. Eu acho que isso deveria aumentar. Se a biblioteca acabar realmente estamos perdidos. Geração perdida como muitos dizem. Eu não vejo dessa forma. Uma geração preguiçosa que não quer nada com a dureza. Eu não concordo com isso. O que está faltando são oportunidades. Aqui é uma oportunidade muito boa das pessoas evoluírem e buscarem sempre algo a mais (GF07).

**Para essas pessoas a biblioteca comunitária muda o território onde está localizada na medida em que se torna um espaço cultural importante. Além disso, valoriza a comunidade, amplia oportunidades e, sobretudo, contribui com a formação de leitores:**

[...] eles dizem que aqui só tem violência, que as pessoas daqui são violentas, mas tem muita gente boa aqui [...] nós é que continuamos sendo violentadas. A gente não se curva diante dos obstáculos, se mantém lutando, transformando a realidade do lugar, contrariando o estigma de “lixo da sociedade”. A conquista e manutenção da biblioteca, há cerca de quarenta anos é um exemplo da riqueza do patrimônio humano que faz do bairro uma referência de polo cultural (GF03).

Eu acho que essa biblioteca é muito importante porque as crianças, os adolescentes e os adultos da comunidade não têm recursos pra estar comprando os livros. Eles não têm oportunidade de ir a outras bibliotecas públicas onde têm livros. Aí essa biblioteca comunitária

foi uma oportunidade boa pra despertar o interesse da leitura nessas crianças e começar desde cedo (GF07).

A localização das bibliotecas comunitárias já vinha sendo indicada por alguns autores (ALMEIDA; MACHADO, 2006; MACHADO, 2008) como uma das singularidades presentes nesse campo. A territorialidade e a marginalidade urbana, na qual as políticas públicas para as cidades é um dos elementos centrais, apresentam-se como marcas inscritas nessas bibliotecas e, de alguma forma, as definem. Além disso, a criação de uma biblioteca comunitária se apresenta como um momento de ruptura dentro do cenário de extrema complexidade que marca a descontinuidade de um percurso previsto pelas classes dominantes para um determinado grupo de pessoas moradoras das periferias. Acerca dessa questão, Merklen (2016, p. 79) nos lembra que “o território representa aqui muito mais que um lugar onde viver, é o espaço de constituição de um grupo social, da sua localização relativa em um espaço social frente a outros grupos sociais”.

Os dados históricos confirmam também que a criação das bibliotecas comunitárias não é uma iniciativa dos agentes responsáveis pela implementação de políticas públicas, tais como prefeitos ou secretários de cultura, tão pouco de intelectuais que dominam o cenário do livro e leitura. Trata-se de iniciativas de pessoas comuns, jovens, estudantes, trabalhadores que reconhecem as condições de vulnerabilidade que se encontram as crianças, os jovens e adultos que residem em suas localidades e decidem tomar providências para enfrentar o dia a dia de carência e precariedade de educação e cultura de suas comunidades. São, portanto, espaços que refletem movimentos de resistência à exclusão e de luta por direitos e cultura. É interessante pontuar que, em contextos em que muitos direitos são subtraídos à população, a pauta da leitura e do direito a espaços como bibliotecas ganha foco nesses territórios. Como defende Candido (2004), o direito à leitura precisa ser incluído dentre aqueles que são considerados “incompressíveis”, ou seja, que não podem ser subtraídos, pois sua ausência coloca em risco a própria humanização. No caso dos movimentos em torno da BC, os grupos sociais estão também afirmando, com suas ações, que o acesso às bibliotecas precisa fazer parte desse repertório de direitos a serem estendidos a todos.

## Infraestrutura

Por infraestrutura entendemos características físicas dos espaços e ambientes disponíveis à população, bem como os equipamentos e acesso à internet.

Em relação à sua identificação na comunidade, 61,5% possuem uma placa externa de identificação, enquanto que 48,5% não possuem. O que poderia

ser considerado um empecilho para o reconhecimento do espaço como um equipamento cultural de acesso à leitura para a população daquela localidade não foi observado, já que os registros dos pesquisadores nos diários de campo e nos GFs indicam que as pessoas que moram próximas às BCs demonstram intimidade com o espaço e sabem informar sua localização, mesmo em casos em que houve mudança de endereço recente, a exemplo do que foi observado pelas pesquisadoras no acesso a biblioteca PEO6, localizada no Bairro de São José, Recife (PE), para a realização do GF09: duas ou três ruas antes da localização, mais de um morador indicou com segurança o novo endereço, referindo-se à biblioteca com familiaridade. Já na própria rua, diante da biblioteca antiga, uma senhora se prestou a dar informação, saindo de dentro da própria casa, andando pela calçada no sentido do novo endereço, mostrando, solícita e sorridente, a direção. Outras pessoas na rua reforçavam, davam novas dicas, indicando a cor da parede (a casa pintada de branco); um objeto na calçada que ajudaria na localização etc.

Importante registrar a informação obtida durante as entrevistas de que, em muitos casos, a prefeitura cobra uma taxa pela placa, alegando se tratar de anúncio publicitário e, em função disso, a biblioteca opta por não colocar placa de identificação.

As bibliotecas estão sediadas em salas da instituição à qual estão vinculadas em pequenas casas, espaços comerciais, antigos mercados, garagens, galpões, igrejas, terreiros e até em cemitérios, como é o caso já citado da SPO5, que está sediada na antiga casa do coveiro dentro de um cemitério. Todos os espaços, tanto os internos à biblioteca quanto as áreas externas que as cercam – gramados, jardins, quintais, ruas –, são apropriados pelos grupos.

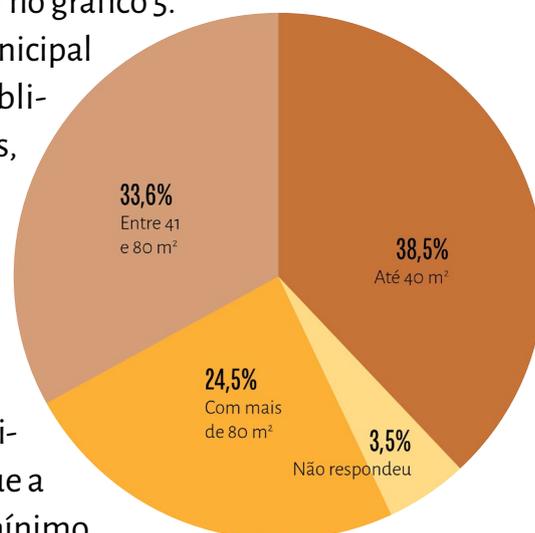
Em relação ao tamanho das BCs, os resultados apontam que 38,5% das BCs estão instaladas em espaços muito pequenos, de até 40 m<sup>2</sup>, seguidas de 33,6% com até 80 m<sup>2</sup>. Um pouco menos de um quarto delas, 24,5% das BCs, contam com espaço acima de 80 m<sup>2</sup>, como é possível conferir no gráfico 5.

Segundo os editais do SNBP, uma biblioteca pública municipal deve ter, no mínimo, 80 m<sup>2</sup> para concorrer a recursos públicos. Ainda a respeito das bibliotecas públicas municipais, Fernandez e Machado (2016) apresentam uma caracterização em relação ao tamanho do espaço e acervo e estabelecem 100 m<sup>2</sup> como o mínimo para esse tipo de instituição pública. Para as autoras, uma biblioteca pública municipal de pequeno porte tem entre 100 a 2.000 m<sup>2</sup>, com acervo de 1.000 a 20.000 itens. Não existem parâmetros para caracterizar as bibliotecas comunitárias, porém podemos indicar que a predominância de bibliotecas com dimensões abaixo do mínimo

**Gráfico 5.**

Distribuição das bibliotecas em relação ao tamanho – RA

Fonte: As autoras (2018).



esperado para bibliotecas públicas é mais um indício de como elas funcionam em condições precárias, neste caso comprometendo, por vezes, a livre circulação e o conforto, como, aliás, ocorre também em relação às moradias, às escolas e a outros equipamentos disponíveis naqueles bairros.

Já em relação à ambientação e à divisão desses espaços foi possível conferir que mesmo com pouco espaço físico disponível, as BCs se esforçam para estabelecer ambientes diferenciados para o atendimento e realização de suas atividades, como observado nos diários de campo de vários pesquisadores. Apesar de estarem instaladas em espaços pequenos, na percepção dos pesquisadores de campo, há vários sinais de que os espaços são cuidados e convidativos. Paredes pintadas, mobiliário colorido, estantes organizadas de maneira a evidenciar as capas dos livros, malas e baús que instigam a curiosidade, tornam esses espaços alegres e acolhedores. Como destacaram em seus diários de campo:

A biblioteca tem aspectos de casa de vó, é acolhedora e decorada em diálogo com livros. É possível ouvir muitos passarinhos, nem parece São Paulo (SP05).

Biblioteca distante do centro da cidade, instalada num galpão em um amplo terreno, no fundo com mata [...] onde só se ouve o cantar dos pássaros e das crianças (RS05).

A CEO4, localizada na cidade de Fortaleza, Ceará, onde foi realizado o GFO8, está instalada numa sala pequena e bem organizada. Num canto fica um balcão onde a mediadora se senta junto ao computador para fazer os empréstimos e outros procedimentos ligados à dinâmica da biblioteca. Dois pufs grandes foram assentados próximos ao balcão e neles as crianças se acomodam confortavelmente, passando longo tempo a se deleitar, na companhia dos livros.

Já a PA02, onde ocorreu o GFO3, localizada na cidade de Belém do Pará, encontra-se numa rua bem estreita e, na calçada, também estreita, foi instalado, da melhor forma possível, um bicicletário, disputando vaga com o acesso imediato à entrada principal – um salão amplo, com móveis e estantes, onde estão organizados os livros do acervo da biblioteca, à disposição dos leitores/as que chegam e se sentam para lerem sós ou em atividade coletiva. O salão tem aproximadamente 10 estantes de cada lado, iniciando com um conjunto de estantes de modelo adequado à disposição dos livros de literatura infantil, com as capas de frente, as faces viradas para as crianças leitoras, capa, ilustração e autores se comunicando diretamente com elas. Nos demais blocos de estantes convencionais, sendo algumas

de madeira, outras de aço, observa-se acervo diversificado de livros catalogados e classificados por autores e gêneros, percebendo-se incidência relevante de títulos relacionados à história da região, além de obras de referência (enciclopédias, dicionários). O compartimento contíguo contém uma sala menor onde foi instalada a secretaria, uma sala maior que serve para múltiplos usos (lanche, oficinas, atividades de leitura), sendo também repartida com o recanto no qual foi instalada a brinquedoteca.

Encontramos espaços construídos pelas comunidades, em sistema de mutirão, para sediar a biblioteca, mas a maioria dos espaços onde estão instaladas não foi concebido para ser uma biblioteca, em alguns casos os espaços foram ressignificados pelo grupo, anteriormente utilizados como locais “de desova”, ponto de tráfico ou prostituição, assumem o papel de espaços de leitura e de cultura no território, num indício concreto de resistência cultural.

52,4% das BCs concentram suas atividades em um único espaço, contra 47,6% que possuem espaços variados. Dentre esse último grupo os espaços identificados encontram-se no tabela 2, apresentada a seguir:

Espaço	%
Atendimento e empréstimo	33,6
Brinquedoteca	9,8
Espaço exclusivo para computadores	11,9
Espaço reservado para leitura	42
Espaço reservado para oficinas	27,3

**Tabela 2.**

Distribuição das bibliotecas em relação aos espaços disponíveis

Fonte: As autoras (2018).

Ainda em relação às condições físicas e conforto nessas bibliotecas se verifica que a maioria, ou seja, 88,1% dispõem de banheiro aberto ao público, 87,4% contam com ambiente arejado com janelas e 65,7% com ventiladores. Vale destaque para o registro no diário dos pesquisadores de campo durante a visita à biblioteca MGO7: bem iluminada, possui muitas janelas, proporcionando uma temperatura agradável, grande com espaços temáticos e mobiliário é muito bonito, desenhado exclusivamente para o espaço. Tudo é organizado de forma a garantir o conforto e a boa circulação das pessoas.

No entanto, 11,9% não disponibilizam banheiro ao público, 12,6% não possuem janelas, 33,6% não possuem ventilador e somente 29,4% possuem ar condicionado. Novamente podemos inferir que a precariedade presente em parte dessas bibliotecas indica condições similares àquelas vivenciadas também nas residências e em outros equipamentos que compõem bairros periféricos e pobres das cidades brasileiras. Esses dados apontam, ainda, para a urgência de que essas bibliotecas sejam reconhecidas pelos governos

(municipais, estaduais e federal) como equipamentos que cumprem uma função pública de acesso a livros e à leitura e que, portanto, devem ser apoiados para que tenham condições dignas de funcionamento.

No que tange aos equipamentos é evidente que os computadores, impressoras e scanner já fazem parte da rotina da maioria das BCs, o que não significa que são computadores de última geração ou em quantidade suficiente para atender às demandas de trabalho e pesquisa exigidos em uma biblioteca. A maioria desses equipamentos atende às necessidades da administração interna da biblioteca, são raros os casos em que estão disponíveis para uso do público.

O quantitativo de BCs com equipamentos eletroeletrônicos e os tipos de equipamentos podem ser observados na tabela 3, apresentada a seguir:

Equipamento	%
Aparelho de som e amplificador	67,8
Ar-condicionado	29,4
Computador	85,3
Datashow	56,6
Impressora e scanner	74,8
Televisão	46,9
Ventilador	63,5

**Tabela 3.**

Distribuição das bibliotecas em relação aos equipamentos – RM/Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

Grande parte das BCs conta com computadores conectados à internet (77,6%), no entanto, somente 25,2% das BCs pesquisadas informaram disponibilizar esses equipamentos para acesso ao público.

Quando cruzamos diferentes dados referentes às dimensões espaço e infraestrutura, os resultados evidenciaram que o tempo de funcionamento é o fator que mais contribui para distinguir as BCs. Assim, foi identificado que as bibliotecas criadas há mais tempo são também as que mais frequentemente possuem espaços diferenciados para a realização de atividades e também são as que mais disponibilizam internet para o público.

Diante desses resultados, o que fica claro é que essas bibliotecas não partem de condições ideais como requisito para sua instalação e funcionamento. O espaço é uma conquista, que se dá por vezes num intervalo longo de tempo, assim como todos os outros aspectos relativos à implantação e manutenção das mesmas. Novamente podemos afirmar que é a resistência daqueles que fazem a biblioteca que assegura que elas se mantenham em funcionamento, oferecendo de forma qualificada sua ação comunitária, mesmo quando suas condições infraestruturais são adversas e desfavoráveis.

A caracterização dos acervos é apresentada aqui a partir da formação e desenvolvimento das coleções, o que envolve a existência ou não de critérios de seleção e a forma de aquisição, por compra, doação ou permuta. Dados relativos às condições de armazenamento e arranjo nas estantes, bem como o tratamento dos documentos e o acesso aos registros bibliográficos via catálogos manuais ou digitais também foram considerados na caracterização e tratamento dos acervos das BCs.

Desenvolvimento de coleções se refere ao planejamento contínuo do crescimento do acervo de uma biblioteca, o que é realizado de acordo com os seus objetivos, as necessidades e os desejos de informação e leitura das pessoas que frequentam aquele espaço, os recursos financeiros disponíveis para a compra de novas publicações e o espaço disponível para a alocação e consulta das publicações que compõem o acervo da biblioteca. Trata-se de “um processo composto por 6 etapas interdependentes: estudo de comunidade, política de seleção, seleção, aquisição, avaliação, desbaste e descarte” (WEITZEL, 2006, p. 17-18). Segundo Vergueiro (1989, p. 15), “não é, efetivamente, algo assim tão simples como pode parecer à primeira vista”.

É importante registrar que a formação inicial dos acervos, o que está intimamente ligada à criação dessas bibliotecas, é realizada, de modo geral, a partir de doações voluntárias, estimuladas por campanhas locais e, em alguns casos, doação da biblioteca pública municipal, como é o caso da RSo6. São poucas as bibliotecas que iniciam seus acervos a partir da compra de uma coleção selecionada. A carência de bibliotecas públicas próximas de suas localidades, de bibliotecas escolares nas instituições de ensino que frequentam e, por conseguinte, do acesso ao livro, leva à formação de acervos coletivos para atender demandas de estudo e pesquisa daqueles que estão fora do sistema escolar ou impactados por uma educação precarizada do país.

No entanto, após o período inicial de formação desses acervos, as bibliotecas pesquisadas demonstraram a adoção de procedimentos que envolvem o desenvolvimento de coleções.

Das 143 bibliotecas pesquisadas, 82,5% das BCs adotam critérios de seleção e somente 17,5% afirmaram que não adotam critérios de seleção ou não responderam a essa questão. Esse resultado aponta uma preocupação do grupo que realiza seleção em oferecer um acervo de qualidade para a comunidade.

Dentre as que adotam critérios para a seleção chama a atenção que 53,8% se referem ao estado de conservação física das obras doadas (livros rasgados, infestados, rabiscados), 49% indicam aceitar apenas livros literários e 19,6% declaram que não aceitam livros didáticos. Esses três dados confirmam que

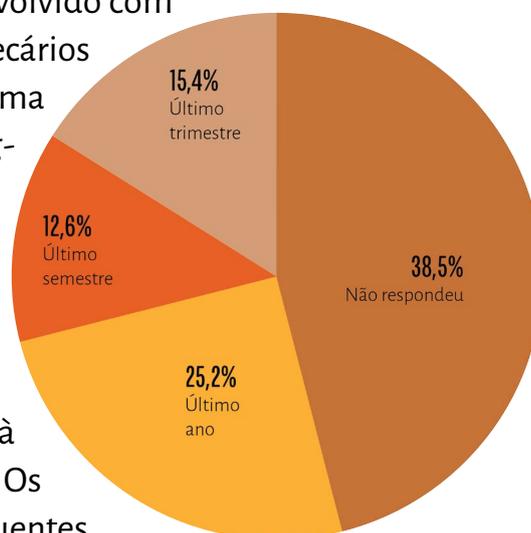
a maioria das BCs participantes do estudo de fato tem priorizado a formação do leitor literário em suas práticas e ofertas de serviços à comunidade.

Um dado interessante revelado nesse cenário se refere à prática do descarte. 81,1% informaram que praticam o descarte de materiais que não estão de acordo com os critérios de seleção adotados na biblioteca. 18,2% não fazem descartes e 0,7% não responderam. Cabe pontuar que a prática de descarte ainda é um tabu para muitos profissionais que atuam em bibliotecas e para a sociedade em geral. Infelizmente a afirmação de Vergueiro feita em 1989 (p. 75) ainda é atual: “Em torno de livros e outros materiais cria-se uma verdadeira aura de respeito, como se tais materiais fossem mais ou menos sagrados e sua conservação sob qualquer condição, um dever inalienável”. Os dados colhidos indicam, portanto, que a maior parte das bibliotecas comunitárias pesquisadas já superou essa questão.

A doação é a forma de aquisição presente na quase totalidade das BCs. 99,3% confirmaram essa informação, no entanto, é também grande a quantidade de BCs que fazem aquisição por compra, neste caso, 71,3%, um quantitativo que nos surpreendeu, dadas as dificuldades orçamentárias que esses grupos enfrentam. A permuta já é um meio mais restrito e aparece somente em 5,6% das BCs. 0,7% das bibliotecas não informaram a forma de aquisição de seu acervo. Especificamente sobre a modalidade de aquisição de livros e outros materiais por permuta é importante registrar que ao se organizarem em rede as bibliotecas ampliam a possibilidade de adotar essa forma de aquisição e renovação de acervo.

Apesar de 71,3% das BCs informarem que fazem aquisição por compra, nem todas souberam informar quando se deu a última compra, conforme pode ser verificado no gráfico 6.

É interessante constatar que 23,1% das BCs indicam que apenas um segmento é responsável pela seleção do acervo, geralmente o mediador ou o gestor. Já 53,8% BCs indicam mais de um segmento envolvido com essa atividade, podendo ser mediadores, gestores, bibliotecários e interagentes. Esses dados demonstram que as BCs têm uma significativa abertura à participação dos diferentes segmentos no processo de seleção dos acervos, o que pode apontar para uma maior condição de estabelecimentos de vínculos de pertencimento tanto entre a equipe da biblioteca, quanto entre esta equipe e a comunidade onde está inserida. Demonstra também uma diferença significativa em relação às bibliotecas públicas quanto à autonomia de escolha e participação na compra de livros. Os processos burocráticos da administração pública e as frequentes



**Gráfico 6.**

Distribuição das bibliotecas em relação à aquisição de livros por compra – RU/Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

aquisições centralizadas são dadas como justificativa para a eliminação total de autonomia dos bibliotecários e frequentadores do processo de formação de acervos.

A literatura é conteúdo dominante nos acervos das BCs e aqui estamos falando de uma literatura entendida de uma forma mais ampla, inspirada na concepção do Prof. Antonio Candido, que engloba:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p. 16).

Entretanto, além de literatura, as BCs contam também, ainda que em menores quantidades, com livros de história, artes, ciências sociais, obras de referência (dicionários, enciclopédias, atlas) e coleções de autores locais. Também possuem em seus acervos filmes e música, jogos, brinquedos e objetos históricos representativos da cultura local, como pode ser observado na tabela 4, apresentada a seguir:

Coleções que compõe os acervos	%
Livros de literatura	100
Literatura de cordel <sup>19</sup>	74,8
Obras de referência	93,7
História, artes, ciências sociais	81,8
Autores e assuntos regionais	75,5
Filmes e música	73,4
Jogos e brinquedos	66,4
Objetos históricos	42,7

Em outros tipos de materiais foram mencionadas também as coleções de história em quadrinhos, material muito procurado por crianças e jovens que frequentam as bibliotecas.

Falar de acervo é falar também de patrimônio e, como afirma Feitosa (2014, p. 114), “o maior patrimônio cultural de uma comunidade é o seu povo, são todas as pessoas que ali nasceram, que ali vivem, ali atuam”. Nesse sentido, vale destaque para produções que registram a história e memória locais, como foi o caso do livro apresentado como referência no GF03, escrito por um professor da comunidade. Tanto a atitude dos interagentes que participaram do GF ao tomarem essa obra como referência para responder sobre a origem do nome Guamá, como o conteúdo do livro, a

**Tabela 4.**

Distribuição das bibliotecas em relação às coleções – RM/Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

**19.** Apesar da literatura de cordel ser caracterizada como gênero literário, nessa pesquisa, na formulação da questão ela aparecia como uma opção em destaque, já que se tentou identificar esse conjunto de documentos separadamente para dar visibilidade à sua presença nos acervos das BCs.

perspectiva e identidade do autor, são bastante elucidativos sobre a história e a formação leitora no local. O livro trata das várias etapas de ocupação do território, desde as sesmarias e acrescenta outras informações (a olaria que produziu telhas e tijolos para a construção de Belém; depois o leprosário, território de segregação social e resistência cultural, com muitas associações a se fazer com relação à história das políticas públicas de saúde) que ajudam a entender a comunidade, as bases da segregação social, o sentimento de pertencimento, o perfil dos interagentes. Trata-se de livro que não consta das estatísticas oficiais, por ser autor desconhecido/não reconhecido socialmente entre os “cânones” da literatura. No entanto, é leitura fundamental na perspectiva da formação leitora daquela comunidade. O livro faz parte do acervo da biblioteca e foi retirado da estante e entregue às pesquisadoras, como fonte para buscar informações significativas sobre a história do lugar. Conforme o livro – Entre dois tempos: um estudo sobre o bairro do Guamá, a Escola “Frei Daniel” e seu patrono –, a primeira forma de ocupação das terras próximas ao igarapé Tucunduba se refere a uma fazenda doada como sesmaria a Theodoretto Soares Pereira, em 1728. Durante o GF realizado naquela biblioteca, vários mediadores informaram que a biblioteca tem sido uma referência inclusive para historiadores da universidade pública que tem um *campi* nas proximidades porque é a única biblioteca que dispõe de exemplares de livros como esse que registram a história local.

São poucas as bibliotecas que têm um acervo específico, a exemplo da biblioteca CE10, localizada Fortaleza (CE), cujas coleções que compõem seu acervo são direcionadas para a pesquisa nas temáticas LGBT constituídas para atender a um público também específico.

Por meio da observação direta os pesquisadores de campo puderam confirmar a presença de livros didáticos na composição dos acervos da maioria das bibliotecas visitadas, evidenciando que ainda é pequeno o número de bibliotecas (18,3%) que reconhece que este é um recurso que não deve integrar os acervos das bibliotecas, pois se trata de material para uso em sala de aula e que, portanto, não tem utilidade em espaços não escolares.

Em relação ao tamanho dos acervos, foi possível identificar somente o quantitativo de livros impressos. Outros tipos de materiais e suportes, tais como filmes, discos, DVDs, jogos entre outros, apesar de comporem seus acervos, não são comumente quantificados nessas bibliotecas. No entanto, o fato de terem sido identificados como itens que compõem esses acervos demonstra que essas bibliotecas se constituem em espaços que vão além da cultura escrita e oferecem “uma variedade de materiais em diversos formatos” como prescrevem as Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas (KOONTZ; GUBBIN, 2012, p. 80).

Apesar de existirem BCs que se destacam em função do seu quantitativo de acervo, tal qual a DBA13, localizada no semiárido baiano, que informou ter mais de 120 mil livros, a maioria dos acervos dessas bibliotecas são relativamente pequenos. 47,6% contam com até 3.000 livros, 22,4% possuem coleções de livros que vão de 3.001 até 5.000 livros e 23,8% possuem mais de 5.000 livros. Essa distribuição está ordenada no gráfico 7.

Em relação ao tratamento técnico<sup>20</sup> é importante registrar os avanços que essas bibliotecas revelaram nesta pesquisa se comparado com pesquisas anteriores, a exemplo de Machado (2008).

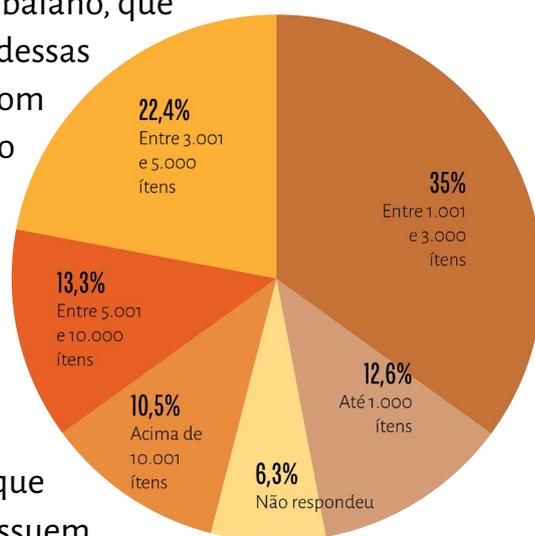
No tocante à catalogação, apesar de 81,1% afirmarem que fazem o registro bibliográfico de seus livros, nem todas possuem catálogos bibliográficos como meio de controle e difusão do acervo. São 64,3% as bibliotecas que afirmam possuir catálogos, sendo que 2,8% trabalham com catálogo em ficha de papel e 61,5% com catálogos automatizados a partir de *softwares* de gerenciamento de acervos. Dentre os *softwares* de gerenciamento de acervo citados se encontram o PHL, Sofia, Alexandria, Biblivre e Biblioteca Fácil. Além disso, 28% das BCs utilizam listagens manuais em papel para fazer o controle e o acesso ao acervo e 10,5% utilizam listagens em computador.

Quanto à classificação dos livros que formam as coleções dessas bibliotecas, 87,4% classificam seus livros utilizando sistema de classificação por assunto e/ou por cor. 32,2% informam adotar o Código de Classificação Decimal de Dewey (CDD) ou o Código de Classificação Decimal Universal (CDU) e 50,3% usam o sistema de classificação por cores para a literatura de ficção e poesia desenvolvido pelo CCLF<sup>21</sup>.

O arranjo dos livros nas estantes segue o sistema adotado na classificação: assuntos e/ou cores representando gêneros literários. Para os mediadores de leitura, responsáveis pelas atividades de leitura nessas BCs, o arranjo por cor é mais adequado para seu público, já que este é formado inicialmente por pessoas que têm pouca familiaridade com a leitura e praticamente nenhuma familiaridade com bibliotecas. Essa forma de organização física dos livros colabora nas ações desenvolvidas pelas bibliotecas e que são voltadas para a formação de leitores, pois gera maior autonomia para o interagente.

Dentre as BCs que não adotam sistemas de classificação foram identificadas 5,6% que fazem o arranjo dos livros nas estantes por tamanho.

Especificamente sobre as condições de armazenamento do acervo em estantes, um pouco mais da metade delas informou que possui estantes



**Gráfico 7.**

Distribuição das bibliotecas em relação à quantidade de itens do acervo – RA

Fonte: As autoras (2018).

**20.** Por tratamento técnico se entende a classificação, catalogação e o preparo físico dos documentos para empréstimo e armazenamento nas estantes.

**21.** O sistema de classificação por cores para a literatura de ficção e poesia, ordenado com dicionário e procedimentos controlados e orientados por um manual técnico, é o resultado de mais de 20 anos de estudos sobre organização de acervos literários e formação de leitores, realizados por Cida Fernandez, bibliotecária do CCLF, junto a bibliotecas de organizações comunitárias e escolares.

suficientes para comportar o material bibliográfico, 51,7%. Na tabela 5 se encontram os dados relativos ao quantitativo de estantes por BC:

46

Quantidade de estantes	%
Até 10 estantes	47,6
Entre 11 e 20 estantes	35
Mais de 21 estantes	15,4
Não respondeu	2,1

**Tabela 5.**

Distribuição das bibliotecas em relação ao quantitativo de estantes – RA

Fonte: As autoras (2018).

Apesar de não ser a maioria, na pesquisa de campo encontramos pelo menos uma biblioteca com estantes de madeira, com umidade e próximas de mesas com comida, o que não é adequado para a preservação do acervo.

Vale destacar que em todas as bibliotecas que participaram dos GFs verificamos uma grande preocupação com a questão do acervo e também a apropriação de muitos aprendizados sobre técnicas e procedimentos para o tratamento dos documentos, com claras referências aos processos formativos do Programa Prazer em Ler. Destacamos, ainda, o sistema de classificação por cores, o modo de organizar os livros nas estantes e a existência de pessoas empenhadas na realização dessa tarefa. Entendemos que esse é um grande ganho que foi incorporado no cotidiano das BCs. As tarefas que envolvem a organização e tratamento do acervo são realizadas de maneira colaborativa por mediadores de leitura e gestores, com apoio de bibliotecários. É importante registrar que as bibliotecas parceiras do Programa Prazer em Ler, hoje organizadas em redes locais, vêm integrando pelo menos um bibliotecário para dar suporte a cada uma das redes locais.

O discurso dos gestores e mediadores de leitura dessas bibliotecas incorporou termos técnicos, conhecimento dos títulos, estabelecimento de critérios de qualidade. Esses aspectos passaram a fazer parte da postura, da atitude, da identidade profissional dos mediadores e mediadoras de leitura. A presença dos bibliotecários pode ser entendida como um fator que contribuiu para esse crescimento profissional das equipes que atuam nesses espaços.

Por meio dos registros dos GFs e dos diários de campo preenchidos com observações realizadas durante a visita às bibliotecas, foi possível perceber na forma de organização dos acervos uma atenção especial às crianças. São recorrentes os relatos de estantes adaptadas para mostrar as capas dos livros e cantinhos organizados para acolher as crianças.

Na biblioteca PEO6, onde ocorreu o GFO9, o ambiente estava organizado, as estantes com os livros em seus lugares, alguns móveis novos, cantinho para as crianças na pequena sala de entrada com mesinhas, cadeiras e jogos. Outro exemplo que vale destaque é o da biblioteca CEO4, onde ocorreu o GFO8, que

em algumas estantes, especialmente onde ficam expostas as obras de literatura infantil, os livros também ficam com as capas à mostra, como se estivessem se apresentando aos leitores. A mediadora de leitura explicou que frequentemente ela faz a troca dos livros que ficam à mostra, sempre com o cuidado de dar destaque para os títulos que ela gosta, de forma a que possa atrair e realimentar a curiosidade dos leitores.

Foram constatadas também correlações entre aquelas bibliotecas cujo objetivo principal é formar leitores e uma organização maior dos acervos<sup>22</sup>.

Conforme distribuição espacial e que obteve valor estatístico, as bibliotecas que explicitam sua meta de formar leitores e que realizam mediação de leitura são também aquelas que informam mais frequentemente que adotam sistemas de classificação, estabelecem critérios de seleção na compra ou recepção de doação de livros, praticam o descarte e incluem interagentes nos processos de escolha do acervo.

Nesse contexto é importante registrar também que no universo pesquisado são as bibliotecas do PPL (65% das bibliotecas) que se encontram em estágios mais avançados de organização e tratamento do acervo, conforme pode ser verificado no gráfico 8.

O diferencial das bibliotecas vinculadas ao PPL/RNBC indica que houve uma apropriação por parte desses grupos quanto a diversas técnicas de organização e tratamento de acervos, o que certamente está associado aos investimentos continuados na formação das equipes desse conjunto de bibliotecas.

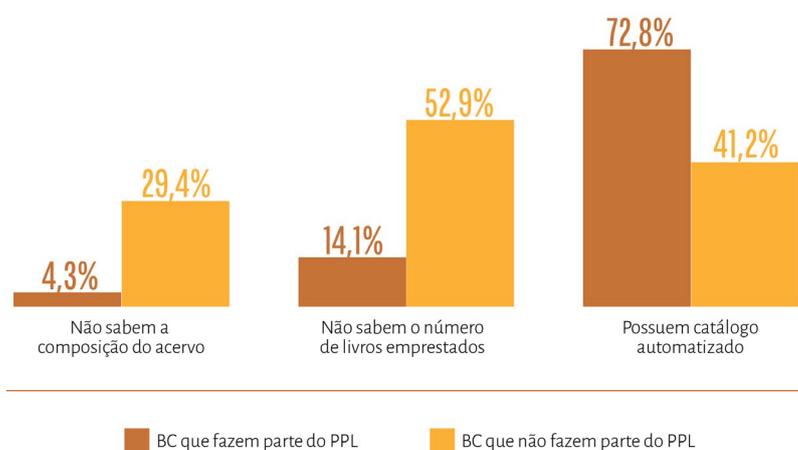
## Ações de mediação

Tendo em vista que as bibliotecas comunitárias não são um serviço oferecido pelos governos, municipais e estaduais, não fomos em busca de identificar os serviços prestados por elas, mas sim das ações, atividades, estratégias e táticas desenvolvidas que, de alguma forma, impactam no processo de formação de leitores. Pinto (2013), ao discutir a biblioteca comunitária como um dispositivo de ação cultural, defende que são essas ações que justificam sua existência e afirma que, estando ela inserida num contexto cultural, esse contexto jamais poderá ficar desconectado da política de ação cultural dessa biblioteca.

### Gráfico 8

Comparativo entre BCs que participam do PPL/RNBC e BC que não participam

Fonte: As autoras (2018).



**22.** Tal correlação se expressa na distribuição das bibliotecas em um espaço hipotético, quando cruzadas todas as variáveis, que nesta pesquisa envolveram as dimensões: espaço e infraestrutura, acervo, mediação, interagentes, gestão. Todas essas dimensões foram colocadas em confronto com as respostas dadas à questão geral: Quais os impactos da BC na formação leitora?

A partir de uma questão com múltipla escolha estimulada presente no questionário foi possível identificar que a contação de histórias com livro se destaca como a atividade de mediação mais presente nas bibliotecas participantes (90,9%), seguida do empréstimo de livros com 90,2% das BCs oferecendo esse serviço, conforme pode ser conferido na tabela 6, apresentada a seguir:

Atividade	%
Brincadeiras e jogos	69,9
Contação de histórias com livro	90,9
Contação de histórias sem livro	67,1
Desenho e pintura	67,1
Empréstimo de livros	90,2
Leitura fora da biblioteca	73,4
Oficinas temáticas	71,3
Pesquisa escolar	61,5
Recital e saraus poéticos	60,8
Rodas de leitura	70,6

**Tabela 6.**

Distribuição das bibliotecas por atividade oferecidas às comunidades—RM/Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

Por meio desses resultados, mais uma vez se confirmou que as bibliotecas não se circunscrevem aos seus espaços físicos internos, já que 73,4% informaram que fazem atividades de leitura fora da biblioteca. Essa opção propicia o estabelecimento de uma ligação da biblioteca com pessoas que normalmente não a frequentam e reforça a ideia da intimidade da biblioteca com a rua e com o espaço de uso público, como já mencionado anteriormente. Ainda acerca dessa questão é interessante mencionar a biblioteca SPO5 que usa os jardins do cemitério, onde está sediada, como espaço contínuo da biblioteca para a leitura individual e compartilhada, bem como para a realização de brincadeiras, jogos, recitais e o próprio cemitério para realização de saraus e cortejo literário. Essa mesma biblioteca ainda dá ênfase para uma atividade que faz com muita frequência e que não havia sido prevista nas opções apresentadas no questionário, qual seja, o encontro com escritores.

Além disso, a oferta de oficinas temáticas (71,3%), rodas de leitura (70,6%), brincadeiras e jogos (69,9%), contação de histórias sem livro (67,1%), desenho e pintura (67,1%), apoio à pesquisa escolar (61,5%), recital ou sarau poético (60,8%) também aparecem com uma alta frequência.

Os dados relativos às mediações que impactam diretamente a formação de leitor serão mais detalhados no capítulo 5, que trata especificamente da mediação de leitura.

A caracterização das BCs pesquisadas quanto à gestão identificou questões que envolvem a estrutura organizacional, os mecanismos de gestão, o pessoal que atua nessas bibliotecas, horário de atendimento, formas de divulgação, parcerias e forma de obtenção de recursos, o que envolve a sua sustentabilidade.

A maioria, 75,5%, não possui organograma, revelando o fato das estruturas organizacionais dessas bibliotecas serem muito pequenas a ponto de dispensarem esse tipo de instrumento. 20,3% possuem organograma e 4,2% não souberam responder.

Ignoradas pelo poder público, para sobreviver procuram estabelecer uma relação íntima com o território e com a população local. Para tanto, uma das estratégias que se evidencia é a da gestão participativa. Entretanto, existem dois tipos de participação: o da gestão participativa onde a natureza da participação é consultiva e o da gestão compartilhada, entendida como os espaços em que a participação é deliberativa, ou seja, há um compartilhamento das decisões.

Assim, 81,1% afirmam adotar mecanismos de gestão participativa contra 18,9% que não adotam ou não responderam. Das BCs que indicam adotar mecanismos participativos, 37,1% das bibliotecas dispõem de conselhos consultivos. Destas, somente 19,6% das BCs envolvem o público e os parceiros nas discussões e 44% declaram possuírem mecanismos deliberativos. Dentre as que adotam mecanismos deliberativos (21%), pouco menos da metade envolve o público e os parceiros em suas deliberações, conforme tabela 7 apresentada a seguir:

<b>Estantes</b>	<b>%</b>
Conselho consultivo formado pela equipe interna	17,5
Conselho deliberativo formado pela equipe interna	23,1
Conselho consultivo formado pela equipe interna, público e parceiros	19,6
Conselho deliberativo formado pela equipe interna, público e parceiros	21
Não possuem conselho/Não souberam responder	18,9

**Tabela 7.**

Distribuição das bibliotecas em relação aos mecanismos de gestão participativa – RU/ Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

A presença de conselhos deliberativos nas bibliotecas se configurou como um fator que está correlacionado ao reconhecimento de que a BC é um espaço privilegiado de formação de leitores e ocorre em bibliotecas que reportam a disponibilidade de espaços diferenciados para atividades de mediação e que funcionam há mais tempo. Esse é um dado relevante, pois aponta para a importância das relações entre formas de gestão participativa e a ocorrência de impactos na formação de leitores.

Além de mediadores de leitura, as BCs contam com outros profissionais atuando em seus espaços de leitura, tais como bibliotecários, coordenadores, facilitadores de oficinas, entre outros. No que tange a esse quantitativo de pessoas, é possível conferir que mais da metade delas, 65% das BCs contam com até 5 pessoas no quadro de profissionais. 30,1% contam com mais de 5 pessoas trabalhando em suas bibliotecas e 4,9% não souberam responder, conforme pode ser observado no gráfico 9.

Há casos em que os jovens são apontados como os gestores da biblioteca, como é o caso da SPO5 que coletivamente se autodenominam Escritureiros.

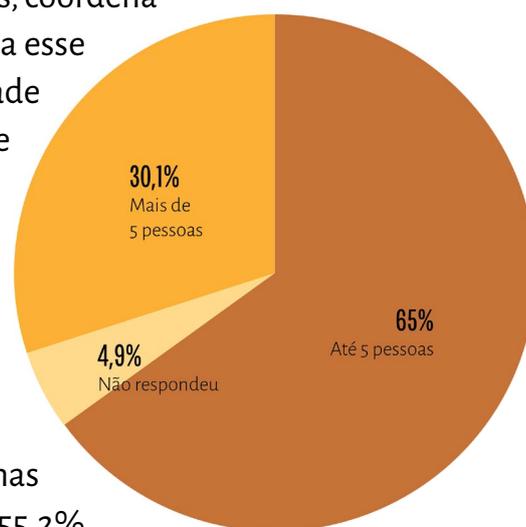
Em relação aos critérios para a inclusão de profissionais nas bibliotecas, os dois mais apontados foram “ser leitor”, por 55,2% das BCs, e “saber lidar/gostar de lidar com o público”, por 14,7% das BCs. Além desses 2 critérios que indicam as prioridades visando a qualidade da atuação, outros aspectos foram apontados com menor frequência, tais como: compromisso e disponibilidade de tempo, entre outros. Esses critérios corroboram, mais uma vez, a prioridade que a maioria das BCs participantes do estudo dão à formação de leitores.

Importante registrar que optamos pelo uso do termo equipe no lugar de funcionários, por dois motivos:

1. mesmo existindo bibliotecas que contam com profissionais registrados em carteira de trabalho, a maioria atua de forma voluntária ou por projeto, ou seja, são remunerados com recursos recebidos para o desenvolvimento de atividades específicas e por um tempo determinado;
2. os mesmos quando contratados, não se reconhecem como funcionários e sim como integrantes de uma iniciativa coletiva. Os dados relativos à caracterização dos profissionais da equipe que atuam como mediadores são apresentados e analisados no capítulo 4.

Quanto ao horário de abertura e atendimento das BCs foi possível conferir que há uma grande variação nos horários e no total de horas abertas durante a semana. 79,7% abrem de segunda a sexta-feira, 16,1% abrem alguns dias por semana, 7% abrem em horário noturno, 20,1% abrem sistematicamente aos sábados, enquanto 2,8% abrem quinzenalmente aos sábados, 7% abrem também aos domingos, enquanto que 2,8% não têm horário definido.

Um indicador de que as BCs estão cada vez mais organizadas é o fato de estarem se dedicando à construção de materiais de apoio à rotina do trabalho dentro da biblioteca, como é o caso dos manuais de procedimentos. 49,7%



**Gráfico 9.**

Distribuição das bibliotecas em relação à quantidade de pessoal – RA

Fonte: As autoras (2018).

possuem manuais contra 46,2% que não possuem. 4,2% das BCs não souberam responder.

A preocupação com a comunicação também foi identificada nesta pesquisa e a forma de divulgação de seus serviços e atividades culturais são diversas, como pode ser conferida na tabela 8:

Meios e lugares de divulgação	%
Escolas	85,3
Folhetim e materiais impressos	67,1
Igrejas	35,7
Jornais locais	36,4
Redes sociais virtuais	91,6
Reuniões na comunidade	58,7
Veículos de som	37,8
Não faz divulgação	2,8

**Tabela 8.**

Distribuição das bibliotecas em relação aos meios/locais de divulgação – RM/Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

Destacam-se na forma, meio e lugar de divulgação as redes sociais com 91,6%, seguidas das escolas com 85,3%. Significativo também é o número de BCs que utilizam materiais impressos, 67,1%, e reuniões na comunidade, 58,7%, para divulgar seus espaços e serviços.

No que tange à comunicação há de se dar destaque para a rede Sou de Minas, Uai!<sup>23</sup> que desenvolveu um material representativo e identitário que dialoga com a cultura local. Bem como a RNBC que desenvolveu um portal para divulgar e relacionar as bibliotecas, ações e produtos que fazem parte da rede. Especificamente sobre os *sites* é preciso registrar a preocupação do grupo com a qualidade e atualidade dos conteúdos aliados à qualidade estética e visual.

Apesar de reconhecerem a importância da comunicação como um meio de diálogo com a comunidade, como bem pontuado por Feitosa (2014), as dificuldades com espaço, recursos financeiros e pessoal fazem com que algumas bibliotecas não façam divulgação, já que não possuem estrutura e condições para atender um número maior de pessoas.

O dia a dia das BCs lhes impõem um contato cotidiano com diversas instituições. Essas instituições manejam diferentes tipos de recursos que são indispensáveis para a sobrevivência das mesmas e o acesso a eles se dá por meio de parcerias. Especificamente quanto às parcerias, a maioria, 81,1%, informou contar com algum tipo de parceria contra 15,4% que não contam. 3,5% delas não souberam responder.

É significativo também o número de BCs que participaram de editais públicos nos últimos 5 anos. 76,2% das bibliotecas participaram e 65,7% foram

**23.** Endereço eletrônico: <https://www.soudeminasuai.com>. Rede de 8 bibliotecas comunitárias do Estado de Minas Gerais. Assunto a ser retomado no capítulo 6.

contempladas. Aqui novamente a ACM permitiu associar as bibliotecas que participaram de editais com mais condições de organização de espaço físico e de acervo, mais conselhos deliberativos e o maior reconhecimento das repercussões da biblioteca como espaço de formação de leitores.

Um pouco menos de um quarto, 21,7%, declara gastar até R\$ 1.000,00 por mês, enquanto que 14% declaram gastar acima de R\$ 5.000,00, conforme pode ser verificado na tabela 9, apresentada a seguir:

Custo mês	%
Até R\$1.000,00	21,7
Entre R\$ 1.001,00 e R\$ 3.000,00	30,8
Entre R\$ 3.001,00 e R\$ 5.000,00	23,8
Mais de R\$ 5.001,00	14
Não respondeu	9,8

**Tabela 9.**

Distribuição das bibliotecas em relação ao custo – RU

Fonte: As autoras (2018).

Os gastos apontados pelos respondentes nessa pesquisa se referem a despesas com aluguel, luz, água, telefone, materiais de escritório. Não foram incluídos aqui gastos com pessoal.

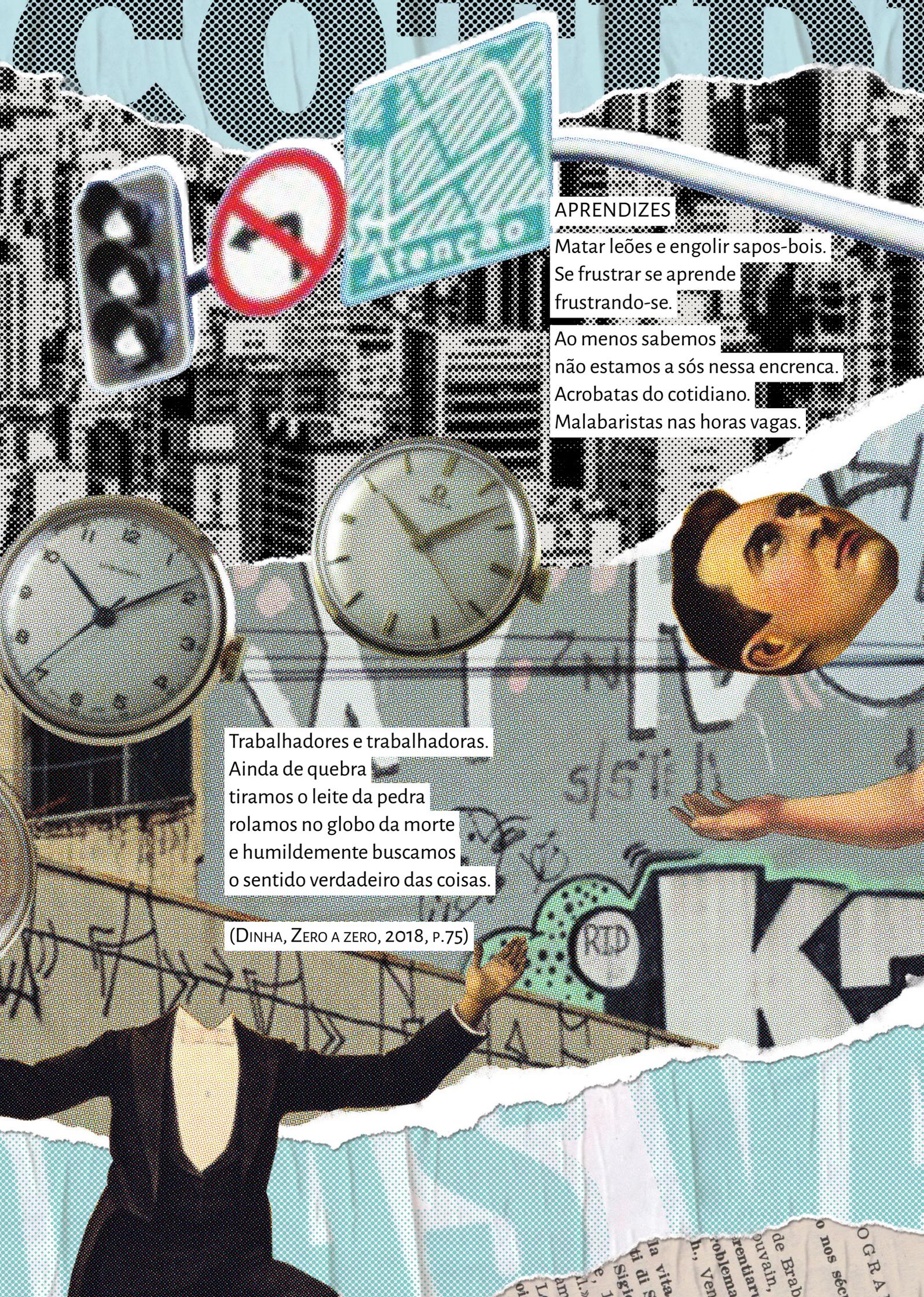
Os depoimentos de gestores de BCs revelam a preocupação com a busca de caminhos para a sustentabilidade dessas bibliotecas e os desafios que enfrentam para manter esses espaços e serviços abertos em seus territórios:

Porque eu faço muito a parte burocrática e pouco eu fico aqui, não é. Eu venho aqui pra fazer uma reunião, para buscar alguma coisa, pra fazer um planejamento. Eu ainda sou coordenador da biblioteca, mas eu, nem tempo pra isso eu tenho mais. Justamente, para tentar manter isso aqui funcionando. Então assim, o meu trabalho aqui é totalmente burocrático, externo de mobilização de recursos. Nós passamos um ano difícil. Não conseguimos, pela primeira vez não conseguimos aprovar um projeto o ano passado e isso começou a preocupar e o cenário político não está nada bom. Então, é bem possível essa pergunta [que a biblioteca possa fechar]. O C&A que a gente tá há 12 anos tá terminando. Felizmente, a gente conseguiu uma parceria com o Itaú que a gente não sabe até quando vai ficar também, mas o Ponto de Cultura que a gente tem também já tá terminando. Então, assim, a gente vive de projeto, o que mantém a estrutura de pessoas aqui é projeto. A gente sabe que não dá pra ser voluntário a vida toda. Eu fui voluntário aqui durante dois anos na biblioteca e no ano seguinte eu só ganhei 150 reais, que era uma ajuda de custo, então eu tinha que trabalhar em outro lugar. Então eu tive uma decisão muito importante na minha vida que foi o seguinte: pra

manter isso funcionando bem, eu tenho que me dedicar inteiramente aqui. Então eu larguei meu trabalho, minha segurança que eu tinha no outro emprego pra me dedicar inteiramente e, saí no escuro, assim, sabe. Eu não tinha nenhuma segurança, eu não tinha projeto aprovado, não tinha nada. Eu saí no escuro e comecei a me dedicar totalmente aqui (GF10).

80% das bibliotecas que declaram custo acima de R\$ 5.000,00 fazem aquisição de livros por compra, no entanto, um percentual significativo, 58,1%, das que declaram ter um custo de até R\$ 1.000,00 também informaram fazer aquisição por compra, o que confirma o esforço dessas iniciativas em oferecer um acervo de qualidade e atualizado. Reflexões complementares a respeito da sustentabilidade das bibliotecas comunitárias foram feitas mais adiante, no capítulo 6.

A avaliação é um componente da administração, portanto, também deve estar presente na gestão de bibliotecas. É um processo realizado tanto para solucionar problemas como para melhorar a tomada de decisão dentro de uma determinada organização. Nessa pesquisa não buscamos entrar em detalhes acerca dos tipos de avaliação realizada por elas, mas procuramos identificar se as mesmas têm a noção da importância desse mecanismo e se o aplicam. Os resultados apontaram para 71,3% das BCs que realizam algum tipo de avaliação, 28% que não realizam, e 0,7% que não responderam, ou seja, a noção de avaliação está presente na maioria das experiências pesquisadas.



APRENDIZES

Matar leões e engolir sapos-bois.  
Se frustrar se aprende  
frustrando-se.  
Ao menos sabemos  
não estamos a sós nessa encrenca.  
Acrobatas do cotidiano.  
Malabaristas nas horas vagas.

Trabalhadores e trabalhadoras.  
Ainda de quebra  
tiram o leite da pedra  
rolamos no globo da morte  
e humildemente buscamos  
o sentido verdadeiro das coisas.

(DINHA, ZERO A ZERO, 2018, P.75)

la vita  
ti di S  
e I  
Sigi  
pim  
«L»  
h. Ven  
problema  
rentiarr  
ouvain,  
de Brab  
o nos séc  
O G R A

# 4. INTERAGENTES E MEDIADORES: QUEM SÃO E COMO CHEGAM ÀS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS?

Neste capítulo, inicialmente esclarecemos os motivos que nos levaram a adotar o termo “interagente” no lugar de público, leitor ou mesmo usuário, para em seguida caracterizá-los e mostrar como são recebidos naqueles espaços. Os mediadores de leitura que atuam nas BCs também são apresentados, indicando quantos são, como e por que chegam à BC, qual o seu perfil (sexo, faixa etária e escolar) e há quanto tempo atuam nessa função. Os dados acerca de interagentes e mediadores nos ajudam a complementar a resposta à primeira questão da pesquisa, já tratada no capítulo 3, relativo a caracterização geral das BCs.

## Interagentes

Nesta pesquisa optamos por identificar os frequentadores das bibliotecas com a designação “interagentes” (CORRÊA, 2014; ALVES, 2017). Essa escolha não é uma mera arbitrariedade, pois está fundamentada numa concepção que reconhece nessas pessoas uma participação efetiva no cotidiano das bibliotecas, não se caracterizando como meros usuários de um serviço prestado ou como consumidores<sup>24</sup> que absorvem passivamente produtos culturais (CERTEAU, 1994). Também evitamos usar o termo genérico “leitores”, já que a inserção na biblioteca comunitária pode envolver outras formas de interação, embora a centralidade esteja nos eventos de leitura e de acesso ao livro.

Desse modo, entendemos que a caracterização desses interagentes é uma das dimensões que diferencia as bibliotecas comunitárias. Trata-se, portanto, de uma relação em que ambos – interagente e biblioteca comunitária – configuram os espaços, os eventos e as práticas que ali ocorrem e os eventuais

**24.** No diálogo com a equipe de pesquisadores de campo também ficou evidente que nas comunidades há uma forte associação entre os termos “usuário” ou “consumidor” e o consumo e o tráfico de drogas, o que faz com que nos territórios se evite também o uso desses termos.

“efeitos” que provocam. Assim, a relação entre interagente e biblioteca é mais dialógica, pois 56

[...] não se trata de um espaço onde vamos ‘construir’, ‘formar’ ou ‘qualificar’ leitores, senão aquele em que uma criança, um adolescente, pode muitas vezes descobrir o desejo de formar-se, construir-se, qualificar-se (PETIT, 2008, p. 163, tradução nossa).

Situada essa questão conceitual, passamos a responder à questão: **Quem são os interagentes da BC?**

Nos questionários respondidos obtivemos informações gerais sobre esse público, com dados sobre a quem a biblioteca dirige suas ações, qual a quantidade de pessoas cadastradas, como se distribuem entre homens e mulheres e que faixas etárias são atendidas.

Quanto à existência de um público, a grande maioria das BCs pesquisadas, ou seja, 95,1%, afirmaram que abrem para o público em geral, aproximando-se, desse modo, da definição de biblioteca pública no que se refere à heterogeneidade e abrangência em seu atendimento.

No entanto, devido à sua localização (como já foi tratado no capítulo anterior) é recorrente que seus interagentes sejam prioritariamente moradores dos bairros e que naqueles locais não existam outras bibliotecas ou equipamentos voltados à leitura. Como dizem algumas das mediadoras entrevistadas, ao falarem sobre a importância da BC em seus territórios:

Uma população carente com poucas oportunidades de acesso. O espaço se propõe a atender sem restrição nenhuma e oferece acolhida (SP03).

Numa comunidade como a nossa, que além da escola inexistente lugar/espaço que se fale em livros e leitura. Então, a realidade do sertão é que não há trabalho de incentivo à leitura. As famílias não têm hábito de comprar livros, ter livros como parte do cotidiano e/ou sua presença nas residências. Então, ter um espaço como o nosso (e que é raro) numa comunidade rural e ter uma dinâmica como fazemos, eu só posso acreditar que contribui para se ter uma comunidade leitora. Se não numa melhoria, mas um número significativo de pessoas que não são mais indiferentes ao livro (DCE01).

Esses interagentes são, portanto, pessoas que não têm familiaridade com bibliotecas e não dispõem de livros em seus ambientes familiares e, por vezes,

sequer nas escolas que frequentam, o que torna esses espaços singulares para eles, como expresso em depoimentos colhidos, tais como: 57

Sou frequentador da biblioteca desde a fundação. A primeira vez que vim pra cá foi pra fazer um trabalho escolar e foi uma cena muito engraçada. Eu e meu amigo a gente estava encantado [...]. A gente simplesmente se esqueceu do trabalho. Eu queria olhar todos os livros. Fui pegando cada livro: olha que legal! Meu amigo até falou assim: será que aqui tem todos os livros? Porque foi a primeira vez que eu entrei numa biblioteca. Aí F disse: a gente tem que fazer o trabalho. Eu disse: Pera aí, só mais um pouquinho. E fiquei olhando os livros e desde esse dia eu passei a frequentar a biblioteca (GFO4).

O público que frequenta a biblioteca não chega, portanto, já conhecendo quais os comportamentos esperados e quais os pactos de convivência em espaços como esses. É na BC que passam a entender o que é interagir com esse equipamento. Como afirmou o respondente da CE03:

Antigamente muitos entravam gritando, desarrumavam todo o acervo e brincavam ou brigavam dentro do espaço. Hoje eles possuem consciência quanto ao respeito ao espaço de leitura, tratam bem uns aos outros, durante a leitura permanecem em silêncio e atenciosos e ajudam outros leitores a também se comportarem de forma respeitosa.

No universo estudado, poucas bibliotecas indicaram que orientam suas ações exclusivamente para grupos específicos. Há, por exemplo, uma biblioteca dirigida ao segmento LGBT (CE10), outra que prioriza ações voltadas para moradores de rua e usuários de drogas (SP10) e uma que prioriza atuar junto a mulheres negras (SPO6). Essas opções indicam a vontade de garantir que grupos que são usualmente excluídos da cultura e da leitura possam ter acesso aos livros através da BC.

De um modo geral, as bibliotecas pesquisadas também atendem ao público que frequenta a rede escolar. Assim, 77,6% afirmam que há um direcionamento voltado ao atendimento das escolas de seu entorno e 57,3% dizem que recebem regularmente estudantes das escolas públicas de sua vizinhança. A escola se configura, portanto, como uma instituição para a qual se voltam diversas ações das bibliotecas comunitárias, o que sinaliza para o potencial complementar e de articulação em torno da formação de leitores entre essas duas instituições:

Porque está aberta a todos; contribui facilitando a leitura das pessoas; auxiliando no contato de novos livros; preservando a memória histórica do local; professores e alunos vêm em busca de documentos da cultura local (DBA06).

Em alguns casos, os interagentes prioritários da biblioteca são os beneficiários da instituição mantenedora da BC ou instituições parceiras, como ocorre com bastante evidência nos estados do Ceará e Maranhão, conforme depoimentos como:

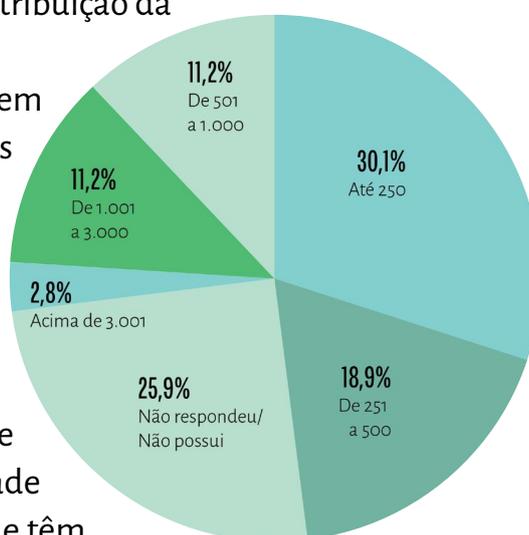
Observou-se um movimento regular de pessoas que sempre entram e saem da biblioteca para devolver livros e fazer novos empréstimos. Especialmente jovens, mães e crianças, atendidas pelos programas institucionais (GFO8).

[...] Esta biblioteca tem um trabalho com gestantes do qual o CRAS é responsável, pelo grupo de gestantes. É, esse grupo de gestantes, tem uns vínculos em relação à questão, que ele não é um grupo permanente, tem aquela rotatividade [...] E, com relação à importância da leitura pra essas gestantes, é de grande relevância, por conta da questão mesmo do fortalecimento do vínculo, com as crianças, porque algumas mães passaram a ler para as crianças, a partir da mediação de leitura. E, também com relação ao serviço de convivência que é executado aqui na instituição. A biblioteca está de portas abertas pra esse serviço de convivência, que também é um referencial do CRAS (GFO2).

Quanto à abrangência no atendimento das bibliotecas, identificamos que 60,1% têm registrado em seus cadastros até 1.000 pessoas e que 14% possuem mais de 1.000 pessoas registradas. O gráfico 10 indica a distribuição da amostra em termos de pessoas cadastradas.

É importante lembrar que o cadastro de interagentes em uma biblioteca controla os dados referentes aos registros das pessoas que podem acessar o sistema de empréstimos de livros, por exemplo, mas não traduz integralmente a circulação de pessoas nas diferentes atividades promovidas pela biblioteca.

Esses dados nos indicam um amplo contingente de bibliotecas que ainda não adota procedimentos de controle de cadastros (25,9%), o que pode traduzir certa informalidade em seu modo de funcionar. A existência de quase 50% que têm



**Gráfico 10.**

Distribuição das bibliotecas quanto ao número de interagentes cadastrados – RA

Fonte: As autoras (2018).

menos de 500 pessoas cadastradas pode indicar, ainda, que apesar de sua relevância, muitas bibliotecas não conseguem atingir um contingente amplo de pessoas no que se refere especificamente ao empréstimo de livros.

Por outro lado, podemos estar diante de uma “subnotificação” que reflete as questões de gestão já apontadas no capítulo anterior. Essa hipótese ganha força quando correlacionados fatores como o controle de pessoas cadastradas, empréstimo de livros e gastos mensais das bibliotecas. Os dados nos indicam que as bibliotecas que informaram ter gastos mensais de até mil reais por mês, são também aquelas que têm maiores índices de ausência de controle de pessoas cadastradas (38,7%) e que não sabem indicar quantos livros são emprestados mensalmente (45,2%).

Ainda pensando na caracterização dos interagentes das bibliotecas, na maioria dos questionários os respondentes afirmaram que existia uma proporção em torno de 60% de mulheres para 40% de homens atendidos. Somente 9% das bibliotecas indicaram que havia uma proporção maior de homens entre seus interagentes e 10,4% afirmaram que a proporção de atendimentos é equilibrada (50% de homens e 50% de mulheres). A BC CE10 se recusou a responder a essa questão, indicando que seu público LGBT não se define, necessariamente, a partir dessa relação binária (masculino/feminino). A distribuição do público das bibliotecas entre homens e mulheres se aproxima do que vem sendo apontado nas diferentes edições da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em que aparece uma ocorrência de mais mulheres que homens entre os leitores.

Quanto à faixa etária, o público mais atendido tem entre 14 e 18 anos (94,4% das BCs) e a faixa menos atendida tem acima de 65 anos de idade (42,7%). Crianças pequenas (menores de 6 anos) e também aquelas em idade escolar (6 a 13 anos) são todos atendidos em mais de 80% das bibliotecas pesquisadas. A tabela 10, apresentada a seguir, registra a distribuição etária dos interagentes das BCs pesquisadas.

Faixa etária dos interagentes	%
Até 6 anos	84,6
Entre 7 e 13 anos	93
Entre 14 e 18 anos	94,4
Entre 19 e 30 anos	82,5
Entre 31 e 64 anos	80,4
Acima de 65 anos	42,7

**Tabela 10.**

Distribuição das bibliotecas quanto à faixa etária dos interagentes – RM/Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

Os registros em diários de campo dos pesquisadores indicam que, embora as bibliotecas atendam diferentes grupos etários, proporcionalmente é o grupo

infanto-juvenil o mais presente nas BCs. Por um lado, o horário de funcionamento pode ser um fator explicativo desse perfil. Por outro, a própria representação social de biblioteca como um local de estudo ou de lazer pode influenciar nessa tendência a atingir os mais jovens, que mais facilmente reconhecem o espaço como seu e aderem à programação ofertada na biblioteca.

## Recepção e abertura para novos interagentes

Podemos dizer que os modos como as BCs recebem seu público também são características que diferenciam essas bibliotecas, como trataremos a seguir.

Como sabemos, existem muitas infâncias e juventudes e aquelas vivenciadas pelos jovens frequentadores das BCs são marcadas, muitas vezes, por sociabilidades como as descritas por alguns um participante do GF09:

[...] Ali a gente podia ser criança; podia se esquecer da rua, da violência e entrar na história.

No GF01, as pesquisadoras chegaram a presenciar a chegada de uma criança que havia sido espancada na noite anterior e foram informadas que essa situação é recorrente, havendo, inclusive, crianças que procuram a biblioteca também como um lugar de abrigo.

É nesse contexto que os adultos que atuam nas bibliotecas se tornam referências positivas, como dizem alguns jovens que estavam presentes no GF09:

[...] Era muito mágico chegar e encontrar pessoas que recebiam e motivavam a gente, davam atenção.

[...] sempre tinha alguém pra dar atenção, estimular, mostrar os livros, chamar pra fazer tarefa junto, conhecer as histórias. Era bom chegar no lugar, sentir, sentar, ver onde a história vai acabar.

Essa conduta receptiva também se traduz em atitudes assumidas por mediadores e gestores das BCs em relação ao próprio acervo e sua conservação, como foi capturado num relato registrado no diário de campo do GF09. Segundo relato da coordenadora da biblioteca, houve um episódio marcante em que ela percebeu que uma criança se interessou particularmente por um livro e voltava todos os dias para manter contato com ele. O livro era “Ou isto aquilo”, um clássico da literatura infantil, de Cecília Meireles. Depois de alguns dias, a coordenadora percebeu “que o livro estava ficando magrinho”. Passou a folheá-lo e constatou que as páginas estavam sendo arrancadas. A garota

simplesmente estava retirando as páginas dos poemas e levando-as para casa. A coordenadora se emocionou e passou a se perguntar: – “por que não percebi antes e não emprestei o livro pra ela levar pra casa?”. A menina era uma jovem que estava presente no GF e neste momento lembrou que se apaixonou pelo livro, porque através dele começou a se interessar profundamente pela poesia e afirmou: – “queria levá-lo para casa, mas não sabia se era possível levar livro emprestado”. A jovem ficou emocionada ao lembrar que a coordenadora não brigou com ela e, pelo contrário, incentivou-a a levar outros livros e a conhecer outros poemas. A menina concluiu que a biblioteca foi fundamental para quem ela é até hoje.

A acolhida às demandas de leitura e um cuidado individualizado com os interagentes está registrado no depoimento de outra mediadora, ao afirmar que:

Tá com dois anos que leitores daqui eles fazem vestibular [...] e todo ano ela passa de dois a três livros. O que é que eles fazem. Eles mandam pelo whatsapp. Tia, você tem o livro tal e tal [...]. Aí quando, a gente não tem eu digo. Meu filho, não se preocupe que nós vamos já procurar onde é que tem e nós vamos providenciar e obter esse livro pra você ler. Então é outra maneira também que é importante, pra gente, devido a isso, não é. E a gente já tem também esse link com a comunidade (GF02).

Mediadores e interagentes não somente se conhecem e reconhecem; também desfrutam de laços afetivos e de proximidade, como diz uma jovem frequentadora da biblioteca:

É uma coisa de amizade. Você faz amigos. Não tem como você entrar no espaço sem fazer um amigo. Você faz amigos. [...] Os meninos não são da minha família, mas é como se fossem. Porque a gente conversa como uma pessoa que a gente se sente à vontade, independe de ser da família ou não (GF05).

Essa marca distintiva da BC, como lugar de pessoas acolhedoras, que estão disponíveis e que estão dispostas a estabelecerem relações afetivas próximas, também foi identificada nas pesquisas conduzidas por Michele Petit, no contexto francês em bibliotecas públicas. A pesquisadora relata que as lembranças deixadas pela participação nas bibliotecas localizadas em bairros ditos “sensíveis” são principalmente da presença de alguém que “manifesta à criança, ao adolescente, e também ao adulto, uma disponibilidade, uma recepção, uma presença positiva e o considera como sujeito. [...] Tudo começa com uma hospitalidade” (PETIT, 2009, p. 48).

Além das pessoas, os próprios ambientes das BCs também são descritos como locais que acolhem, que estão abertos a receber seus interagentes, oferecendo-lhes referenciais positivos e que oferecem livros, histórias e ambientes:

[...] sem burocracia, desenvolvendo atividades de leitura e literatura de forma lúdica. Outro fator é o espaço agradável, que convida o leitor (SPo4).

A biblioteca para mim era como uma segunda casa; um lugar para onde eu vinha e me sentia muito à vontade. Só que era uma casa cheia de histórias (GFo9).

O ambiente acolhedor está, portanto, associado à programação oferecida, com destaque para as histórias, os livros, a literatura. Além disso, na BC também ocorrem outras atividades que atraem o público para aquele espaço. Como disse uma participante do GF10:

[...] a biblioteca da gente é totalmente desconventional, das bibliotecas que a gente conhece do centro, onde as pessoas chegam no balcão, pegam o livro lá no balcão, não têm acesso ao livro ou que não pode fazer zoadá. É uma biblioteca que você chega lá especificamente pra ler, aqui tem dança, tem teatro, capoeira, tem leitura, tem roda de diálogo, cinema de debate, cinema pra criança. Tem atendimento à saúde. Então é uma biblioteca bem diversificada, bem diferente das outras bibliotecas, como eu tou dizendo.

À marca de ser um local receptivo ao frequentador da biblioteca se agrega outra: a busca ativa por novos frequentadores. É comum encontrar nas bibliotecas pesquisadas uma preocupação com a conquista de novos interagentes, especialmente os adultos, a exemplo da fala de mediadoras:

A gente tem esse trabalho constante de estar estimulando essa leitura, não somente nas crianças que é o nosso maior público, mas nos adultos, nos pais, nos adolescentes e é um trabalho constante que a gente vem fazendo na comunidade (GFo2).

Uma vez no mês compartilhamos leitura com os pais. Na primeira vez, tinham dez pais, nessa última, tinham 40 pais. Agora estamos fazendo leitura de família, que começa com o livro que a criança leva; a mãe, o pai acabam descobrindo o livro, que passa pela família toda (GFo3).

A conquista dos adultos, muitas vezes se dá com a intermediação das crianças e jovens. Durante os GFs, ouvimos vários depoimentos de mães que afirmaram que seu contato inicial com a biblioteca foi para trazer os filhos e que, aos poucos, passaram também a buscar leituras próprias:

Frequento a biblioteca desde que minha criança era bebê. O bebê foi crescendo, depois aprendeu a andar, e hoje, já grandinha, continua vindo comigo pegar livros, conhecer as histórias. [...] O bebê cresceu e seu crescimento vai caminhando junto com a biblioteca. É muito bom ter a biblioteca tão perto de casa, poder frequentar pegar os livros, ler sozinha e junto com minha filha (GFO8).

R. ela é um exemplo aqui da nossa biblioteca, porque quando ela iniciou vindo pra biblioteca ler, vinha só ela. Ela tem um irmãozinho menor. Então, só vinha ela. Ela vinha para a seção infantil e depois ela começou vindo com o irmão dela. Só ela tinha carteira. Aí o irmãozinho dela, vinha com ela, aí ele lia direto só com as imagens, livros de imagens e depois ele passou pros quadrinhos e aí veio a mãe deles com eles e nós fizemos a carteira da mãe dela. Então ela pegava dois livros, a mãe dela pegava dois livros e ainda pegava, de quebra, pro irmão. Então, a família começou vindo. Depois que ela começou, o irmão dela começou a ler, a mãe dela começou a ler, veio o pai. Então, a família dela vem toda pra biblioteca. Toda semana eles levam. Cada um leva três livros para casa no final de semana, ela, a mãe dela, o irmão e o pai dela. [...] Então, ela é um exemplo aqui da nossa biblioteca, porque ela começou, aí foi trazendo o irmão, foi trazendo a mãe, foi trazendo o pai. Ou seja, a família dela toda é leitora, vindo pra cá. Pra essa biblioteca. Toda semana eles estão aqui (GFO2).

Tinha uma avó que vinha trazer o neto, sentava, ficava ali esperando... aos poucos começou a pegar um livro pra olhar, agora ela vem, fica esperando, mas fica lendo. No começo se interessava pelos livros de receita, agora pega outros tipos de livro (GFO3).

A recepção e a conquista da comunidade para que interaja com a biblioteca são, portanto, características importantes desses espaços de leitura nas comunidades e são fruto, em grande medida, da atuação das equipes de mediadores de leitura, que apresentaremos a seguir.

## Mediadores de leitura

**Quantos são os mediadores de leitura? Como e por que chegam à biblioteca? Qual o seu perfil? Há quanto tempo atuam na BC? Qual o seu envolvimento com a biblioteca e com os interagentes?** Essas são as questões respondidas nesta seção.

No universo das 143 bibliotecas que participaram desta pesquisa, identificamos 349 mediadores de leitura que atuam nesses espaços.

A ação de mediador de leitura se caracteriza, essencialmente, por encontros. Encontro com um grupo que desenvolve um projeto social. Encontro com crianças, jovens e adultos que frequentam a biblioteca. Encontro com a leitura. Encontro com a função de educador/educadora. E, nesse processo, há investimento pessoal, engajamento, como expressa uma mediadora:

Eu cheguei aqui, eu já tenho 12 anos aqui. Eu cheguei pelo convite de um componente da biblioteca, que fez parte muito tempo [...]. Ele me convidou pra fazer parte dessa loucura toda. Então, eu meio que não acreditei, mas eu vim. Quando eu cheguei aqui percebi que podia ser algo investível. E aí eu entrei nesse mundo e aí eu estou aqui há 12 anos. E, eu não sei quando é que eu vou sair porque eu tou presa aqui dentro. Cada vez que eu vejo a nossa formação das crianças, quando ela entra pra aprender a ler e vai engatinhando, aprendendo a ler, vai com gibi, depois vai pro livro infantil, depois pro juvenil e depois você vê grande, já formado. É uma satisfação de você dizer, já tou velha, mas eu tou feliz (GF10).

A maioria das bibliotecas (64,4%) possui entre 1 e 3 mediadores de leitura, enquanto que 23,8% possuem 4 mediadores ou mais. Apenas 9,8% das 143 bibliotecas declararam não ter mediadores em seu quadro de pessoal, sendo que uma dessas informou que essa condição era temporária e justificou tal ausência pela falta de recursos, conforme distribuição que se evidencia na tabela 11, apresentada a seguir:

Quantidade de mediadores	%
0	9,8
1	18,9
2	29,4
3	16,1
4	11,2
5	10,5
6	0,7
7	0,7
17	0,7
Não respondeu	2,1

**Tabela 11.**

Distribuição das bibliotecas em relação ao quantitativo de mediadores – RA

Fonte: As autoras (2018).

Destaca-se nesse universo a biblioteca PAO2, localizada no Pará, que conta com 17 mediadores de leitura, sendo 4 deles contratados e 13 voluntários. Trata-se de uma biblioteca com mais de 20 anos de existência e com um amplo leque de parcerias dentro e fora da comunidade.

Se, por um lado, as equipes pequenas de mediadores podem indicar carência de pessoal para atuar na formação de leitores, por outro lado, pode favorecer o estabelecimento de vínculos próximos entre mediadores e interagentes, que se reconhecem nas ações cotidianas das bibliotecas. Mesmo onde há grupos maiores de mediadores, a proximidade com os interagentes é favorecida por outros fatores, como é, por exemplo, o fato de que muitos mediadores são também moradores da comunidade.

Nesta direção, identificamos que 57% dos mediadores são moradores da comunidade, têm algum envolvimento com movimentos sociais e demonstram interesse e disposição “com a causa da leitura”, como mencionado pela biblioteca RJ20. A porta de entrada na função de mediador de leitura é, muitas vezes, o interesse demonstrado pelas atividades promovidas na biblioteca, como expresso nas falas a seguir:

Comecei a frequentar aqui, acho que desde 2006. Nem sei. Eu passando aqui, moradora da comunidade, não sabia que tinha uma biblioteca na minha comunidade. Passei. Comecei a ler os livros daqui. Depois conheci as pessoas que me apresentaram a biblioteca. Sempre estavam em contato comigo. Em 2014, me chamaram para participar das ações daqui. E, aí eu acabei me apaixonando por mediação de leitura. (Ri). E fiquei até hoje (GF10).

Aqui eu amadureci bastante. Eu cheguei aqui como frequentador através de alguns amigos [...] e frequentei aqui os recitais de poesia e depois eu passei a integrar a equipe da biblioteca (GF04).

Na função de mediadores também encontram oportunidades para novas aproximações com livros, autores e práticas de leitura, como se evidencia nos depoimentos:

Sou mediadora de leitura desta biblioteca [...] Tou lendo no momento o livro de Josué Montello, “O baile da despedida”, que é um livro maranhense, de um autor maranhense. Então, a gente tá fazendo isso. Lendo os livros maranhenses para que possamos também dizer do lugar, esse é bom, porque esse é o pedido deles: Eu não sei qual é o que eu quero. Me indica um livro que seja bom! Então, a gente faz isso. Lê um pouquinho de cada para poder dizer. Oh, esse é bom pra tua idade!

Esse aqui fala sobre Josué Montello. O livro que eu estou lendo, eu achei interessante, porque é um livro que fala sobre a nossa cidade. Descreve aqueles séculos, mesmo, bem antigos. A gente que já conhece a cidade, viajamos na hora lá, na história parece que a gente tá olhando tudo, porque já conhecemos essa parte (GFO2).

Essa coisa diária, até pelo meu trabalho também que é a mediação de leitura, então eu tinha que começar a ler de um jeito ou de outro, mas o engraçado foi que eu fui começando a gostar. Pegava uns livros infantis, umas séries, o resumo do livro, nossa, parece legal. Vamos ver ele todo. E aí eu comecei a ler tipo mais do ano passado pra cá. É isso. Tô criando uma relação mais forte agora porque tem um acesso, você tem livros à sua disposição, então você vai passando e um dia você vai reparar eles. Essa coisa é muito importante das bibliotecas comunitárias delas estarem mais perto e eu até brinco com as meninas que tinha que ter uma biblioteca comunitária em cada esquina (GFO1).

**Além de serem leitores, muitos mediadores também se envolvem em práticas autorais de escrita. Na condição de mediadores de leitura, também se colocam como artistas da palavra: são poetas, escritores de histórias infantis, *blogueiros*. Como relatam alguns mediadores:**

Sou leitora, gosto de ler, escrever e contar história, tenho um blog, escrevo resenhas, com o trabalho na biblioteca acabei percebendo meu compromisso com o social (GFO8).

Criei uma história, escrevi e publiquei pelo Funcultura um livro (O menino balão), inspirado na relação com as crianças da biblioteca (GFO9).

Como eu citei antes, eu sempre tive influência literária [...] mas aqui foi um complemento muito grande, né, tanto que por acaso hoje, sou uma pessoa que tanto lê. Quando alguém vem dialogar, comigo, eu vi que tenho alguma coisa para falar. Também, porque os escritores, eles passam uma energia. [...]. Agora é minha vez de dar a minha fala. É, sou escritor, sou poeta e esse é um resumo da minha história literária e relacionada com o meu envolvimento com a biblioteca (GFO4).

Eu passei a ter o interesse de escrever poesia, inicialmente, e hoje a partir do que eu estudo, li, gosto de transformar em história para um público infantil, juvenil e a partir disso, já estou com 3 livros editados, publicados (GFO4).

Escrevo desde a época da escola, aqueles versinhos lá, sabe? (Ri). Sabe, aquele versinho de estudante, então desde aquela época da escola eu escrevo. Continuo escrevendo, hoje. Mas a inspiração não é igual a escritor. Quando bate uma loucura na cabeça eu escrevo e publico. Eu tenho um blog. Publico meus textos e tou começando a abrir eles (GF10).

É, portanto, seu interesse pela leitura e escrita que os aproxima da BC, porém é nela que também ampliam seus letramentos. E é na biblioteca que aprendem a ser mediadores de leitura. Tornar-se mediador de leitura é a decorrência da participação na BC<sup>25</sup> e das oportunidades de contato com livros e eventos de leitura que lá ocorrem. Como dizem alguns mediadores:

Eu conheci a biblioteca a partir da minha irmã [...] aí eu disse, vou pra lá ver. E terminei vindo aqui pra biblioteca. E, aí eu fiz trabalho aqui com a galera de mediação de leitura, através da equipe aqui, com as meninas, pra contar histórias. Fui aprendendo aos poucos as coisas aqui e pronto (GF10).

Isso, eu tinha os 17 anos. 17 anos, eu assim, encantado com o trabalho aqui do pessoal, eu cheguei aqui eu falei com D.: Eu queria trabalhar aqui com vocês. Até o pessoal fez uma reunião, decidiu me encaixar como colaborador. Aí eu passei a fazer trabalho voluntário aqui na biblioteca (GF04).

Como mediadores, estão dispostos a realizar diferentes atividades no espaço, são engajados em ações educativas e culturais e estão abertos a aprender as diferentes funções que irão desempenhar, conforme observado no GF08, quando a mediadora de leitura informou que alguns meses antes havia feito seleção para trabalhar numa função administrativa. Chegou a fazer entrevista, apresentar currículo, mas o perfil não foi considerado compatível. Tanto na entrevista como no currículo se evidenciaram os indícios de suas afinidades com projetos de leitura. E assim que surgiu a proposta de implantação da sala de leitura, com apoio do Instituto C&A, ela foi convidada e contratada pela instituição, passando a assumir o posto de mediadora de leitura. Ela de fato demonstrou ter uma grande intimidade com os livros: conhece bem o acervo, tem um senso acurado de referência de qualidade literária, assume com convicção e disciplina a tarefa de renovar os livros à mostra na estante para atrair a curiosidade e “alimentar a fome” dos leitores. Ela mencionou o receio que sentiu diante do desafio de assumir

**25.** Rogoff (1995) em seus estudos no campo da psicologia sociocultural identifica um modelo de “aprendizagem guiada” predominante em grupos sociais menos escolarizados e de estratos sociais menos favorecidos economicamente e que tem como marca o ensino através da participação colaborativa em atividades e não pela instrução formal.

formalmente a função de mediadora de leitura ao participar da primeira reunião do Programa Prazer em Ler e tomar conhecimento das expectativas do Instituto em relação às suas atribuições. Teve medo de assumir o que entendeu ser de grande responsabilidade, por achar que não estava à altura em face de sua pouca experiência e limites de conhecimento. No entanto, ficou evidente durante as falas, ao longo do procedimento do Grupo Focal, que a mediadora de leitura está muito bem situada na coordenação geral da biblioteca, lugar onde ela se sente à vontade e com o qual se sente plenamente identificada. Todas as falas enfatizaram o reconhecimento de sua dedicação e afinidade com a biblioteca, o que a deixou surpresa e emocionada por se perceber legitimada pelos interagentes.

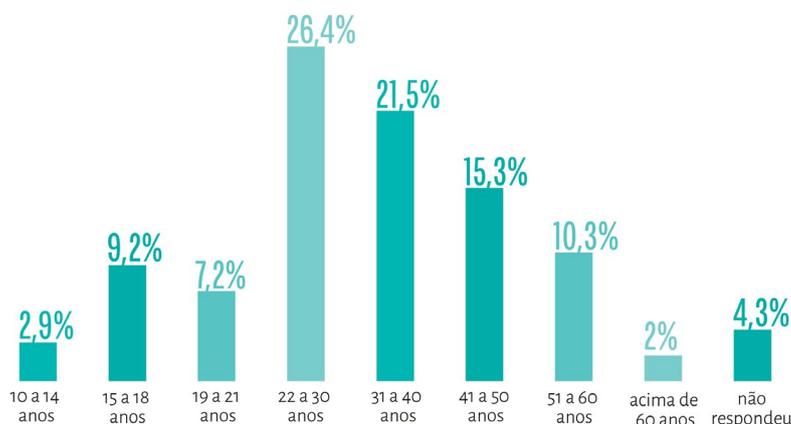
Os mediadores são, portanto, leitores e escritores, envolvidos com a comunidade, muitos foram frequentadores da BC antes de atuarem nessa função e aprendem na BC a fazer mediação de leitura. A BC é um local de formação que conecta com outras instâncias formativas e profissionais e é lá onde conquistam letramentos múltiplos, com oportunidades de vivenciar diversas práticas de leitura e de escrita. Como depõe um mediador, presente no GFO4:

Quem me conhece, desde adolescente sabe que eu gostava de ler, sempre gostei de ler. Aprendi a ter gosto pela leitura com a música, participando de bandas, e venho com a música desde adolescente e o gosto pela leitura, porque eu via as pessoas, eu dizia puxa, eu quero escrever, quero escrever bem e, para escrever bem eu tenho que ler. Então comecei a ler poemas. Me baseei muito em Moisés, que é um poeta que frequentava o Boca do Lixo e aí em 2011, aconteceu um episódio, não é grave assim e o Vinícius disse: olha, tu tem um potencial melhor, tem que ir para um lugar melhor, está se perdendo e me trouxe para aqui, para a biblioteca. E, foi quando eu comecei a frequentar, em 2011. Eu fiquei como voluntário em alguns projetos com Rogério. A gente chegou a ir pra escola. Um projeto extrabiblioteca escolar. E daí eu comecei. Eu não tinha ideia do que era a Pedagogia. Eu sempre quis ser um professor de História, sempre gostei muito de história, história me fascinava, mas eu aprendi Pedagogia aqui na biblioteca. Rogério, Vinicius me ensinaram o que era Pedagogia e aí eu ingressei minha faculdade, sem nem ter condições de pagar e consegui, me formei. Hoje sou formado em Pedagogia. [...] E eu costumava dizer que aqui foi a base de tudo. Logo que entrei na faculdade, eu consegui ser estagiário aqui pelo Programa Manuel Bandeira e estou desde 2011, como estagiário, depois passei a ser gestor e agora passei 3 anos e meio fora. Fui pro Aldeias Infantis SOS. Fui educador social, lá. Saí e estou aqui de novo, no Boca do Lixo.

Em termos de um perfil dos mediadores, temos informações sobre sua faixa etária, distribuição entre homens e mulheres e escolaridade.

Dos 349 mediadores que atuam nas 143 bibliotecas pesquisadas, 45,7% são jovens na faixa etária com até 30 anos de idade. No entanto, as bibliotecas também têm equipes de outras faixas etárias, inclusive algumas pessoas acima de 60 anos, como pode ser observado no gráfico 11.

O fato de afirmarem que 12,1% dos mediadores são menores de 18 anos atuando nessas BCs, inclusive com 10 mediadores com idade inferior a 15 anos, precisa ser esclarecido, uma vez que não significa que essas crianças ocupam essa função como um trabalho sistemático nas BCs. O reconhecimento desse grupo como mediadores indica que algumas bibliotecas adotam como estratégia a formação de mediadores de leitura direcionada aos seus frequentadores, incluindo as crianças e adolescentes. Essa compreensão pode ser identificada em alguns depoimentos, a exemplo de uma mediadora quando afirma que:



**Gráfico 11.**

Perfil etário dos mediadores de leitura – RA

Fonte: As autoras (2018).

A proposta é formar crianças mediadoras de leitura. Já foi formada uma turma de sete mediadores; [...] iniciam com o ciclo de leitura, vão subindo, subindo, até poder mediar leitura. [...] faz parte da cultura institucional as crianças fazerem mediação de leitura no início de qualquer atividade: aqui uma criança sempre lê uma história, faz uma mediação no início de qualquer atividade (GFO3).

Assim como identificado em outros estudos (MACHADO; PRADO, 2010), o contingente de jovens que atuam como mediadores de leitura nas bibliotecas tem repercussão na programação que é desenvolvida por algumas bibliotecas. Isto conduz à presença de manifestações da cultura jovem, envolvendo, por exemplo, a música e o teatro – sem perder o foco nas mediações de leitura – como ocorrem em bibliotecas localizadas na periferia de grandes conglomerados urbanos.

Quanto à distribuição por sexo, há nesse grupo uma predominância de mulheres (79%). Esse dado está em consonância com o resultado de outros estudos realizados com gestores de bibliotecas comunitárias (VIEIRA, 2007; SILVA, 2012) e também com estudos sobre bibliotecas escolares (PAIVA; BEREMBLUM, 2009), que apontam que esses espaços são ocupados majoritariamente por mulheres.

Em termos profissionais, as posições ocupadas por mulheres historicamente têm pouco prestígio social e, muitas vezes, encontram-se em condições de trabalho precárias. Por outro lado, sabemos que diversos movimentos sociais são liderados por mulheres e que a condição feminina acaba sendo um fator relevante na condução dessas articulações comunitárias, numa perspectiva de luta por direitos coletivos (SILVA; GOMES; LOPES; 2014).

Do grupo pesquisado, 90,8% dos sujeitos completaram o ensino médio, graduação e pós-graduação, o que indica acesso, permanência e progresso em termos de escolarização. A distribuição do grupo em termos de escolaridade está sintetizada no gráfico 12.

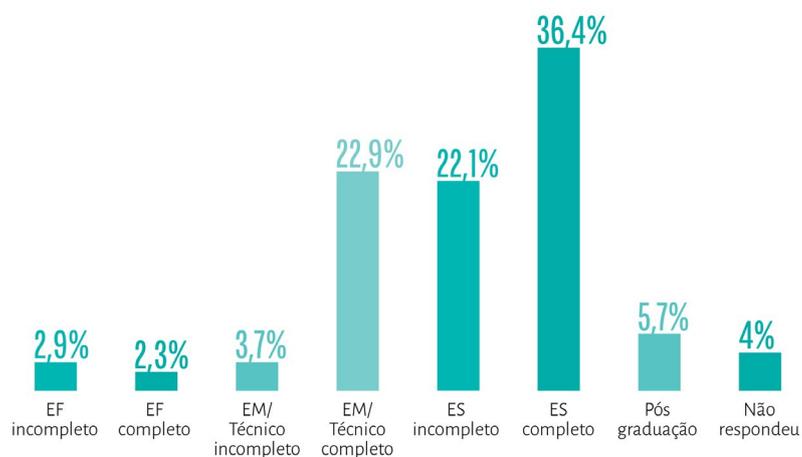
Considerando que existe um grupo de mediadores que tem entre 15 a 30 anos de idade (42,8%), podemos entender que esse perfil de escolarização indica que muitos deles ainda estão estudando, não constituindo, necessariamente, o ponto final em seu processo de formação escolar. Depoimentos coletados durante os GFs indicam, nessa direção, que a atuação na BC é, muitas vezes, simultânea a processos de escolarização da equipe de mediadores, inclusive influenciando nas escolhas por cursos superiores e de pós-graduação, como a formação em Ciências Humanas, Licenciaturas em diferentes áreas e Biblioteconomia:

Eu estou fazendo Letras, quero enveredar por esse caminho, da mediação de leitura, de contar histórias, eu gosto muito. E aqui posso aprender muito (GF03).

A biblioteca me incentivou a terminar os estudos, eu mediava leitura, fiquei com vontade de estudar, entrei para a universidade. Isso daqui é a minha vida hoje (GF03).

A biblioteca é um lugar que me incentiva a estudar. Fui fazer Serviço Social, estou estudando hoje por causa da biblioteca (GF08).

Veio a biblioteca na minha vida, eu vi a necessidade de ir buscar a universidade. De buscar uma graduação... Então, assim, me possibilitou de eu ir buscar uma formação. De começar a estudar. E, aí eu estudando



**Gráfico 12.**

Nível de escolaridade dos mediadores de leitura – RA

Fonte: As autoras (2018).

tenho que ler mais, tanto acadêmicos, como outros livros, como toda a literatura (GF05).

71

Hoje sou contadora de história e mediadora de leitura; faço pós-graduação na arte de contar história, uma especialização (GF03).

Confrontando o dado de escolarização das equipes de mediadores com indicadores mais amplos nos territórios em que as bibliotecas estão localizadas, percebemos que o grupo se caracteriza por um diferencial em termos de maior acesso e permanência no sistema educacional e, particularmente, de acesso ao ensino superior. Nas 45 cidades onde as bibliotecas pesquisadas estão localizadas, a média de acesso da população com 25 anos ou mais que tem Ensino Superior completo é de 10,9%, enquanto que nos dados desse grupo são 42,1%.

Por fim, entendemos que o tempo de atuação dos mediadores nas BCs também nos informa sobre quem é esse grupo. Quanto ao tempo de atuação há uma distribuição ampla, com períodos que vão desde inferiores a um ano até acima de 20 anos, conforme visualizamos na tabela 12.

Tempo de atuação	%
Até 1 ano	28,4
1 ano e 1 dia a 2 anos	19,8
2 anos e 1 dia a 4 anos	20,9
4 anos e 1 dia a 6 anos	10,3
6 anos e 1 dia a 8 anos	5,4
8 anos e 1 dia a 10 anos	5,2
Acima de 10 anos e 1 dia até 20 anos	7,4
Acima de 20 anos	1,4
Não respondeu	1,1

**Tabela 12.**

Distribuição de mediadores por tempo de atuação – RA

Fonte: As autoras (2018).

A maioria dos mediadores, 69,1%, tem um tempo de atuação nessa função de até 4 anos, o que indica a presença de mediadores que estão se iniciando na função, o que nos faz refletir sobre o papel que as BCs exercem na formação de agentes culturais em seus territórios. Se considerarmos, como ocorre na área da Educação, que no ciclo de vida profissional (HUBERMAN, 2000), pessoas com mais de cinco anos de experiência já estão em fase de consolidação de conhecimentos necessários à prática e em condições de atuar de forma mais autônoma, diversificando seu repertório de intervenções, esse dado indica que existe um contingente de cerca de um terço de mediadores nas bibliotecas que ao mesmo tempo é experiente e superou as fases mais vulneráveis, consolidando-se na função.

A existência de um grupo que ao longo de um período relativamente extenso se mantém nesse campo de atuação e nele situa sua identidade profissional mostra que há avanços nessa área. Aqui podemos supor que houve alguns elementos conjunturais que podem ajudar a entender esse dado. Por um lado, a implantação em 2006 do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), quando foram estabelecidas diretrizes para a formação de mediadores de leitura, num primeiro reconhecimento público, por parte do governo federal, dessa função em espaços de bibliotecas. Isso contribuiu para o surgimento de editais públicos voltados para BCs, inclusive com recursos destinados também ao pagamento de pessoal. Por outro lado, a articulação em rede, que envolve 65% das BCs pesquisadas e o apoio recebido pelo PPL, favoreceu sua sustentabilidade e, por consequência, a manutenção e formação de suas equipes.

O dado relativo ao tempo de atuação como mediadores de leitura também reforça a hipótese de que é na função de mediadores que essas pessoas consolidam essa identidade profissional que ainda está em construção em nosso país. Como nos lembra Ana Mae Barbosa, referência em arte-educação no Brasil:

O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. [...] Finalmente, Paulo Freire consagra na contemporaneidade a ideia de que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo. [...] A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte o público (BARBOSA, 2009, p. 13).

Conforme informado no capítulo 3, quando tratamos das questões que envolvem a gestão de pessoal, aqui vamos aprofundar as análises acerca dos dados relativos às relações de trabalho vivenciadas pelos mediadores de leitura. No campo da profissionalidade, quando perguntados acerca do tipo de vínculo estabelecido entre os mediadores e a biblioteca, foi indicada a existência de 50,4% mediadores que atuam como voluntários. Esta questão, no entanto, obteve um total de quase 20% de respostas em branco. Uma hipótese explicativa para a não resposta a essa questão (que comportava RA) pode ser a existência de ambiguidades nos vínculos estabelecidos entre os mediadores e as bibliotecas. A questão formulada no questionário parece ter criado uma situação que mobilizou a pensar e explicitar o vínculo entre mediador e biblioteca, o que nem sempre é expresso na vivência cotidiana no modo como solicitado no instrumento de pesquisa (LAHIRE, 1998).

Um mesmo grupo de voluntários pode, eventualmente, receber alguma ajuda de custo ou ser remunerado quando a biblioteca é contemplada com recursos de editais de fomento à cultura, por exemplo. Em alguns casos, os próprios mediadores são responsáveis pela escrita de projetos a serem submetidos a diferentes esferas de apoio financeiro. Noutros casos, há uma passagem da condição de voluntário para membro efetivo da equipe da biblioteca:

Eu já estou aqui há sete anos, vim como voluntária, ganhei um contrato (no Criança Esperança) pra fazer limpeza, manter limpo e organizado o espaço; comecei a frequentar o círculo de leitura e me tornei mediadora de leitura (GFO3).

Passei a frequentar como ouvinte; além de voluntária, sou frequentadora; meu filho também participa da biblioteca, tem cadastro, leva livro emprestado. Sou voluntária de J, aprendo a fazer mediação acompanhando J... quando ela precisa sair para resolver alguma coisa da biblioteca, eu já consigo substituí-la (GFO3).

Esses depoimentos revelam a existência de um perfil de mediadores que têm vínculos profissionais informais com as BCs, em muitos casos marcados pelo voluntariado e também por uma disponibilidade para atuar em várias frentes demandadas pela biblioteca. A vinculação se caracteriza por uma identificação e sentimento de pertencimento e que vai além de um mero contrato de trabalho, que traduz um modo de enraizamento da BC, como será discutido em capítulo adiante.

Esse conjunto de características – o modo de aproximação da biblioteca, o perfil etário, de gênero e de escolaridade, assim como o tempo de permanência – indica um perfil de mediadores de leitura cujo envolvimento com a biblioteca comunitária é diferenciado quando se compara com as bibliotecas públicas, que tem em seu quadro de profissionais pessoas que nem sempre têm relação ou intimidade com o território. Bastos e Romão (2010), em seu estudo identificaram que a atuação na biblioteca comunitária não está condicionada por uma regulamentação profissional e sim por vínculos afetivos, pelo compromisso político com melhorias para a comunidade e com a “bibliofilia”, ou seja, o amor pelos livros. Assim, o que distingue os mediadores de leitura é o “interesse e o desejo para atuar nas bibliotecas, e, ainda, a possibilidade de estabelecer vínculos” (BASTOS; ROMÃO, 2010, p. 11).

É importante observar, por fim, a presença de mediadores na própria origem de algumas das bibliotecas comunitárias. Assim, vemos bibliotecas que nasceram da iniciativa e determinação dessas pessoas (um misto de

educadores sociais, artistas populares, músicos, poetas, militantes) e que a construção de sua identidade profissional foi sendo forjada no processo de afirmação das ações das próprias bibliotecas comunitárias, seja na luta pela aquisição dos acervos, seja na busca de formação para qualificar as práticas leitoras, seja nas ações cotidianas para dar vida, movimentar e assegurar a continuidade da atuação das bibliotecas, tais como elaborar projetos, buscar recursos, lutar pela sobrevivência. A história de alguns mediadores está estreitamente vinculada à trajetória da biblioteca, como evidenciam alguns depoimentos:

Eu sou R. e estou como coordenador da BC [...]. Estou aqui desde a sua fundação e eu ajudei a idealizar e a montar essa biblioteca, quando a gente ainda era uns jovens que faziam trabalhos voluntários diversos aqui na biblioteca [...] a gente conseguiu esse espaço com a Associação dos Moradores e, um ano depois que a gente começou a construir essa biblioteca, [é] que a gente aprovou esse projeto no Instituto C&A, Prazer em Ler, que foi em 2006, no início do programa. Foi muita sorte da gente ter entrado. O programa de fato fez diferença entre todas as bibliotecas que tiveram apoio, nesse período. Como a gente tá aí de 12 anos de PPL, né? Então, é essa a minha relação que eu tenho com a biblioteca (GF10).

[...] a minha relação com a biblioteca, na verdade é desde a sua fundação. Quase, né? (Ri). É, desde 2013, na verdade. Desde que ela se tornou mesmo uma biblioteca comunitária, com acesso pra todos. E, aí eu sou também mediadora, dessa biblioteca (GF02).

[...] Tenho 51 anos e a leitura iniciou aqui conosco, desde 2006, como Espaço de Leitura [...], junto à Associação Católica, Associação de Escolas Católicas, foi que deu o primeiro passo pra que a gente trouxesse a leitura para as crianças. E, em 2013, com o Instituto C&A, iniciamos o trabalho com a biblioteca comunitária, onde foi reinaugurado (GF02).

Uma nuance que não é capturada pelos números, mas que foi bastante ressaltada nos diferentes dados coletados, é a proximidade entre a equipe de mediadores das bibliotecas e os interagentes. Podemos afirmar que os interagentes são bastante conhecidos pelos mediadores e equipe da BC em geral. O sentimento de pertencimento é mútuo. Por um lado, quem frequenta a biblioteca afirma que lá é sua segunda casa, um lugar acolhedor, um lugar de convivência e que identifica como seu. Por outro, mediadores têm muita familiaridade com as pessoas que frequentam o

local. Conhecem pelo nome, são vizinhos, participam das mesmas festividades no bairro, integram as mesmas lutas por direitos. Têm trajetórias similares na conquista do direito à leitura, como identificamos no depoimento de uma mediadora:

Eu costumava catar papelão, papel velho no lixo para vender e levar algum dinheiro pra casa. Foi quando encontrei um exemplar de Sidney Sheldon. Comecei a ler e fiquei maravilhada; a imaginação foi longe, me vi viajando no navio, criando na mente os cenários da paixão dentro do navio (GF09).

O *Guía para el estudio de usuarios y de la comunidad en bibliotecas públicas*, recentemente publicado pelo *Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe* (CERLALC) defende a necessidade de utilizar ferramentas para entender o entorno e captar as necessidades das pessoas que vivem no território das bibliotecas. Reafirmando os princípios do Manifesto da IFLA/UNESCO para bibliotecas públicas de 1994, afirmam que:

As bibliotecas públicas são, antes de tudo, um espaço público, aberto e democrático ao qual todos os membros de uma comunidade e seus visitantes, sem distinção de nenhum tipo, podem acessar de maneira livre e gratuita. É uma instituição que está em contato com seu entorno. Só adquire vida, toma um rumo e cumpre sua missão na medida em que consegue acionar as capacidades que se encontram em sua comunidade e chega a gerar novas oportunidades e habilidades em seu meio. [...] Para que a biblioteca pública dinamize sua comunidade e construa laços sociais onde possam estar debilitados, a inovação e, com este fim, o questionamento permanente das necessidades e expectativas das pessoas que utilizam nossos serviços e aquelas que poderiam utilizá-los (porém que, por algum motivo, não o fazem) constituem fatores decisivos (CHIUMINATO; LIPEIKAITE; OYARZUN, 2018. p. 5-6, 8).

Esse tipo de recomendação, importante e essencial para as bibliotecas públicas, pode ser considerada, em certa medida, redundante quando tratamos de BC, já que o conhecimento do “usuário” e da comunidade está na origem da biblioteca. É o que transparece no relato de uma mediadora, ao se referir a suas interações com frequentadores da biblioteca:

Guga de vez em quando ele vem aqui conversar comigo. Aí eu digo: Pega um livro. Aí depois a gente conversa, aí ele pega um livro, aí vai. Então, assim, a biblioteca ela fez, com que eu fosse mais além, assim, dentro da comunidade. Porque eu vou atrás. Vou na casa de fulano, sicrano, né? Pego um livro [...]. Eu digo, eu paro na rua, eu digo: Tu tá lendo o que? Eu tou lendo isso. É? Eu digo: Terminasse? Terminei não, mas eu vou levar. É isso, conversando mesmo com a comunidade, com os meninos, com o pessoal (GF05). 76

Por tudo que identificamos sobre interagentes e mediadores de bibliotecas comunitárias, entendemos que esses sujeitos definem, em grande medida, o que é uma BC, especialmente pelas formas de participação e interações que ali ocorrem, conforme discutiremos no próximo capítulo.



As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar.

Os livros são parentes diretos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros. Os livros são da família das nuvens e, como elas, sabem tornar-se invisíveis enquanto pairam, como se entrassem dentro do próprio ar, a ver o que existe para depois do que não se vê.

O leitor entra com o livro para o depois do que não se vê. O leitor muda para o outro lado do mundo ou para outro mundo, do avesso da realidade até ao avesso do tempo. Fora de tudo, fora da biblioteca. As bibliotecas não se importam que os leitores se sintam fora das bibliotecas.

(VALTER HUGO MÃE. CONTOS DE CÃES E MAUS LOBOS, 2015, P. 149)



# 5. FORMAÇÃO DE LEITORES NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS BRASILEIRAS

Este capítulo está centrado em duas das questões norteadoras da pesquisa: **Quais letramentos esperar como decorrência da mediação de leitura e escrita que ocorre em bibliotecas comunitárias? Como os frequentadores das bibliotecas comunitárias se apropriam das práticas leitoras?**

Para tratar dessas duas questões, inicialmente retomamos o elenco de estratégias de mediação de leitura identificadas na pesquisa e buscamos caracterizar os múltiplos letramentos decorrentes dessas práticas. Em seguida, discutimos as formas como os interagentes se apropriam das práticas leitoras e que outras aprendizagens são propiciadas nas bibliotecas.

## Estratégias de mediação e letramentos múltiplos

Em mais da metade das BCs, 67,8%, as atividades de mediação de leitura promovidas seguem um cronograma, e 59,4% dizem que há planos de trabalho que orientam tais ações. Esses dados, quando confrontados com aqueles relativos aos horários de funcionamento das bibliotecas (tratados no capítulo 3), indicam que as BCs prestam um serviço contínuo e intencionalmente planejado nos diferentes territórios onde se localizam, o que contraria as expectativas recorrentes de que espaços menos formais de educação e cultura têm formas assistemáticas de trabalho.

Há indicações, portanto, de uma rotina de trabalho que incide, regularmente, sobre a vida comunitária e que essas ações regulares visam promover aproximações com livros, com eventos de leitura e escrita. Como dizem alguns mediadores:

Antes vinham para a biblioteca porque queriam só brincar. Hoje já chegam procurando os livros, conhecem o acervo (RJO6).

Ela fomenta na comunidade o hábito leitor, colocando a biblioteca na rotina da comunidade (PE05).

Porque a biblioteca prioriza em suas atividades as ações que utilizam do livro como ferramenta levando em consideração as demandas do público e a oferta de uma programação diversificada (MGO2).

**A intencionalidade das ações da BC em suas ações de mediação de leitura<sup>26</sup> tem, inclusive, um direcionamento político, como afirma um mediador:**

Porque percebemos a mudança no posicionamento crítico e social do leitor. Através da leitura o leitor aprende a conhecer seus direitos, ampliando assim sua percepção crítica em relação à sua realidade (CE01).

**Através de suas ações de mediação as bibliotecas assumem, portanto, uma configuração enquanto “dispositivos estratégicos de transformação de consciências por meio da palavra” (PINTO, 2013, p. 24) ao colocarem a centralidade da leitura em suas intervenções, uma vez que:**

Entendemos e defendemos que entre todas as ações possíveis, a leitura, como prática social, é a base para se construir todas as outras ações. A leitura é o elemento primordial para que se estabeleça na favela um diferencial de informação e conhecimento, por isso, bibliotecas comunitárias devem, antes de tudo, engendrar ações para tentar formar leitores (PINTO, 2013, p. 33).

**Ao analisar o espectro de estratégias adotadas na programação realizada nas BCs percebemos a ocorrência de letramentos múltiplos<sup>27</sup> (STREET, 2007) que incidem sobre a vida das pessoas que frequentam a biblioteca, bem como da comunidade como um todo. Esses letramentos são entendidos numa perspectiva “ideológica”, ou seja, que reconhece sua dimensão política uma vez que “o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras” (STREET, 2007, p. 466).**

**26.** Nos diários de campo alguns pesquisadores registraram que nem todos os respondentes conhecem essa terminologia, principalmente aqueles que não participam de fóruns de incidência política nem se organizam em redes, como é a RNBC.

**27.** Adotamos aqui a terminologia advinda dos Novos Estudos em Letramento ao definirem que existe uma “a *multiplicidade de práticas* de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a *multiculturalidade*, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente. (ROJO, 2009, p. 109, grifo da autora).

Assim, identificamos dois conjuntos de letramentos propiciados nas BCs. No primeiro deles, situamos práticas associadas a “letramentos dominantes”, de maior prestígio social e que revelam o esforço para tornar a BC um espaço de inclusão e de conquista do direito a práticas de leitura que usualmente estão distantes das vivências cotidianas em seus territórios. Desta forma, as principais atividades realizadas pelas bibliotecas giram em torno da leitura literária e de textos informativos para apoio às tarefas escolares, num movimento que busca incluir os interagentes – oriundos de contextos de exclusão cultural –, em práticas letradas que têm prestígio social porque envolvem o livro e a cultura escrita dominante. Essas práticas aproximam a BC das bibliotecas escolares (CAMPELLO, 2003; ROSA, 2012), embora o contexto em que se situam permita que suas práticas ganhem configurações próprias, que se distinguem dos modos escolarizados de leitura literária.

Em segundo lugar, além dos letramentos dominantes identificamos que as BCs também acolhem “letramentos vernaculares”, ou seja, aqueles que têm origem na vida cotidiana e nas culturas locais, muitas vezes desvalorizadas e que se caracterizam como práticas marginalizadas e de resistência (ROJO, 2009, p. 102-103). Assim, a BC abriga diferentes manifestações da cultura popular e de massa, promove encontros de grupos culturais e artísticos, abre espaço para escritores e memorialistas locais e realiza uma programação voltada a jogos e brincadeiras com o público infantil.

No polo dos assim chamados “letramentos dominantes”, a mediação de leitura do texto literário é o modo mais frequente como as BCs atuam na formação de leitores. Essas mediações ocorrem, principalmente, em rodas de leitura, designação genérica que se dá a situações de leitura compartilhada. Em questão de múltipla escolha, essas situações foram nomeadas como contação de histórias com livros (91,6%) ou como leitura em voz alta de livros (70,6%). Nesta listagem também apareceram as rodas de história, sem a presença de livros (67,1%) e o recital ou sarau poético (60,8%).

Estas são formas de acesso a contos, histórias e ao texto poético, pela via da oralidade, todas com o elemento comum de ocorrerem num contexto em que há uma “transmissão vocal do texto” (BAJARD, 1994, p. 14), que é lido, declamado ou falado em voz alta. Como a pesquisa não adotou como procedimento de coleta a observação direta das práticas que ocorrem nas bibliotecas, não é possível precisar como são conduzidos esses momentos de leitura e de contação de histórias. No entanto, em qualquer dessas designações fica evidente que são situações em que livros e histórias são compartilhados em grupo, oportunizando uma convivência que permite o acesso ao texto em sua modalidade escrita. Assim, a ênfase é dada ao “encontro entre as pessoas envolvidas na comunicação. O foco não reside

mais na apropriação do texto; ele passa a se situar na singularidade de uma comunicação espacial entre uma pessoa que dá voz a um texto e outra que, ao escutá-lo, o enxerga” (BAJARD, 1994, p. 53). Como inferimos de alguns depoimentos colhidos:

Aí eu conheci as tias aqui da biblioteca, que me mostraram os livros, aí eu fui gostando, que me mostraram livros. Comecei a ler, ler e quero ler muito mais ainda (GFO2).

Muitas vezes o leitor vem buscar livro, mas acaba ficando para ouvir as histórias, senta para ouvir as histórias, conversar, compartilhar as histórias, as angústias... (GFO8).

E, também na questão de ler, a gente tem a contação de história, a gente faz a contação de história pra criança, e a gente vê o brilho nos olhos; como S. fala, quando a gente faz a contação, traz várias outras coisas. [...] Porque a gente lê e a gente percebeu que elas trouxeram isso pra gente. A gente não só lê os livros. Elas também querem, como eu tava falando antes. Acabou tia? Agora posso ler também? Aí lê. Aí a gente criou o Clube do Livro, que a gente lê o livro e depois apresenta pras pessoas o que foi que a gente aprendeu dos livros (GF10).

Essas modalidades de leitura compartilhada, em alguma medida contrariam o senso comum que representa o leitor “ideal” como aquele que lê sozinho, de forma silenciosa.

Como ocorre em outras práticas sociais comunitárias, a leitura na BC é também uma prática que ocorre em grupo e que inclui pessoas com diferentes níveis de apropriação da leitura, inclusive os que não leem com autonomia. Dessa forma, entende-se que:

A leitura é um direito dele. Ele pode ter direito a ler, o acesso ao livro e é bem próximo de mim. Então eles já estão vendo. Já sabem que a biblioteca é um local exclusivo pra eles, eles podem estar indo, pegando o seu livro, lendo lá. Quem não sabe ler, como os pequenininhos, a gente pode tá lendo junto (GFO2).

O valor das práticas compartilhadas de leitura tem sido afirmado por diferentes estudiosos na área. Partilhar momentos de leitura é um importante fator na sociabilidade e deixa marcas na formação dos leitores e no seu desenvolvimento na linguagem oral e escrita (COLOMER, 2007; DICKINSON; GRIFITH;

GOLINKOFF, 2012; COSSON, 2013; CARDOSO, 2015). Além disso, ao compartilharem acervos, como ocorre entre os grupos que frequentam as bibliotecas, passam a constituir “comunidades de leitura” (CHARTIER, 1999) que estabelecem entre si vínculos e memórias em comum nas relações com livros, autores, ilustradores, gêneros textuais. Como sugere Colomer (2007), nessas relações se estabelecem “redes horizontais” que acabam criando memórias comuns entre aqueles que partilharam leituras, elegem autores, livros, gêneros preferenciais, que deixam marcas na trajetória leitora dessas pessoas e conferem um direcionamento ético para as mediações realizadas nas bibliotecas. Assim como apontado no estudo de Silva (2012, p. 15), mediadores reconhecem a biblioteca

como local de entendimento do mundo, a disseminação do livro e da leitura entendidos como um ativador da existência do homem a partir do exercício do pensar, da potencialização da escrita, da promoção de cidadania e, inclusive, da promoção de bem-estar, saúde e segurança.

#### **Num depoimento contundente, uma mediadora afirma:**

E, eu escutava muito dizer que quando se fecha uma escola se abre uma delegacia, e aqui na frente já foi uma delegacia, chamada barrote. O povo apanhava de barrote. Se escutava os gritos das pessoas. Então, já pensou fechar essa biblioteca aqui e abrir ali um barrote de novo? (GFO4).

**A escolha dos textos e os desdobramentos que seguem à leitura compartilhada traduzem posicionamentos políticos e a intenção de promover reflexões críticas acerca da realidade, como indicam os depoimentos:**

A gente tinha assim a nossa época do movimento cultural que a gente queria fazer muita coisa, composição direta. Eu me lembro que tinha um tempo que V. também percebeu isso e fez um projeto aqui na biblioteca, chamando as pessoas das bandas. O nome do projeto era “O que vocês andam escrevendo por aí.” Chamava as pessoas das bandas para realmente fazer uma reflexão sobre o que eles estavam escrevendo porque [...] a gente escutava muitas bandas de rock e tal, mas as pessoas, as letras a gente questionava muitas letras da época, da lambada e outras músicas que hoje tem o funk, com o brega, dizendo que ritmos são ruins, mas também as letras, vinha isso. Algumas letras, V. começou a perceber que a gente, as pessoas liam muito pouco (GFO4).

[...] a gente cria muita coisa partindo da biblioteca, né? Todos os espetáculos. Agora mesmo, eu tou com um espetáculo que se chama “Vidas Negras”, que é do tema da ONU é “Vidas Negras Importam”, só tirei o “Importam”. Mas eu tou lendo muita coisa que fala do genocídio negro que é dentro das comunidades. A questão da violência feminina, não é? Que parte desse tema também. Do jovem que morre dentro da comunidade, através da polícia ou do poder paralelo. Então, a gente tá trazendo esse espetáculo, dessa forma, partindo da leitura também, das coisas que a biblioteca oferece, enquanto ponto de cultura, enquanto espaço de lazer (GF10).

A leitura na BC, portanto, está associada a uma reflexão sobre o poder transformador das palavras e seu potencial na afirmação de ideias. Desse modo, podemos afirmar que a centralidade das mediações ocorridas nas bibliotecas comunitárias gira em torno da literatura, com práticas envolvendo a oralidade, a leitura e a produção escrita e que lazer, prazer e reflexão integram essas práticas. Portanto, algo “acontece através da literatura” (ISER, 1996, p. 10), na interação entre texto, leitor, contexto.

A leitura na biblioteca comunitária é marcada por conversas (sobre livros, sobre temas relevantes à comunidade e a grupos específicos) e por oportunidades de compartilhar experiências, inclusive resgatando práticas sociais que conectam diferentes gerações, como disse uma mediadora:

E outra coisa muito bacana que a [biblioteca] trouxe é uma coisa muito do meu tempo de infância, do nosso tempo de infância, da grande maioria aqui, que é a roda de histórias. E que pros meus alunos tem sido extremamente importante [...] e você conta história do tempo da sua bisavó que hoje as crianças perderam isso (GFO6).

Além das situações de leitura compartilhada, outras formas de partilha de livros e da literatura também foram reportadas nas falas de participantes da pesquisa. Um modo é aquele expresso por uma jovem frequentadora, que indica a amigos os livros descobertos na BC:

Foi um livro bem gostoso de ler, bem leve e aí é isso, você lê e começa a pensar, ah já vou indicar pra Yasmin, já vou indicar pro Cauã, já vou indicar pra não sei quem. Então eu queria voltar logo pra biblioteca porque eu queria indicar pra eles e cheguei aqui já indicando (GFO6).

A BC também favorece o contato livre à coleção literária, expresso principalmente nas ações de empréstimo (90,3%) e na autonomia que os interagentes têm em circular pelas estantes, inclusive favorecido pelo arranjo por cores. É quando o leitor exerce seu poder de escolha na seleção do que quer ler:

Acho incrível nessa biblioteca que aqui tem os livros que a gente quer ler. Na biblioteca pública não é assim. Tem livros na estante, mas não tem a liberdade de escolher os (livros) que a gente quer ou gosta (GFO8).

Aqui o próprio leitor, o usuário, tem total liberdade de escolher no acervo; vai na estante, circula entre os livros, sente o cheiro dos livros. A autonomia é algo de extrema importância (GFO8).

A prioridade, portanto, é criar oportunidades para a leitura literária, entendida como direito e como fruição:

Porque cada criança ou adolescente que chega no espaço da biblioteca leva um pouco de conhecimento, imaginação e fantasia para seu contexto familiar e escolar (BA11).

A capacidade crítica, no empoderamento e autonomia na escolha de novos títulos; não somente buscam o que a escola ou a “mídia” sugere, mas o que eles acham interessante e melhor pra eles (CEO4).

As BCs também realizam projetos cujos títulos sugerem outro leque de mediações de leitura literária, quais sejam: Pescadores de leitores; Leitura ao pé do ouvido; Conto na praça; Sarau do terror; Urso leitor e cortejo poético no carnaval; Festival de lendas; Café literário; Acampamento literário; Pipa poesia; Rua literária; Mediação de porta em porta; Sussurro poético; Caixa falante; Livro do dia; Caixa de histórias; Peteca literária; Corrido do livro; Cineteca; Pé de livro; Jogos literários; Construção poética; Bolsa literária; Mambarte; Slam Letra Preta; Projeto Sacolinha; Carrinho da leitura; A escola vai à Barca.

Pela forma de designação de alguns desses projetos, inferimos a existência de ações de extensão da biblioteca para fora de seu espaço físico, ação referida como uma das possibilidades de chegar mais perto da comunidade e de mobilizar novos leitores:

A Rua da Leitura mobiliza muitas escolas, trabalha com SDH, com outros bairros, com a questão negra. Organizamos programação ligada

à Semana da África, começou como Dia da África, depois virou semana, daqui a pouco vira o mês. Trabalhamos junto com o pessoal da Casa da África (GF03).

E, sempre que podemos estamos na praça. Sempre que estão nos chamando, levamos lá a leitura, nossa maleta de leitura. Pra levar a todos que não podem vir, a gente vai levar até a rua (GF02).

Agora estou organizando o Clube das Meninas, vou começar a fazer a propaganda aqui (ri). Vou chamar as meninas pra virem conhecer um espaço diferente. Mostrar o que sei que vai aguçar a curiosidade delas (GF08).

E, com relação também à questão de desenvolver, de possibilitar o gosto, o hábito pela leitura. É, a disseminação do conhecimento. É, a maleta literária, ela passou um bom tempo no CRAS. E, foi visitar, na casa dos usuários, não é, que iam pegar o livro lá e depois devolver e quando eles voltavam, voltavam contando histórias e inclusive uma mãe falando que ela se aproximou do filho dela de 6 anos. Ela era afastada do filho. Ela não tinha aquela proximidade, com o filho dela e, através da leitura à noite para a criança, ela se aproximou mais do filho dela de 6 anos (GF02).

**Ainda no campo dos “letramentos dominantes”, além das ações de mediação de leitura literária, 61,5% dizem que também atuam disponibilizando material de apoio a tarefas e pesquisas escolares. Assim, colhemos depoimentos que associam a BC aos estudos e ao acesso à informação:**

Ela vem dando esse acesso ao livro, numa comunidade que antigamente não tinha. Não conhecia outra biblioteca. Assim, o que é que a gente tinha de acesso à biblioteca, era a biblioteca Estadual, Municipal e assim, é muito longe, no centro. E, às vezes, as crianças, os jovens pra ir fazer uma pesquisa, precisar ir à biblioteca era muito complicado. E ainda, o acesso. Porque chega lá e a gente não tem esse acesso, como a gente tem dentro das bibliotecas comunitárias. Então, essa questão de acesso ao livro, é, à liberdade, com a leitura que as bibliotecas dão pra comunidade (GF02).

Li muitos livros também. O meu foco, hoje, está sendo livros científicos. Profissionalmente por causa da minha área. Li também

Um Defeito de Cor, que fala sobre as questões raciais também e eu também me empolgo muito com isso. É, eu gosto de ler também um pouco de tudo, mas no momento, eu estou mais no científico mesmo, profissional (GF10).

Neste campo, entendemos que as restrições no acesso à rede mundial de computadores e o direcionamento das coleções para livros de literatura, conforme tratado em capítulo anterior, faz com que a BC tenha limites para cumprir uma função de sala de recursos (BONILLA; GOLDIN; SALABERRIA, 2008) que ofereça textos informativos atualizados. A formação profissional dos mediadores também limita seu potencial enquanto espaço que amplie as oportunidades de estudo e de conhecimentos requeridos para o processo de escolarização.

No polo dos letramentos vernaculares, identificamos nas BCs um conjunto de ações culturais, principalmente aquelas que guardam alguma associação com a leitura. As bibliotecas realizam programações regulares ou eventuais com a presença de artistas, escritores, contadores de histórias e poetas. Também abrem seus espaços para grupos de teatro, de dança ou de música fazerem seus ensaios ou apresentações. Abrigam exposições de artes visuais, realizam sessões com produções audiovisuais. Na maioria desses eventos, é dada prioridade para os grupos e artistas locais ou há um movimento de trazer para o bairro alguma programação cultural:

Tem muita gente que conheço que escreve; a [biblioteca] é o espaço de aproximação dessas pessoas, de compartilhar os escritos [...] são tantas pessoas que escrevem bem. Tem gente que faz blog [...] é a vitrine de escritores de São Gonçalo (GF08).

Fizemos uma parceria com o SESC, conseguimos trazer a escritora Socorro Acioly para cá. Ela escreveu o livro A cabeça do Santo, a história de um peregrino que encontrou a cabeça de um Santo enterrada numa Igreja perto do Juazeiro (GF08).

Aqui temos feira literária, encontro com escritores [...] fomos atrás de parceiros, o padre, os cordelistas, pra trazer para a biblioteca (GF08).

A opção por realizar uma agenda cultural na biblioteca, no entanto, não significa que se perde a centralidade da leitura e do contato com o literário, mas traduz uma compreensão de que a literatura pode estar em “todo lugar” (COSSON, 2013), em novos suportes (vídeo, canções, dramatizações)

e em outros modos de aproximação (festivais, feiras, encontros com escritores). Como defende Colomer (2007), uma das funções da educação literária é inserir as novas gerações em circuitos de circulação do livro e da leitura e esta função é exercida pela BC através de uma ampla programação cultural, inclusive promovendo a saída do território para ocupar outros espaços culturais da cidade:

A biblioteca proporciona tanto um espaço de cultura [...] ir a um espetáculo de teatro, de ir ao cinema, de ir a uma feira, de trazer um espetáculo pra esse espaço. Já vieram apresentação, conversa com escritor. É um espaço que abre horizontes e propicia esse contato com outros segmentos de cultura, de leitura de mundo (GF05).

Durante anos frequento os círculos de leitura aos sábados, comecei no Criança Esperança, este ano trabalho com dança, teatro e música e faço parte do corpo de voluntariado. Tenho dois filhos, uma menina é aluna de dança e mediação de leitura (GF03).

Ainda no campo de letramentos locais<sup>28</sup>, pudemos constatar a existência de bibliotecas que priorizam, por exemplo, o resgate das memórias e identidade coletivas do bairro, servindo de espaço para o registro de histórias de seus moradores (GF04). Também encontramos bibliotecas que priorizam ações voltadas ao fortalecimento da identidade étnica (GF06, GF10) e outras que atuam mais especificamente com as questões de gênero e orientação sexual e que têm em suas estratégias de ação a realização regular de rodas de diálogo sobre essas temáticas (GF06). Essas práticas visam o fortalecimento das identidades coletivas e o sentido de pertencimento a grupos, sejam eles pontuados por um diferencial étnico racial, seja geracional, seja afetivo-sexual.

Assim como formulado pelo educador Paulo Freire (1999, p. 164), a leitura da palavra e leitura do mundo traduzem uma sincronia na luta “contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais”.

Se a BC é o local que apresenta a literatura de prestígio e também aquela que afirma identidades (étnica, de gênero, de classe social), ela também abre espaço para acolher a literatura de massa e atende às demandas de leitura de interagentes, quando nomeiam suas preferências:

Bem, eu no momento eu tou lendo, até tem ali, Dan Brown, não sei se o nome é esse? Falta ler aquele ali. Eu tou lendo O inferno, se eu não me engano. Muito bom! E, gosto muito de ler livro Espírita. É, livro assim de

**28.** Esse termo foi proposto por Barton, Hamilton e Ivanic (2000), referindo-se a diferentes estudos de orientação etnográfica que situam letramentos em diversos domínios ou esferas da vida cotidiana, especialmente aqueles com pouca visibilidade porque estão associados a grupos sociais menos prestigiados – como é o caso de donas de casa e agricultores –, ou mesmo marginalizados socialmente como, por exemplo, prisioneiros.

contos, não é? É Gilda Gaspareto, não lembro o nome [...]. Muito bom. Então eu gosto muito de ler esses romances espíritas. Na realidade eu vou procurar ler. É porque eu não gosto de ler ficção. Não sou muito de ler ficção (GF05).

Eu gosto de ler anime, meu maior exemplo para ler e escrever é um personagem de anime: Ken Kaneki [Tokyo Ghou]. Ele me inspira a escrever frases, fico observando os diálogos [...] (GF03).

Eu comecei a ler o com os Cinquenta Tons. O povo tava falando desse livro daí eu falei, vou começar. Agora eu leio outras coisas, não só romance. Outras coisas também, claro (GF06).

Pensando no público infantil, as BCs oferecem um leque de atividades não necessariamente associadas à leitura, tais como: oficinas temáticas (71,3%), brincadeiras e jogos (69,9%), desenho e pintura (67,1%). Como disse uma criança, participante de um GF:

Eu gosto muito e toda vez quando eu largo da escola, eu venho pra cá eu e meu amigos, aí se junta aqui pra ler, brincar, conversar. E, é bom também para as crianças daqui da comunidade que vêm pra cá, ficam entretidos aqui com outros livros, brinca também com a professora. E, é melhor pra eles do que tá jogado na rua, usando o que não deve. E, é melhor ficar aqui na biblioteca lendo e aprende alguma coisa (GF05).

A BC é, portanto, um lugar para muitas sociabilidades e, embora a leitura e os livros estejam sempre presentes naqueles espaços, outras práticas também ocorrem e geram diferentes aprendizagens, conforme trataremos a seguir.

## Apropriação das práticas leitoras na biblioteca comunitária e outras aprendizagens

Nesse tópico pontuamos aquelas aprendizagens ocorridas nas BCs, com destaque para as formas de apropriação das práticas de leitura pelos interagentes. Apropriação entendida, como “tática de resistência” (CERTEAU, 1994) de grupos sistematicamente excluídos do acesso ao livro e à leitura. Nesse processo de apropriação acontece uma “multiplicidade de interpretações, de diversidade de compreensão dos textos” (CHARTIER, 1999, p. 162). Dessa forma, entendemos que

Cada comunidade organiza, explícita ou implicitamente, suas práticas de leitura e suas representações a partir da leitura particular de um texto particular (CHARTIER, 1999, p. 159, tradução nossa).

Letramento literário	Escolarização	Cultura	Linguagem	Leitura crítica
Escolhe o que ler e demonstra preferências	Supera limites com a decodificação e compreensão leitora	Cria hábito de frequentar a biblioteca	Participa de expressões artísticas (teatro, dança, música, artes visuais)	Reflete sobre condições socioeconômicas, de gênero, étnico-raciais
Ganha familiaridade com textos e gêneros literários	Retoma e avança em sua trajetória escolar	Utiliza a BC com autonomia	Escreve e compartilha textos	Compartilha histórias de vida e de lutas da comunidade
Respeita os livros e tem disposição para engajamento na leitura	Reverte uma autoimagem negativa como leitor/a	Aprende a ser mediador de leitura	Expressa opiniões e conhece sobre leitura, literatura, livros	Dialoga e argumenta

**Quadro 1.**

Modos de apropriação das práticas da BC pelos interagentes

Fonte: As autoras (2018).

A vinculação dos interagentes às BCs gera diversos comportamentos e atitudes que podem ser associados às práticas de leitura oportunizadas naqueles espaços e que foram agrupados em cinco campos: letramento literário, escolarização, cultura, linguagem e leitura crítica. Cada um desses campos da experiência<sup>29</sup> gera modos de agir que são apropriados, por diferentes frequentadores das bibliotecas, conforme sintetiza o quadro 1.

No campo do letramento literário<sup>30</sup>, pelo menos três condutas sintetizam o que se observa nos interagentes da BC: a autonomia nas escolhas; a familiaridade com textos e gêneros literários; e o “respeito pelos livros”, com engajamento em práticas leitoras. Em 44,8% das entrevistas foi apontada alguma mudança perceptível nos frequentadores das BCs em suas maneiras de ler e de se relacionar com livros.

Observou-se que, ao frequentar a biblioteca, passaram a diversificar suas escolhas e a expressar suas preferências. Também aumenta a frequência à biblioteca e a busca por livros. Alguns exemplos desses letramentos estão evidenciados nas falas apresentadas a seguir:

No início analisam o livro pelo tamanho, espessura. E depois passam a levar em consideração o gosto pessoal (MGO7).

**29.** Experiência entendida como “a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, [o que] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LAROSSA, 2002, p. 24)

Eles se tornam mais seletivos na escolha de livros; opinam e expõem criticamente suas opiniões sobre o acervo (CE02).

Maior apetite por livros, novos interesses de leitura (R]28).

Os usuários começaram a exigir mais títulos e sugerir os que eles gostariam de ler (SP08).

Vão à biblioteca com mais frequência, aumentam a quantidade de livros emprestados. [...] Passam de leituras mais “fáceis” para outras mais complexas (SP05).

Verificamos que a leitura se tornou uma prática diária na vida de muitos leitores. Existe de fato uma necessidade de estarem presentes no espaço da biblioteca, de buscarem sempre novos títulos de livros, de opinarem sobre os mesmos (CE01).

**A familiaridade com textos de diferentes gêneros e a fluência na linguagem que permite falar sobre livros e sobre leituras é o segundo aspecto que destacamos no letramento literário vivenciado nas BCs. Assim, os interagentes demonstram:**

Maior conhecimento sobre livros, gêneros literários, técnicas de ilustração, diversificação da leitura, busca de títulos que a biblioteca não possui e que demonstra o interesse desse leitor em procurar novas leituras. As tramas de livros preferidos sendo tema das rodas de conversa com os amigos, a divulgação da biblioteca para amigos e familiares demonstrando o espaço da biblioteca como uma referência para a pessoa (MGO2).

**Na BC, além de aprender a “manusear os livros e ter autonomia na escolha do livro” (MA07), aprende-se também a tratar “o livro com respeito” (SP02). Respeito esse que se expressa em comportamentos como o descrito a seguir:**

O cuidado com o livro, pois as crianças passam a zelar, o colocando de volta no lugar, não amassando, os leitores conseguem focar no livro e terminar o que leem (SP15).

**No entanto, esse respeito está associado também à familiaridade e à apropriação de textos e livros, o que aproxima e prolonga o contato para além do tempo e espaço da BC:**

**30.** Conforme indica o Glossário Ceale (2014): “*Letramento literário* é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o *processo*, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o *letramento literário* começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de *apropriação*, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes”.

A gente sente esse crescimento na maneira que a gente observa que eles querem mesmo se apropriar, pegar o livro, levar pra casa e ter um tempo pra ler e ter esse processo de leitura e saber que tem um lugar que está aí pra ajudar. Eu acho que o impacto que traz em toda a comunidade (GFO6).

Lá em casa quando levo o livro só quero ler, fico lendo a noite com a luz ligada... meu marido reclama: – você não para de ler – ele desliga a luz... quando ele dorme, eu ligo a luz de novo e continuo lendo (GFO8).

**Os diferentes depoimentos colhidos na pesquisa nos conduzem a afirmar que, no campo do letramento literário, principalmente na vida de crianças e jovens dessas comunidades,**

[...] a leitura entrou na experiência de cada um. Eles não se tornaram necessariamente grandes leitores, mas os livros não os entediavam, não lhes botavam medo. Ajudaram a que colocassem mais palavras em suas histórias, a tornarem-se mais atores delas. Isso não seria suficiente para modificar radicalmente a linha de seus destinos sociais, mas contribuiria para que evitassem certas armadilhas (PETIT, 2009, p. 48).

Um segundo campo em que incidem as ações realizadas nas BCs é o da relação com a escola. A BC repercute na vida escolar dos interagentes em pelo menos três aspectos: ajuda a superar limites com a decodificação e compreensão leitora; contribui para avançar na trajetória escolar; agrega experiências que revertem uma autoimagem negativa como leitor/a.

A conquista da leitura, inclusive em sua dimensão mais estrita, de decodificação e de capacidade de ler com compreensão, aparece em diversos depoimentos colhidos na pesquisa. Segundo nos informam, é na biblioteca que aprenderam a ler com fluência e compreensão:

Antes eu não sabia ler, minha mãe também não sabia, a gente tinha dificuldade para pegar o ônibus. Agora já sei ler, escrever e-mail, fazer relatório. Gosto de escrever carta, fiquei feliz por saber fazer bilhete no dia do aniversário, mostrar a minha mãe que já sabia escrever (GFO9).

Escrever, escrevo. Melhorei muito a escrita também depois que eu aprendi a ler. Antes eu não sabia escrever também. Hoje eu já sei escrever. E quero melhorar, mais e mais. Até ficar assim, muito, muito

boa. Assim, aí eu gosto mesmo de pegar um livro, levar pra casa, pegar minhas bonecas, fingir que estou lendo pra elas. Eu leio pra elas (GF10).

92

Meu nome é R., eu tenho 14 anos e quando eu comecei a ler eu acho que foi em 2016. O que me motivou a ler foi que aos poucos eu fui gostando de ler, visitando a biblioteca. Aí eu conheci as tias aqui da biblioteca, que me mostraram os livros, ei eu fui gostando, comecei a ler, ler... e quero ler muito mais ainda (GF02).

O que a leitura mudou na minha vida foi porque eu não lia muito bem. Comecei a ler livros. A minha leitura melhorou bastante, muito mesmo. E, assim, a leitura é importante pra mim por causa disso. Porque modificou mais a minha leitura e a nossa sabedoria (GF02).

Trouxe minha irmã que tem dificuldade com a leitura, ela se encantou, pegou livro, levou livro emprestado. Ela mora no interior e em casa não tem livro; ela levou e leu em uma semana três livros (GF08).

[...] Eu não sabia ler; foi mágico aprender, entrando no mar das histórias; adoro gibis e aos poucos fui descobrindo outros gêneros: contos de terror, poesia (GF09).

Frequento a biblioteca desde menino, quando tinha 10 anos. Largava a escola e vinha direto para a biblioteca, uma casa mágica, cheia de histórias. [Na escola] eu não me interessava pelos assuntos porque não sabia ler. Não conseguia fazer as tarefas porque não conseguia ler o que estava escrito. Tinha que ficar lá o dia todo, ficava lá só bagunçando, me sentindo numa prisão (GF09).

**Aprender a ler e escrever na biblioteca não estão dissociados, segundo nos dizem essas crianças e jovens, de seu envolvimento com essa “casa mágica”, cheia de histórias e de livros.**

**Ao desenvolverem habilidades de leitura, passando a ler com maior fluência e compreensão, esses interagentes também melhoram seu desempenho escolar e aumentam sua motivação para continuar estudando:**

E tanto que eu tinha ficado um tempo sem ir pra escola, eu tava lendo gaguejando, eu comecei a vir aqui. E comecei a ler um livro. Então quando eu comecei a ler Cora Coralina, eu lia algumas coisas e ela sempre me corrigia. Mas daí agora eu não leio mais gaguejando (GF06).

Através dos relatos feitos pelas professoras do entorno elogiando o trabalho executado pela biblioteca. As crianças que vivenciam o dia a dia da biblioteca tiveram um melhor rendimento na escola (R]02). 93

Aí tem também o relato de algumas mães que viam, aí diziam, ele melhorou muito na escola. A professora tem mandado bilhetinhos que a leitura dele tá bem melhor, que a escrita tá melhor. Então, algumas mães sempre quando vinham, passavam aqui, nas reuniões, pra falar, dava esse relato da melhoria do crescimento dele, como leitor, como uma pessoa que estava se desenvolvendo com o hábito da leitura (GF05).

Na questão da comunidade eu acho que ela contribuiu muito. Os jovens que passaram aqui entraram na universidade. A gente pode mapear. A gente viu assim, que conseguiram entrar na universidade ou conseguiram um emprego. E, o papel de voluntário na biblioteca, a participação na biblioteca, desenvolveu muito esse lidar com o público. Uma outra pessoa. Então, contribuiu muito, nesse sentido (GF05).

**Por consequência, a autoimagem desses leitores muda, passando a ser incorporada uma forma positiva de perceber a experiência de leitura e suas próprias capacidades como leitores:**

Antes quando eu não sabia ler, eu passava assim pelos lugares. Aí eu insistia, insistia que eu tinha que saber o que tinha escrito ali, mas eu não conseguia. Depois que eu vim aqui e fiquei sabendo da biblioteca, que eu aprendi a ler. Aí, na hora que eu passo agora na loja, tudo que eu fico lendo. Eu saio na rua fico lendo tudo, pra saber o que tá, as informações na rua (GF10).

Percebo que a leitura me ajuda a melhorar tanto na fala quanto na escrita. Gosto de anotar, escrever no caderno (GF08).

O caso da R. Aí R. pegava o livro já lia pra outras crianças que eram menores, pra ela. Então, assim, do empoderamento. [Ela dizia:] Já sei ler e tou lendo bem. E pegava o livro e começava a ler, enquanto outras crianças estavam ainda no processo de aprendizado (GF05).

Eu quando comecei a ler, fiquei abestada, maravilhada...ficava olhando as placas na rua, queria ler tudo o que via...parava na rua ficava olhando as palavras (GF08).

A frequência à BC tem rebatimentos, portanto, no percurso escolar e na relação que os interagentes passam a ter com a leitura e a escrita. A metáfora da cultura escrita como uma “pátina” superficialmente pintada sobre os sujeitos (PETIT, 2008)<sup>31</sup> é substituída por uma apropriação em que a “leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavorecidos” (PETIT, 2013, p. 31). Como nos diz um interagente que participou do GFO4:

Eu lembro que na época da escola [...] através da leitura eu melhorei tanto na matéria de Português, né, melhorei tanto que a professora percebeu essa mudança e eu comecei a criar um contato muito forte com a professora e eu fui ficando mais ousado e chegava para ela e falava: Professora, eu li uma coisa muito interessante em tal livro. Será que eu poderia ler esse trecho aqui pra turma? A professora: Claro, R. Porque isso, esse tipo de incentivo até então na minha sala de aula era uma coisa incomum e ela não dava esse tipo de oportunidade. Eu via a tal citação do livro que eu gostava e, nisso, o pessoal ficava assim, maravilhado, encantado. Daí, e esse livro R.? A professora perguntava: Você leu aonde? Eu li na biblioteca (GFO4).

Um terceiro campo de aprendizagens propiciadas nas BCs se situa na esfera cultural, onde se observam comportamentos como: cria hábito de frequentar a biblioteca; utiliza a BC com autonomia; aprende a ser mediador de leitura. Esses três aspectos já foram amplamente exemplificados no capítulo anterior, sobre interagentes das BC. Essa dimensão foi mencionada em 41,3% das entrevistas e evidencia que as BCs têm impactos que extrapolam os comportamentos leitores num sentido estrito.

Um quarto campo de incidência sobre o comportamento dos interagentes está no campo da linguagem: gerando oportunidades de acesso e participação em grupos e expressões artísticas, na escrita e compartilhamento de textos e na fluência e capacidades de expressão oral.

A vivência com diversas linguagens artísticas na BC já foi amplamente exemplificada na seção anterior deste capítulo, quando apresentamos as estratégias de mediação de leitura adotadas nas BCs e também no capítulo 4, quando apresentamos interagentes e mediadores de leitura.

Quanto às aprendizagens relativas à escrita autoral na BC, há depoimentos sobre a produção textual tanto individual quanto coletiva dos interagentes das BCs:

**31.** A cultura escrita, da qual muitos interagentes das BCs se sentem excluídos, passa a ser apropriada pelos frequentadores das bibliotecas, mesmo aqueles com longa trajetória escolar para quem “o conhecimento formalizado e a cultura escrita deslizarão por cima de muitos deles sem alcançá-los, ou formaram uma espécie de pátina superficial com a qual mantinham uma relação ambivalente, entre a fascinação e o rechaço” (PETIT, 2008, p. 157, tradução nossa).

Bem escrever pra mim é bom, porque eu moro pertinho daqui da biblioteca, aí, às vezes que eu tou escrevendo eu venho aqui e busco os livros pra poder eu ver, não só as referências, mas também pra eu fortalecer a minha escrita (GF10).

Exatamente, ele foi um livro que foi feito aqui na biblioteca, criado com os moradores, com os jovens homens e mulheres. Livro de poesia, né. Em contraponto ao livro Cala Boca Calabar, então não é, que tem uma história porque tem esse título. Então, eu gostaria muito de ter participado desse livro. Espero que tenha uma outra edição, onde eu possa expressar a minha escrita (GF10).

A gente publicou três livros de poesia, que foram feitos. É, a maioria foram crianças que participavam das atividades aqui. Esse livro saiu do país, né. Foi apresentado lá numa Feira, não sei aonde. Foi na Suíça. Numa Feira das mais importantes que tem. E, uma das meninas daqui, também. Várias participaram, mas uma das meninas daqui da biblioteca, que participava das nossas atividades aqui, ganhou um prêmio internacional de redação. Então são bons resultados que acontecem através da leitura. Então, inclusive, pessoas que começaram aqui a partir de 2006, que hoje, a gente acompanhando, não é, estão na faculdade (GF10).

**A fluência na expressão verbal também é uma das decorrências da frequência à BC, que é bastante destacada em vários registros da pesquisa, como alguns que elencamos a seguir:**

Em decorrência, um lugar de (re) apropriação coletiva da língua, que instiga a todos/as a se expressarem, se comunicarem, fazerem a ponte com as diferentes variações da linguagem e da arte. Onde as próprias crianças dão testemunho de que ali aprendem a ler, se formam leitoras, aprendem a mediar leitura, ensinam umas às outras a gostarem de ler, praticam a mediação de leitura, dançam, fazem teatro, aprendem música, num ambiente onde se cultivam valores como solidariedade, colaboração e amizade (GF03).

Passam a conversar com os outros sobre livros, visitam a biblioteca acompanhados dos pais. Já recebemos relatos de crianças que chegam em casa e colocam a família em roda pra fazer a mediação, como viram na biblioteca (MG06).

Conhecem a maior parte do acervo; compartilham as leituras realizadas; divulgam a biblioteca (MA08). 96

A leitura, ela me ajudou desde o mais simples, é uma melhora da dicção, até o mais complexo que é uma compreensão, mais melindre do que é a vida e existência, essas coisas. Aqui eu tive contato de pessoas que me ajudaram a conhecer artes, conhecer caminhos diferentes, desde música, poesia, a escrita, tanto que hoje eu escrevo (GFO4).

É, por tudo que tem na biblioteca, por todos os elementos que faz com que essas pessoas fiquem tão à vontade, que ele possa se expressar, tanto na poesia, na arte, na dança (GF10).

Por fim, um último setor que destacamos dentre os campos de aprendizagem na BC é o desenvolvimento de uma consciência crítica ou de letramentos “protagonistas” que evidenciam um “trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada” (ROJO, 2009, p. 108). Essa dimensão foi destacada em 38,2% das entrevistas, em vários depoimentos do tipo:

Porque auxilia o leitor a ser autônomo na escolha de bons livros e tornam-se um leitor crítico (MA07).

Porque percebe-se a desenvoltura dos leitores em termos de expor opiniões, desenvolver atividades, dentre outros (MA11).

Pra mim, [a biblioteca] é um espaço de resistência e diálogo, não é só um espaço de empréstimo. É um espaço de formação, de informação sobre direitos, cumpre também uma função política (GFO8).

Essa dimensão também aparece quando se associam as práticas de leitura vivenciadas na BC ao enriquecimento do vocabulário, da capacidade de argumentação, da expressividade. Em outros depoimentos, referem-se à superação da timidez, o que aponta para um fortalecimento da autoestima de quem passa a conviver prazerosamente com livros e com mediadores dispostos a ouvi-los:

Crianças que eram muito tímidas, hoje contam histórias (R]01).

No começo eram tímidos, hoje se sentem donos do espaço (BA15).

Possibilitando que o leitor se aproprie da leitura, aumentando o vocabulário e imaginário. Saber se expressar. As crianças não são ouvidas e na biblioteca elas podem falar e serem ouvidas. Se sentem valorizadas (RJO4). 97

**A participação na BC influencia a compreensão que esses leitores têm acerca de seus hábitos e condições de leitura, levantando inclusive críticas ao modelo de biblioteca escolar usualmente encontrado em escolas públicas:**

Aqui foi fundamental pro meu trajeto leitor, pra essa minha caminhada leitora. Já no Ensino Médio, nos outros anos da escola, tive a experiência igual a Maiara, das bibliotecas estarem trancadas com cadeado. Principalmente as estaduais. Era triste, a gente que não tinha, isso que a Zenaide falou mesmo, não tem, não tem. A gente que é pobre, o livro é um artigo de luxo. O acesso é fundamental. A escola ela faz essa vez do acesso e é triste você ver essa política que não tem interesse nenhum que a gente leia (GFO6).

Bom, meu tempo na escola nem tinha esse negócio de livros. Era só mesmo livro ali pra gente aprender a ler e a escrever, essas coisas. Não existia esse negócio de biblioteca. A gente não tinha acesso a outros livros (GFO6).

Parece ter sido um bom casamento entre o grupo de mulheres jovens da biblioteca e o grupo de mulheres mais velhas da associação. Com características diferentes parecem estar se potencializando na luta pela garantia de direitos da comunidade (GFO6).

**Conforme já apontado em capítulo anterior, quando discutimos as características dos territórios onde estão localizadas as BCs, registramos diversos relatos que apontam para uma repercussão num âmbito mais simbólico, de reverter uma representação social recorrente acerca dos bairros em que as bibliotecas estão situadas, o que também evidencia uma leitura crítica da realidade.**

Eu acho que falando da comunidade como J falou, é uma luz no fim do túnel. Eu acho que é uma comunidade, entendeu, porque ultimamente, tem havido vários casos de violência aqui é assim, é um lugar que onde você pode chegar e se sentir acolhido pela galera que fazem parte desse projeto. É uma biblioteca que tem muito a acrescentar tanto na história da comunidade, tanto pra fora. Essa menina, C, ela é de fora e veio pra aqui, entendeu? É assim, eu sou de Peixinhos [...] e me sinto muito

lisonjeado por ter uma biblioteca no meu bairro, porque, assim, há 2 anos eu comecei meus estudos (GFO4).

98

Essas coisas que rolam aqui no bairro, entende, por causa da violência é digamos assim, a galera fica mais dispersa e não consegue ver o que realmente é importante e pode trazer um futuro legal pra si. Eu comecei a ler, acho que foi revistas de games. Meu interesse começou por isso e foi indo, indo, e há 2 anos atrás tive a oportunidade de terminar meu ensino médio e realmente, começar a ler e estou frequentando a biblioteca, hoje (GFO4).

Aqui é um refúgio, uma referência não só para as crianças, mas para os adultos também. Eu trabalho sobre a importância do bairro na vida deles. Eles ouvem dizer que o Guamá é violento, só tem ladrão e eu pergunto: Por que temos que repetir o que a mídia diz? (GFO3).

Mostramos que temos pessoas importantes no bairro. Tem o Pinduca que é morador do bairro; procuramos mostrar os valores que o bairro tem (GFO3).

Sinto que a biblioteca comunitária modifica o olhar das pessoas de fora para a própria comunidade (GFO9).

Lugar de resistência, de reconhecimento, onde os moradores passam a ser vistos como gente (GFO9).

As ações positivas realizadas pela biblioteca, junto com os outros grupos e instituições [...] têm de fato modificado o olhar das pessoas sobre a comunidade (GFO9).

Então e sobre essa questão da violência é um dos princípios do grupo de jovens era mudar a imagem inditosa do Calabar. Então a biblioteca, durante muito tempo, ela cumpriu esse objetivo, porque a história de luta que essa comunidade tem de organização cultural. Todos os grupos comunitários que tinha aqui eram meio esquecidos. Então a gente fez um trabalho muito forte, de estar na mídia. E, negar qualquer outro tipo de pauta que não fosse ação cultural, ação social, a história de luta organizada do Calabar. Então quando vinha alguém perguntando alguma coisa de violência que acontecia, a gente batia a porta na cara. A gente conseguiu aparecer nas grandes mídias, até na época que tem

aqui na cidade e isso, né, deu um pouco de autoestima ao pessoal da comunidade (GF10).

99

Para mim essa biblioteca é um sonho que eu gostaria de ter tido na minha infância. Eu tive muita dificuldade de ter acesso a livros, porque eu sou de zona rural, e lá a gente não tinha acesso a livros. E, no meu período de alfabetização e fundamental foi só copiar, copiar, copiar. A gente não tinha acesso a livro. Então hoje, ter essa biblioteca aqui, é eu vejo um sonho que eu gostaria de ter tido na minha infância e que eu não tive. E, para a comunidade, eu vejo como uma possibilidade. Uma grande possibilidade que a comunidade tem e que eu também enquanto comunidade de estar desconstruindo uma imagem, porque a sociedade que nos rodeiam, os burgueses que nos rodeiam, é, nos respeitar. Porque aqui no Calabar é uma comunidade vista pelos arredores e pela própria mídia, é muito divulgada de uma forma muito negativa. E, essa biblioteca veio exatamente fazer esse resgate dessa comunidade e dessa juventude e dessa comunidade. Porque, as intervenções que essa biblioteca faz aqui na comunidade, elas repercutem de maneira muito positiva. E quer a mídia queira, quer não, ela tem que reconhecer o trabalho. E, nós temos investido muito nessa parte, nessa desconstrução dessa imagem negativa da comunidade, perante a sociedade Soteropolitana (GF10).

Mais uma vez, fica evidente que a biblioteca passa a se constituir numa referência para a comunidade, que pode se autonomar de forma positiva, como espaço de criação e de cultura.

Concluimos desses dados que a formação de leitores nesta pesquisa abrange diferentes dimensões consolidadas através de práticas de leitura vivenciadas nas BCs. Ela se expressa no letramento literário dos interagentes, que passam a participar com maior desenvoltura de práticas de leitura e escrita literária que são mediadas pela BC, ganhando familiaridade e segurança em relação aos textos literários, sua recepção e expressão escrita. A formação de leitores também se expressa no desenvolvimento de habilidades de fluência de leitura, com o incremento de habilidades de construção de sentido dos textos, condição para ler com compreensão e autonomia (BRANDÃO, 2006; COLOMER, 1991). Também observamos o desenvolvimento de capacidades de interagir através de textos escritos, como resultado de um modo dialógico de ler, que envolve um relacionamento próximo e responsivo entre mediador e interagentes (DICKINSON; GRIFITH; GOLINKOFF, 2012). Por fim, a formação de leitores na BC tem um papel na elaboração da subjetividade, contribuindo

para reverter condições sociais adversas à formação de leitores (BOURDIEU, 1990) que, sem a existência da BC, seriam de exclusão, o que lhes confere uma dimensão de espaços de resistência cultural e política. Como sintetiza uma mediadora:

E, através do trabalho de mediação de leitura, eu vi que plantava na mente das crianças uma semente de esperança. Dava uma nova perspectiva pra elas e sem a biblioteca não haveria o trabalho de mediação de leitura, ou seja, sem a biblioteca não haveria o ciclo. Tanto que através do trabalho de mediação de leitura, através do meu testemunho de formação, muitas crianças se sentem estimuladas e começam a escrever os seus livros. Ou seja, tudo começou aqui com a biblioteca, esse ciclo jamais teria se criado. Ou seja, voltando, a biblioteca significa esperança para essa comunidade, porque ela tem uma luz para dar para os demais, crianças, adolescentes e todos moradores daqui (GFo4).

MEU GRANDE POEMA

Quando os homens tiverem tempo  
de ouvir música  
de cuidar de seus jardins  
me encontrareis cantando  
um grande poema.

Quando forem destruídos os preconceitos  
quando as mulheres puderem sorrir  
para todos os homens  
me encontrareis cantando  
um grande poema.

Quando houver trabalho livre  
quando for franco o amor  
me encontrareis cantando  
um grande poema.

(SOLANO TRINDADE, O POETA DO POVO, 1999, P.101)

Quando ocorre outro elemento decisivo: a transmissão da tocha entre corredores, que assegura...  
...definindo os lineamentos de um todo. É uma...  
...formando padrões que se impõem ao pe...  
...dos a nos referir, para...  
...literatura, como fenômeno de civilização...  
... Em um livro de crítica, mas escrit...  
... podem aparecer em si, na aut...  
... circunstâncias enumeradas; aparecer...  
... em dado momento um sistema art...  
... formando, no tempo, uma tradição.

...is, é freqüente não encor...  
...e o interesse pelas obras. Isto não impede q...  
... da inspiração individual, seja pela influênc...  
... representativas de um sistema, significando quan...  
... festas literárias, como as que encontramos, ...  
... isolamento e articulação, no período formati...  
...VI, com os autos e cantos de...  
... importante e do maior interes...  
... surgem, sem falar dos cronista...  
... - que poderá, aliás, servir de...  
... permanecido na tradição (le...  
... histórica) até o Romant...  
... 1882 e d...  
... não influu, ... con...  
... pe...  
... Br...  
... de...  
... Se...  
... é prefer...  
... C...  
... a



# 6. BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COMO ESPAÇO DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E RESISTÊNCIA CULTURAL

Neste capítulo são abordadas três dimensões da organização política das BCs: enraizamento, sustentabilidade e incidência política. Todas as três dimensões estão intimamente interligadas, mas para dar uma organicidade ao texto iniciamos pelo tratamento do enraizamento comunitário, com destaque para as ações voltadas a estabelecer articulações locais e também para aquelas que fortalecem parcerias em âmbitos que extrapolam a própria comunidade. Agregamos, em seguida, o debate acerca das iniciativas que contribuem para a sustentabilidade desses equipamentos culturais comunitários e, por fim, indicamos como as BCs atuam no campo da incidência política, tanto numa esfera mais geral da cultura quanto através de ações específicas em torno do direito à leitura. Ao tratar especificamente desses pontos, evidenciamos o quanto essas dimensões estão relacionadas também com a resistência cultural em territórios marcados pela exclusão.

Importante registrar que esses dados respondem também a primeira questão norteadora desse projeto: **O que caracteriza uma biblioteca comunitária?**

## Enraizamento comunitário e resistência cultural

A necessidade humana de estar junto, sentir-se pertencente a um lugar e a uma história foi identificada, já na década de 1930, pela filósofa Simone Weil (2001, p. 43) em suas reflexões sobre organização política no âmbito da classe trabalhadora:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua

participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente.

Em analogia às raízes das plantas, o enraizamento comunitário revela uma trama de relações que se retroalimentam, fortalecem e se expandem a partir de elementos em comum. Enraizamento engloba, nessa compreensão, sentimentos de pertencimento ao mesmo tempo em que envolvem a mobilização para participar de ações que contribuam para afirmar a existência e para manter ou fortalecer certa coletividade.

As reflexões de Weil (2001) estão marcadas por um contexto: a organização política de segmentos das camadas populares, representadas pelo movimento operário e pela luta sindical, o que na contemporaneidade, para vários segmentos sociais, já não assegura um sentido de unidade e identidade. Para alguns grupos, como os chicanos na América do Norte, por exemplo, o “sentido de pertencimento” passa pela afirmação da língua e da literatura, inclusive como forma de resistência ao silenciamento imposto por uma cultura dominante e colonizadora. Como afirma Gloria Anzaldúa (2009, p. 313, 316),

Quando não nos intimidamos, quando sabemos que somos mais que nada, nós nos chamamos mexicanos, referindo-nos à raça e à ancestralidade; *mestizo* quando afirmamos tanto o nosso lado indígena quanto o espanhol (mas quase nunca reconhecemos nossa ancestralidade negra); chicano quando nos referimos à pessoa politicamente consciente nascida e/ou criada nos EUA; *raza* quando nos referimos a chicanos; *tejanos* quando somos chicanos do Texas. [...] Agora que temos um nome, algumas das peças fragmentadas começaram a se encaixar – quem éramos, o que éramos, como nos desenvolvemos. Começamos a ter vislumbres do que poderíamos eventualmente nos tornar.

Em contextos urbanos multiculturais, o enraizamento comunitário, por vezes, ganha novos formatos mais difusos e diluídos em pertencimentos

marcados por uma “inscrição territorial” que se caracteriza por “sua marginalidade urbana” (MERKLEN, 2016, p. 28).

Esse é um debate que está presente também no campo da educação popular, especialmente quando inspirada no pensamento paulofreireano. Ao refletir sobre as escolas comunitárias, no contexto brasileiro e latino-americano, Gadotti (2012, p. 15) afirma que “A prática e a reflexão sobre a prática da educação popular, levou a incorporar outra categoria não menos importante: a da “organização”. Porque não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar”.

Nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação são poucas as pesquisas que abordam o assunto, destacando-se a investigação de Silveira (2014), que estuda as questões de identidade e enraizamento em torno da Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais, Luiz de Bessa. Também partindo das reflexões de Weil, Silveira (2014, p. 111) discute a noção de enraizamento como:

[...] um conjunto de atividades e experiências de subjetivação que conferem estabilidade e sentido à interação coletiva, bem como às marcas de individualidade que atravessam cada sujeito. Desta feita, os “seres” enraizados são aqueles que enriquecem as práticas da comunidade e fortalecem suas raízes. Que participam de grupos cuja herança do passado alimenta a gramática simbólica moduladora de uma dada noção de cultura. Uma cultura que impede a desagregação dos cidadãos e a paralisia do conhecimento.

No caso das BCs e com as pessoas que atuam nesses espaços, o enraizamento se dá de diferentes formas. Uma delas é o vínculo com o território e “as marcas de individualidade que atravessam o sujeito”, retomando assim a noção de enraizamento apresentada por Silveira (2014, p. 113). Um território marcado pela exclusão e pela violação de direitos, como disse uma mediadora:

Ter uma biblioteca comunitária na nossa comunidade [...] significa civilidade. Significa assegurar o direito que nós temos, que nós, enquanto rede leitora em qualquer local do Brasil temos, [de] garantir a leitura como direito humano. E, se é direito humano, significa que todos precisam ter acesso. Então a partir do momento que implantamos essas bibliotecas comunitárias, dentro das nossas comunidades, nós estamos com esse objetivo, de fazer com que esse livro, que essa leitura possa chegar até às pessoas. [...] Desde a criança, até o idoso. [...] Nós sempre fomos pautados a

acreditar que a leitura não é cultura, e hoje, nós brigamos por isso. Para dizer que leitura é cultura. E, que cultura sempre foi da alta elite, digamos assim. E, hoje, a gente quer lutar pra que essa cultura, que ela chegue até aqui, nessa nossa base, aqui, que é quem sustenta (GFO2).

**O sentido de pertencimento também pode estar associado à identidade étnico-racial, como expresso por uma gestora na Bahia:**

A biblioteca foi criada para ser uma das atividades na comunidade para crianças, jovens e adolescentes. A comunidade precisa ter conhecimento de sua identidade negra. Por isso, todos os integrantes da Associação [...] colaboraram com a criação da biblioteca (BA10).

Com esse entendimento, afirmamos que o processo de enraizamento comunitário faz parte da própria história das BCs. A iniciativa de pessoas e grupos daquele local que se organizam para criar esses equipamentos culturais, preenchendo a lacuna que resulta da omissão do poder público, traduz o desejo de transformar coletivamente sua realidade. Desde sua origem, portanto, a BC representa uma ação coletiva que intervém no território e propicia a “consolidação das memórias e das significações da comunidade” (PINTO, 2013, p. 37). A iniciativa de abrir uma BC se insere, em diferentes localidades, num conjunto de ações voltadas ao fortalecimento e afirmação da comunidade:

Surgiu em 2005, por iniciativa da Associação [...], criado junto com o museu indígena e fortalecida pelo projeto “Historiando o Jenipapo Kanindé”, concomitante à inauguração da escola diferenciada indígena (DCE05).

As designações, as artes gráficas e os projetos desenvolvidos nas BCs são também indicadores de enraizamento e um dos exemplos significativo dessa característica é a Rede de Leitura Sou de Minas, Uai!, que, respeitando e valorizando suas raízes, produziu um folheto individual para cada biblioteca que integra a rede, pois quando colocado lado a lado representa uma cena mineira, confirmando que se tratam de “seres enraizados [...] que enriquecem as práticas da comunidade e fortalecem suas raízes” (SILVEIRA, 2014, p. 113). Trata-se, como diz Feitosa (2014, p. 113) de uma maneira do grupo comunicar a si próprio “e ao mundo os seus modos culturais de ser”. Outra alternativa de comunicação que também indica modos de enraizamento foi aquela criada para divulgar a MGO3, que estampou em sacos de

pão textos literários e material informativo sobre a biblioteca, em parceria com padarias da cidade de Sabará, Minas Gerais. 106

Elencamos aqui alguns dados que indicam um conjunto de ações e estratégias de inserção das BCs na vida comunitária:

- › 81% têm parcerias com outras organizações locais (associação de moradores, de mulheres, grupos de jovens, coletivos culturais etc.);
- › 73,4% realizam atividades de mediação de leitura em outros espaços da comunidade (como escolas públicas e privadas, postos de saúde, comércios locais, pontos de ônibus etc.);
- › 57% dos mediadores e mediadoras das BCs são moradores do bairro;
- › 46% desses mediadores participam de forma voluntária nas ações da biblioteca;
- › 81% adotam formas de gestão compartilhada.

Embora os dados sintetizados acima já tenham sido tratados em capítulos anteriores deste livro, vale retomar esses aspectos, mesmo que brevemente, para ressaltar como evidenciam formas de enraizamento comunitário das BCs. Além disso, muitos depoimentos coletados nos GFs, apresentados nos capítulos anteriores, também demonstram que o espaço da biblioteca é importante, reconhecido e apropriado pela comunidade.

As parcerias com organizações locais e com instituições públicas situadas nos bairros têm se mostrado uma forma de enraizamento comunitário, que colabora tanto para a ampliação do acesso à leitura das moradoras e moradores da comunidade, objetivo específico das BCs, quanto para a articulação e o consequente fortalecimento de outras pautas nas quais as BCs também se engajam. Nesse contexto, é importante deixar claro que nesse caso estamos falando de parceria e não patrocínio. Segundo Reginaldo Pereira (2017, p. 38), gestor da Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães, em Recife, “o patrocinador é aquele que não quer se envolver. [...] o parceiro é diferente. O parceiro constrói com você algo”.

Em Salvador, por exemplo, uma das parcerias tem como foco promover o acesso à leitura para mulheres que integram a Associação de Mulheres da Comunidade, criando, assim, as condições para que essa demanda da leitura esteja articulada às pautas e atividades da Associação:

A gente tem uma parceria aqui eu também faço parte da Associação das Mulheres. Hoje, eu falo da biblioteca, mas eu quero falar enquanto da Associação das Mulheres. A gente compreende, eu compreendo que é importante que as mulheres estejam aqui acessando aqui essa

biblioteca e nós fizemos uma parceria com a Associação, exatamente para que as mulheres estivessem aqui nesse espaço, buscando também leituras (GF10). 107

Em Recife, outra forma de repercussão desse tipo de parceria é destacada quando uma professora ressalta, em seu depoimento, o quanto a BC tem sido um espaço de referência na formação de leitores:

Aprendo muito com essa biblioteca comunitária, com a atitude da coordenadora sempre instigando, propondo, procurando realizar atividades junto com a escola. A biblioteca comunitária tem um acervo com 2.200 livros, bons títulos, bem cuidados, à disposição dos leitores (GF09).

Sobre essa mesma experiência, a coordenadora da BC, em seu relato durante o GF, destacou que a equipe gestora e as docentes daquela escola pública têm demonstrado sensibilidade e abertura para o trabalho cooperativo e colaborativo, promovendo, de forma articulada, diversas ações de promoção da leitura. Naquela localidade, as parcerias envolvem escolas, organizações religiosas, grupos de jovens, associações e grupos culturais e resultaram na criação da “Rede de Leitura do Coque”, articulação que promove anualmente uma Festa Literária no bairro, dentre outras ações em rede.

Em algumas situações a parceria é ocasional e desencadeada por alguma circunstância pontual, como o ocorrido numa BC onde realizamos o GF06:

Nós fazíamos atividades em parceria e os educadores levavam as crianças até a biblioteca para participar dos saraus, contação de histórias, mediação, enfim, algumas atividades. E assim, com uma dessas educadoras que levava as crianças na biblioteca, começou a nossa relação. Aí apareceu a ocupação das escolas contra a reforma do Ensino Médio e ela participou de uma das ocupações e foi na Brechoteca pedir ajuda pra gente. E a gente falou: Claro! E aí quando você escuta que não tinha uma biblioteca na escola, que ficava fechada, nos conectamos com essa história. Ela foi pedir ajuda e a gente falou: Como a gente pode ajudar? Porque também, com as perninhas curtas, sem muitas possibilidades, e aí, conversamos, vamos montar uma biblioteca dentro da ocupação. E aí a gente ajudou a montar uma biblioteca de luta. Um acervinho de 30 livros de literatura. Alguns temas mais voltados para a luta política também.

Além de buscar articulações e parcerias com organizações locais e além das BCs serem ocupadas pela comunidade, elas também “ocupam” a comunidade

estendendo sua programação em outros espaços além da biblioteca. Essas ações têm como primeiro objetivo ampliar o número de leitores e difundir junto às pessoas da comunidade a leitura literária e o acesso ao livro, mas têm também o objetivo de aproximar a biblioteca da comunidade e aprofundar o enraizamento comunitário, como descreve Louzada (2017, não paginado):

São desenvolvidas atividades no entorno da comunidade, como leitura nas praças e becos, levando o livro aos comércios da comunidade, fazendo contação de histórias nas creches do entorno da biblioteca, com empréstimos do nosso acervo nos comércios locais e nessas ações, com rodas de leitura na rua principal da [...]. Com essas atividades a biblioteca ocupa a comunidade, que passa a reconhecer nela um espaço para troca e evolução.

As bibliotecas também consolidam suas raízes locais quando mobilizam mediadores na própria localidade e criam redes de voluntários que desenvolvem regular ou esporadicamente ações de mediação de leitura nas BCs. O perfil dos mediadores de leitura, como já foi detalhado no capítulo 4, também contribui para o enraizamento e a capilaridade das intervenções realizadas pela biblioteca dentro das comunidades, pois além de serem moradores do bairro, muitas vezes esses mediadores atuam como voluntários e se engajam em diversas funções na BC, inclusive em sua manutenção, na captação de recursos e nos apoios para a sua sustentabilidade.

Por fim, a adoção de mecanismos de gestão compartilhada também sinaliza esforços para que diferentes pessoas e grupos representativos na comunidade incidam e tenham uma participação efetiva nas decisões e rumos dados às BCs. Conforme já tratado no capítulo 3, os mecanismos de gestão são dispositivos fundamentais para o fortalecimento da corresponsabilização da comunidade e, nesse processo, há um engajamento de moradores e organizações que se comprometerem com a iniciativa da BC.

Além de seus aspectos mais formais, que envolvem mecanismos de gestão compartilhada, a autogestão das BCs fomenta um sentido de responsabilidade compartilhada que envolve também as crianças e jovens que interagem com aqueles espaços. Este sentimento de responsabilidade e compromisso com a manutenção da BC ficou evidente quando opinaram sobre o que fariam se a biblioteca fechasse suas portas:

Se depender de mim essa biblioteca não fecha; tenho o projeto de fazer uma escola; se eu conseguir, vou comprar uma van pra ajudar

a transportar as pessoas pra virem para a biblioteca. Se eu conseguir entrar na Faculdade, fazer licenciatura em Língua Portuguesa e Física eu vou investir nessa biblioteca que me acolheu. Vou ajudar a biblioteca a continuar acolhendo outras pessoas (GF03).

Porque, ainda que ela feche existem raízes, existem mentes, muitas crianças que temos aqui, que com certeza elas vão buscar um mecanismo para reabrir a biblioteca. Para continuar o trabalho que vocês não iam deixar tudo que foi construído durante tantos anos. Se fechar, é deixar pra trás e perder um trabalho. Ele não ia se perder, não. Ao contrário ia ser um incentivo para continuar mais na frente. E, não deixar que o edifício que foi construído, seja derrubado (GF02).

Se esse espaço acabar vai fazer muita falta aqui pra comunidade, não é? Porque já estão acostumados. Tanto os jovens, como os adolescentes, as crianças. Então eu nem imagino fechar. Mas é bom falar, né? Se fechar, a gente vai arrumar uma maneira de, de fazer com que continue, não é? E, que algum órgão do governo, do estado, da comunidade daqui de Recife, se engranjem, em alugar um espaço. Não aluga espaço pra tantas coisas? Por que não podia alugar pra a biblioteca, né isso? E, se acontecer, a gente pode até se reunir e pode até se reunir também pra não fechar, né? Mas eu creio que não fecha mais não. Porque vai fechar, não. Vai fazer muita falta (GF05).

A articulação das bibliotecas e seu enraizamento não se restringem à esfera local, uma vez que buscam agir de forma articulada, para além das fronteiras dos territórios, acionando parceiros que contribuam para que a biblioteca possa manter suas ações.

O leque de articulações com parceiros externos às comunidades locais permite que as BCs obtenham apoio financeiro, contribuições para o acervo, aquisição de mobiliário e outros equipamentos, assessorias de natureza técnica, oferta de cursos de formação e voluntários para apoio nas atividades realizadas. No conjunto de respostas obtidas, a partir das entrevistas estruturadas, identificamos que essas parcerias abrangem entidades da esfera governamental e também organizações da sociedade civil, iniciativas individuais e do empresariado.

Destaca-se nesse universo a parceria com o Instituto C&A, por meio do Programa Prazer em Ler (PPL), e os aprendizados resultantes dessa parceria no tocante ao enraizamento. São as bibliotecas do PPL, atualmente reunidas na RNBC, que possuem, por exemplo, maior compreensão da importância e qualidade do seu acervo e da sua relação com a comunidade, assim como

detêm informações mais precisas acerca das pessoas que as frequentam. Esse mesmo grupo é o que indica fazer mais atividades fora da biblioteca, 83,7% contra 54,9% daquelas que não participam do PPL/RNBC.

Vale destaque também para parcerias com bibliotecas públicas municipais e com universidades públicas. São várias as menções a esse tipo de parceria e vários modelos a serem seguidos que, posteriormente, pretendemos detalhar em artigos específicos sobre o assunto. Aqui, nesse momento, vamos descrever apenas duas parcerias com essas características.

A aproximação com as bibliotecas públicas municipais é fundamental para construir um caminho de legitimidade e de troca de saberes entre pessoas que trabalham com um mesmo fim. Numa ação inédita, foi criada em Betim, Minas Gerais, a Rede de Bibliotecas Públicas e Comunitárias<sup>32</sup> e essa Rede teve um papel decisivo para evitar que a Biblioteca Pública Municipal de Betim fosse fechada pelos gestores municipais, que alegaram sua pouca funcionalidade para a população local. Na ocasião, foram os interagentes e os mediadores de leitura da Rede que, ao defender a importância desse equipamento cultural para a população, informaram à gestão municipal que existiam cerca de quatro mil leitores cadastrados na biblioteca, o que por si só justificaria a manutenção desse serviço. Além disso, argumentaram que o fechamento da biblioteca pública repercutiria em âmbito nacional, já que ela pertencia à RNBC. Desse modo, pela via de uma ação coletiva, a Rede teve um papel fundamental para assegurar a manutenção da Biblioteca Pública Municipal naquela localidade.

As parcerias com universidades foram apontadas em especial a partir de projetos de extensão universitária, com incidência no campo da gestão, como é o caso da UFC já mencionado no capítulo 3, e na formação das equipes que atuam nas BCs, a exemplo da UFPE, Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Paulista (UNIP), polo Pará, entre outras. Nessa categoria cabe destaque para a parceria estabelecida pela Rede Baixada Literária<sup>33</sup>, do Rio de Janeiro, com o Comitê de Direitos Humanos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e a Universidade de Cidadania da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para trabalhar em duas frentes: a democratização do acesso à leitura e à escrita; e o intercâmbio de saberes entre escolarizados e não escolarizados. Para tanto, estão sendo promovidos cursos fora da universidade, mediados por docentes e técnicos das diferentes instituições e membros da Rede Baixada Literária.

## Sustentabilidade

A sustentabilidade está intimamente ligada com a dimensão enraizamento e isso é evidenciado quando apontamos as parcerias como estratégia de

**32.** A Rede de Bibliotecas Públicas e Comunitárias de Betim se uniu à Rede de Leitura Sou de Minas, Uai! no ano de 2016, fortalecendo assim as articulações do grupo no estado.

**33.** Endereço eletrônico: <http://movimentobaixadaliteraria.blogspot.com>.

enraizamento. Mas precisamos pontuar que são essas mesmas parcerias que geram sustentabilidade para a biblioteca e, em alguns casos, para os jovens e adultos que atuam nas bibliotecas, pois abrem oportunidades para desenvolver trabalhos como oficinairos, mediadores e até mesmo produtores culturais em outros projetos e ações, com remuneração para tal trabalho. Trata-se de um processo de fomento à geração de renda local. Além disso, a forma de gestão compartilhada, igualmente mencionada anteriormente, adotada pela maioria das bibliotecas também é uma estratégia de sustentabilidade. O entendimento de que existe uma dimensão produtiva nas organizações populares também foi apontado por Gadotti (2012, p. 15-16) em sua análise das formas de sustentabilidade associadas à educação popular comunitária:

[...] vem propondo uma educação socialmente produtiva, resgatando a visão totalizante da produção. Produzir é gerar relações sociais de produção. A produção não é só um fenômeno econômico. Ela está associada a um modelo de desenvolvimento social e pessoal e supõe uma educação para a participação e a autogestão, uma educação integrada ao trabalho produtivo e uma educação comunitária para trabalhar associativamente. Enquanto o modo capitalista de produção gera cada vez mais exclusão, o modo produzir nos chamados “empreendimentos econômicos solidários” forma para a autogestão, a inclusão e a corresponsabilidade.

Mas é importante lembrar que manter as bibliotecas abertas, remunerar as equipes, assegurar o pagamento de contas como aluguel, água e luz são desafios recorrentes para o conjunto das BCs estudadas. Como mencionado, uma forma de enfrentar esse desafio é a busca de apoio financeiro junto a parceiros, na própria comunidade ou em outras esferas.

Na parceria com as universidades, algumas BCs têm assegurado, inclusive, formas de remuneração para as suas equipes, como é o caso das ações realizadas pela Releitura, em Pernambuco. Como disse um gestor:

Atualmente, através desta Rede, a biblioteca tem parceria firmada com o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal de Pernambuco, para a formação dos mediadores de leitura e coordenadores das bibliotecas que compõem a mesma e para integrar a equipe de formação de professores de escolas públicas, através da participação em Programas do MEC (GFO4).

Outra forma de viabilizar a sustentação financeira é por meio da busca de apoio governamental que, de modo geral, é feito por meio de editais públicos nas instâncias municipais, estaduais ou no âmbito federal. No entanto, esse modelo tem se mostrado insuficiente, pois são apoios a projetos que têm começo, meio e fim. Os editais não preveem apoio por meio de recursos para ações continuadas.

Nos relatórios de 2016, coletados durante as visitas, foi possível conferir múltiplos movimentos para levantamento de recursos: festas, bingos, rifas, brechós e uma diversidade de cursos para arrecadar recursos para a subsistência diária desses espaços. Além disso, organizam mutirões para resolver problemas ou melhorar suas condições de espaço e ambiente, bem como para agilizar o tratamento do acervo.

No entanto, essas estratégias não são suficientes para a sua sustentabilidade. Um dado revelado pela pesquisa foi, inclusive, o fechamento de algumas bibliotecas que integravam a amostra inicial dessa pesquisa e que foram excluídas durante o processo por haverem suspenso seu funcionamento.

Dentro dessa precariedade e da vulnerabilidade em que se encontram, um segmento delas tem buscado atuar de maneira articulada para que suas ações sejam reconhecidas e que possam ser beneficiadas, de forma mais sistemática, por recursos e apoios públicos. Assim, surgem redes de bibliotecas que endereçam, de forma organizada, reivindicações que possam se traduzir em políticas públicas efetivas, ou seja, políticas públicas que superem o modelo de lançamento de editais públicos.

No universo pesquisado de BCs, a forma de organização em redes foi perceptível em duas dimensões: na forma de redes locais (que podem ter a abrangência municipal ou estadual) e na forma de rede nacional, representada pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. A articulação em rede tem vários fatores positivos.

No âmbito local, é possível apontá-las também como uma forma de enraizamento, já que unidas se fortalecem e conseguem ampliar seu campo de ação. Mas, no que tange à sustentabilidade, as redes favorecem a formulação de projetos coletivos e o acesso a recursos, inclusive na iniciativa privada, com repercussões como aquela que aparece no depoimento a seguir:

Acabamos de aprovar agora projeto no Itaú Cultural, com participação de quatro redes. Vamos nos reunir agora para planejar juntos as ações (GF03).

A organização em rede fortalece, ainda, as ações de sustentabilidade, para além de um sentido meramente financeiro. É o que permite, por exemplo, que se realizem ações com maior visibilidade, o que, em alguma medida, também contribui para que as bibliotecas se sustentem:

No sábado passado aconteceu o primeiro encontro da Rua de Leitura da rede. Houve acampamento literário, a vizinha cedeu espaço, pessoas das três bibliotecas da rede estavam aqui. [...] As três bibliotecas ficam em lugares distantes, pra gente é difícil sair daqui, tem que pegar 2 ônibus, arcar com custos de passagem, mas todo mundo veio. Ficamos todos gratos e emocionados (GFO3).

[...] a gente tem essa parceria, desde 2013, quando surgiu a Rede Terra das Palmeiras e, com isso, a gente já vem fazendo trabalhos em coletivo, a gente tem sarau, a gente tá junto. Tem essas outras atividades, sempre a gente tá juntas, fazendo, realizando atividades, em Rede (GFO2).

A articulação em rede também favorece a permanência de mediadores formados nas BCs que podem atuar em diferentes espaços. Essa articulação indica o quanto o enraizamento comunitário contribui para a consolidação da biblioteca em seu território, ao mesmo tempo em que a articulação em rede fortalece o sentimento de pertencimento a um coletivo que não se restringe a um determinado local, mas se consolida em ações compartilhadas de formação de leitores. O depoimento de um mediador de leitura, que já passou por várias bibliotecas comunitárias e hoje atua como articulador de uma rede local da RNBC, composta por cinco bibliotecas, traduz essa perspectiva:

Eu comecei numa biblioteca que não faz mais parte da rede, mas foi um lugar de muito aprendizado pra mim como mediador e pra poder sentir essa potência que é a biblioteca comunitária porque era uma instituição que valorizava muito o espaço da biblioteca estar sempre aberto. [...] Foi lá essa minha experiência, essa aproximação da mediação de leitura. Eu me apaixonei por mediação. Eu aprendi nessa biblioteca. [...] Eu fiz descobertas incríveis nesse meio e aí minha rede foi crescendo, eu acabei saindo dessa biblioteca e fiquei como articulador na rede. Acabei indo pra essa coisa de incidência em política pública. Correr atrás de parcerias, de recursos. Hoje eu estou nesse papel dentro da rede. De articulador. E como eu vou caminhando por todas essas bibliotecas que acompanham a rede, a gente vai percebendo a importância delas. Cada território que elas estão e como são diferenciadas as estratégias para alcançar público de formação de leitores. A organização do espaço. Os livros que estão lá. A gente vê como a biblioteca comunitária vai se formando conforme o público, a comunidade e a relação do mediador com esse público. Muito interessante isso na biblioteca comunitária. Acaba que a cada biblioteca que a gente vai visitar tem um padrão. A biblioteca comunitária tem a identidade da comunidade. Eu acho que isso ajuda

muito no enraizamento comunitário. Eu acho que isso é um dos pontos fortes. A pessoa acaba se sentindo parte da biblioteca também nisso. Na construção do acervo, das atividades. Eu acho isso interessante. Quando a gente pensa em um acervo de referência para o público infantil e juvenil, a gente pensa na biblioteca X. Quando a gente pensa em um acervo mais rico em literatura brasileira, a gente pensa na biblioteca Y etc. Tudo por causa da construção que cada biblioteca foi fazendo. E a rede agrega e articula toda essa diversidade e vai se fortalecendo como coletivo (GF07).

Depoimentos com esse enfoque também foram marcantes nos diários de campo da equipe de pesquisadores que destacaram a importância de ter contato com BCs em territórios diferentes e que, no entanto, traduziam trajetórias similares de organização popular em torno da leitura e da compreensão de que ter acesso a bibliotecas é um direito ainda sonhado a largas camadas da população brasileira.

Além dessas alternativas, é importante registrar que identificamos também o modelo de organização cooperativa como forma de sustentabilidade. No caso da BC em que realizamos o GF em Belém do Pará, o cooperativismo é, inclusive, tema de intervenções junto aos frequentadores.

Tem dois grupos de cooperativa: Primeiro do Norte: juntos somos fortes; e o grupo da manhã Cooperativa Flor do Norte. O que é a cooperativa? Como funcionamos? Fazemos atividades como a criação da LOGO, a camisa; o livro que estamos fazendo, criando as histórias, a capa [...]. Ajudamos a arrecadar dinheiro para o final do ano. [...] No momento estão empenhados na construção colaborativa de um produto que tem a cara da biblioteca: um livro. Estão criando as histórias, as ilustrações, depois vão organizar a capa, montar, até a finalização (GF03).

Enraizamento e sustentabilidade são dimensões presentes na organização política das BCs, que também atuam em um terceiro direcionamento, nomeado aqui de incidência política, cuja intenção é influenciar nas políticas públicas, como trataremos a seguir.

## Incidência em políticas públicas

Enraizamento comunitário e organizações em torno da sustentabilidade são dimensões da organização política das BCs estudadas e a incidência é a forma da sociedade atuar na formulação, implantação e acompanhamento de políticas públicas por meio do diálogo e da pressão junto às esferas representativas dentro

dos governos. Trata-se de construir uma política cultural a partir da noção de cidadania cultural, ou seja, definida por uma cultura que:

115

Não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões de mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia) mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque, no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (CHAUI, 2006, p. 138).

A partir do universo das 143 bibliotecas que participaram da pesquisa, conforme pode ser observado na tabela 13, 74,1% das bibliotecas participam de alguma instância política associada à leitura, enquanto que 25,9% não participam ou não responderam a essa questão.

<b>Bibliotecas</b>	<b>%</b>
Participa de alguma instância	74,1
Não participa	23,1
Não respondeu	2,8
<b>Total</b>	<b>100</b>

**Tabela 13.**

Distribuição das bibliotecas em relação à incidência em políticas associadas à leitura – RU

Fonte: As autoras (2018).

Importante a participação das BCs na luta pelo estabelecimento de políticas públicas para a área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em seus territórios e, por meio dos dados apresentados na tabela 14, é possível conferir que a maior incidência das BCs está justamente na construção dos Planos Municipais do Livro, Leitura e Bibliotecas, com 45,5% BCs participando, seguido de 29,4% participando da construção dos Planos Estaduais.

<b>Espaços de instâncias e políticas</b>	<b>%</b>
Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)	18,9
Plano Estadual do Livro, Leitura e Biblioteca	29,4
Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca	45,5
Conselho Nacional/Estadual/Municipal de Cultura	36,4
Conselho Nacional/Estadual/Municipal de Educação	11,9
Fóruns Nacional/Estadual/Municipal de Cultura	46,2

**Tabela 14.**

Distribuição das bibliotecas em relação aos espaços de incidência e políticas – RM/ Estimulada

Fonte: As autoras (2018).

É importante lembrar que o fortalecimento do PNLL depende do estabelecimento e execução dos planos estaduais e municipais, nesse sentido as pessoas envolvidas na condução das bibliotecas comunitárias reconhecem seu papel nos seus territórios. No entanto, os dados da pesquisa tornaram evidente que são as BCs que fazem parte do PPL/RNBC, 65% das bibliotecas pesquisadas, que têm atuado de forma articulada na incidência em políticas públicas no campo da leitura, do livro e da biblioteca, sendo 90,2% das bibliotecas do PPL contra 47,1% daquelas que não integram o PPL/RNBC, revelando, mais uma vez, o importante papel das redes e parcerias.

Sendo a política de livro, leitura, literatura e biblioteca, uma política setorial da política de cultura, cabe destacar que somente 20% dos 45 municípios apontados pela pesquisa Perfil dos Estados e Municípios Brasileiros – 2014 do IBGE (MUNIC/2014), onde se encontram as bibliotecas comunitárias pesquisadas, tinham Plano Municipal de Cultura. Entretanto, sabe-se que, de 2014 para cá, novos planos foram aprovados, porém nem todos esses planos foram feitos com a real participação da sociedade. No apêndice A relacionamos os dados do MUNIC/2014 a respeito também da existência ou não de Conselho e Fundo Municipal de Cultura, da realização ou não de Conferências Municipais de Cultura no conjunto de municípios que compõem essa pesquisa. No tocante a essa esfera, a pesquisa também revelou que 47,8% das BCs vinculadas à RNBC têm representação nos conselhos municipais e/ou estaduais de políticas culturais, contra 15,7% das não integrantes. Sabendo que para ter esse assento nos conselhos é preciso representatividade, uma vez que são espaços de representação eletiva, a articulação em Rede, mais uma vez, parece favorecer essa conquista.

Também cabe destaque a preocupação com a apropriação de informações atualizadas e com a construção e compartilhamento de conhecimento sobre as questões que defendem, com vistas a uma atuação qualificada junto aos poderes públicos. Desse modo, as equipes das BCs passam a ser leitoras, também, de documentos normativos:

Eu estou lendo, a questão do estudo do nosso Plano Nacional. Que a gente tá nessa luta, luta aí pela implementação, do Plano Municipal do Livro e Leitura (GFo2).

Vale registrar que além da incidência política no campo do livro, leitura, literatura e bibliotecas, as BCs têm forte atuação também em outras instâncias que envolvem os campos da saúde, educação, criança e adolescentes em seus territórios.

A organização em rede também pode ser considerada como uma forma de organização política. Segundo depoimento recolhido na pesquisa, a primeira

organização em rede desse grupo foi articulada em Pernambuco, conforme registro do GFO4, o Movimento Cultural Boca do Lixo (MCBC), junto com outras três bibliotecas comunitárias cria a Releitura – Rede de Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana de Recife (RMR). Hoje, a Releitura conta com 07 bibliotecas comunitárias. Desde a criação da Releitura até ano de 2012, o MCBL esteve à frente de sua coordenação. O mais significativo fruto da Releitura até agora foi a elaboração e aprovação na Câmara dos Vereadores do Recife da Lei nº 17.600/2009, que estabelece a política municipal do livro e incentivo à cultura da leitura, de janeiro de 2010. Atualmente, através desta Rede, a biblioteca tem parceria firmada com o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal de Pernambuco, para a formação dos mediadores de leitura e coordenadores das bibliotecas que compõem a mesma e para integrar a equipe de formação de professores de escolas públicas, através da participação em Programas do MEC.

A partir da atuação dessa rede, outras 12 redes locais foram estruturadas e foram capazes de agregar mais de 100 BCs em diferentes estados do país, o que culminou na estruturação, em 2016, de uma rede nacional, a RNBC, cujo objetivo central é a luta pelo direito humano à leitura. Como disse um dos membros dessa articulação nacional:

Hoje no Brasil todo, tem 114 bibliotecas apoiadas, e a gente já está reunido em Rede. Eu sou um dos Conselheiros dessa Rede Nacional. E temos 12 redes locais. Tem várias comunidades envolvidas nas nossas redes locais e na rede nacional. Temos parceria com institutos, fundações, universidades e outras organizações sociais (GFO5).

Os dados acerca das redes locais podem ser conferidos no apêndice D, quadro 5.

A RNBC destaca como foco de sua atuação a incidência política, a construção de argumentos técnicos, o desenvolvimento de processos formativos e autoformativos que qualifiquem sua atuação na disputa por políticas públicas. Nessa direção:

A Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias surgiu como um desdobramento natural da organização em rede de bibliotecas comunitárias em várias cidades do país. Esses espaços de leitura, mantidos por instituições sociais e culturais em áreas de periferia das regiões metropolitanas, passaram a atuar em rede a partir de 2009 dentro de uma ação de apoio e incentivo à leitura: o Programa Prazer em

Ler, do Instituto C&A. Com esta atuação coordenada e coletiva, as bibliotecas comunitárias ganharam protagonismo e liderança na construção de políticas públicas da área do livro e leitura. As experiências de troca e aprendizagem, proporcionadas pelo Programa Prazer em Ler, mostraram a necessidade de dar amplitude nacional ao que já era realidade em diversos locais do país (MACABÚ, 2016, não paginado).

A organização em rede fomenta a “experiência do diálogo” para um contingente de BCs, até então “roubados de sua palavra” (FREIRE, 1985) e que passam a ganhar voz, à medida que sua organização é capaz de expressar suas reivindicações dirigidas ao poder público e à sociedade em geral, inclusive com força para conquistar a aprovação de leis municipais e a formulação de planos do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, como verificamos nos extratos selecionados a seguir:

A Rede de Leitura “Sou de Minas, Uai” se mobiliza e faz coro junto aos agentes culturais, movimentos sociais e artistas contra a redução de investimento previsto no Plano Plurianual de Ação Governamental (PPAG) previstos para as diversas áreas, incluindo a cultura. [...] O Plano Municipal de Livro e Leitura de Belo Horizonte está em processo de elaboração e nós, enquanto representantes da sociedade civil, não acreditamos na eficiência de uma política pública sem dotação orçamentária. Não se faz política pública sem investimento (PMLLB-MG, 2014).

Para a implementação do PMLL de Porto Alegre, a rede de bibliotecas se uniu a outras frentes de fomento à leitura literária no Rio Grande do Sul, dando corpo a um movimento que levou a cidade a se tornar a primeira capital brasileira a aprovar um PMLL, com a participação dos diferentes atores da sociedade civil e do poder público, conforme os moldes do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL (MORAES, 2013).

Além da participação em fóruns que incidem sobre a formulação de leis e planos no campo da leitura, alguns depoimentos coletados durante a realização dos GFs evidenciaram a compreensão de que a incidência política das

bibliotecas comunitárias com uma pauta mais difusa, no campo da cultura de um modo geral. Alguns exemplos são os registrados a seguir: 119

Hoje que a Cultura está em segundo ou terceiro plano, não se tem política de cultura, a Literateca segue sendo a referência de formação de leitores, de criação de eventos culturais, circulação de acervos, é a patrocinadora maior da cultura. É o único equipamento cultural de referência. Muita gente vem aqui pensando que é a biblioteca municipal (GFo8).

Ter uma biblioteca comunitária, na nossa comunidade, seja nessa nossa aqui de Cidade Olímpica, como em qualquer outra comunidade, significa civilidade. Significa assegurar o direito que nós temos, que nós, enquanto rede leitora em qualquer local do Brasil temos como objetivo garantir a leitura como direito humano. E, se é direito humano, significa que todos precisam ter acesso. Então a partir do momento que implantamos essas bibliotecas comunitárias, dentro das nossas comunidades, nós estamos com esse objetivo, de fazer com que esse livro, que essa leitura possa chegar até às pessoas, até, desde a criança, até o idoso. Então o que, que elas possam ter esse acesso à leitura, como direito humano. Nós sempre fomos pautados a acreditar que a leitura não é cultura, e hoje, nós brigamos por isso. Para dizer que leitura é cultura. E, que cultura sempre foi da alta elite, digamos assim. E, hoje, a gente quer lutar pra que essa cultura, que ela chegue até aqui essa nossa base, aqui, que é quem sustenta, digamos essa autarquia aí (GFo2).

Por fim, a RNBC, através da comissão de bibliotecárias assessoras das redes locais, também tem feito um movimento de aproximação para o diálogo junto aos Conselhos Regionais e ao Conselho Federal de Biblioteconomia, numa reflexão acerca de propostas de normatização para o exercício de profissionais junto às BCs. A presença de bibliotecários (pelo menos um por rede local da RNBC) tem contribuído tanto para que nesses espaços seja possível identificar, com maior incidência, o tratamento técnico dos acervos quanto para que se reflita acerca do papel social e educativo desses profissionais, o que remete também para a necessidade de se constituir uma agenda mais propositiva para as instituições formadoras, como é o caso das universidades. Vale lembrar que, nos currículos do curso de Biblioteconomia, raras são as escolas que incluem disciplinas relacionadas às demandas específicas que os profissionais bibliotecários encontram

quando exercem sua profissão em bibliotecas públicas, comunitárias e escolares, onde se demandam, por exemplo, conhecimento e habilidades específicas sobre mediação de leitura, mediação cultural, técnicas alternativas para a organização desses espaços e, até mesmo, disciplinas sobre políticas públicas.





Abaixo meu escudo,  
deixo a cara à tapa,  
mas quero um contudo:  
julgue o conteúdo  
e esqueça a capa.

(FRED CAJU, INTERVALO ABERTO, 2018, P. 15)

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS PARA NOVAS PESQUISAS

Como afirmamos na introdução desta obra, algumas inquietações mobilizaram a equipe desta pesquisa e estavam presentes na origem e na proposição das perguntas que conduziram este estudo. Inquietações sobre o que caracteriza uma biblioteca comunitária e sobre o que ela nos diz acerca da leitura e dos leitores no Brasil. Inquietações sobre a ausência de um campo acadêmico, consolidado através de uma rede de pesquisadores, que gere uma produção sistemática acerca do tema das BCs, numa área interseccional entre a Biblioteconomia, a Ciência da Informação e a Educação. Inquietações sobre a existência de iniciativas esparsas de investimento social corporativo e de ONGs a essas bibliotecas, que se fragilizam pela falta de informações mais precisas sobre o escopo que define o que é uma BC e quais os seus impactos sociais. Inquietações pela fragilidade das políticas públicas e pela lacuna deixada quando as instâncias governamentais se omitem em relação ao apoio e ao reconhecimento do caráter público das BCs.

E agora, ao concluir a escrita que comunica os resultados da pesquisa e ao revisitar estas inquietações, que novos apontamentos e que outras questões levantamos?

Ao delinear uma caracterização geral das bibliotecas comunitárias, a pesquisa indicou que elas estão presentes em todo o território nacional, localizadas na sua maioria em zonas urbanas de grande densidade demográfica e historicamente carentes de serviços públicos de educação e cultura de qualidade. Elas são o resultado da iniciativa de pessoas que se juntam em coletivos e buscam apoio de instituições privadas sem fins lucrativos, participam de editais promovidos por governos e contam com o apoio solidário de pessoas e grupos locais para manter suas intervenções.

Tanto em números como em termos estruturais, essas bibliotecas cresceram nos últimos anos e seus integrantes se apropriaram de técnicas e de instrumentos que colaboraram para melhorar suas condições quanto aos espaços, acervos e atividades oferecidas para suas comunidades.

Os investimentos em planos e programas governamentais incentivaram a criação das BCs, como sugerem os dados apresentados acerca do histórico da criação dessas bibliotecas, no entanto, o trabalho, os espaços, as condições físicas e a manutenção dessas iniciativas são conquistas diárias e resultado da ação desses grupos que existem e resistem em condições adversas.

Nesse sentido, lançamos uma nova pergunta: **O que está sendo feito atualmente pelos governos para garantir a manutenção e a sustentabilidade desses espaços culturais? E mais, como planejar políticas públicas que contemplem as BCs, uma vez que não existem dados oficiais que indiquem um mapeamento geral e uma caracterização dessas experiências em todo o território nacional?** A demanda por tais levantamentos se torna, portanto, uma necessidade endereçada ao poder público, na esfera federal.

Afinal, o projeto biblioteca não pode ser tratado como um negócio ou uma empresa que vende serviços e não tem como se sustentar financeiramente sem aportes externos. Sendo uma iniciativa que atua a favor do bem comum, depende de aporte governamental e que precisa ser contínuo, assim como é contínua a ação que as BCs realizam em seus territórios.

Ao mesmo tempo, a gestão autônoma desses espaços é uma característica que contribui para que essas bibliotecas sejam reconhecidas e valorizadas pelas comunidades como espaços de afirmação de direitos e de acesso à cultura, o que sugere outro questionamento: **Como assegurar condições para que as BCs possam manter a autonomia em sua gestão e na condução de seus projetos culturais, ao mesmo tempo em que sejam reconhecidas como bibliotecas públicas?**

Uma segunda inquietação a ser revisitada se traduz na pergunta: **O que a caracterização da BC nos diz acerca da leitura e dos leitores no Brasil?**

Os dados desta pesquisa indicam que a leitura faz parte da agenda de demandas por direitos e que é uma necessidade sentida por vários grupos que se percebem excluídos do acesso aos bens culturais e às práticas de leitura, especialmente quando falamos em direito à leitura literária e ao acesso a livros. A defesa da biblioteca em seus territórios se associa à luta por melhores condições de vida, numa compreensão de que a biblioteca pode cumprir esse papel por ser uma “casa dos livros”, que acolhe a todos e está próxima das pessoas, em vários sentidos. Na aproximação entre livros e leitores a presença dos mediadores de leitura – muitas vezes jovens e mulheres da própria comunidade – é uma marca que dá a “cara” das BCs e das práticas de leitura que nela ocorrem.

A inclusão de grupos sociais cuja trajetória com a leitura está, muitas vezes, marcada pela frustração, pela falta de acesso e pelo sentimento de não-pertencimento se dá, na BC, através de diversas estratégias que visam aproximar as pessoas – crianças, jovens, adultos e idosos – de livros. Nas bibliotecas, há uma ampla oferta de livros para a escolha livre dos interagentes, que leem para diferentes finalidades – pragmáticas, de entretenimento, de fruição, para buscar informação. Além disso, a diversidade de obras e o direcionamento que é dado no desenvolvimento das coleções – com destaque para diversos gêneros literários, para livros que tratem de temas como as relações de gênero, étnico-raciais, juventude e para a escrita de autores locais – propicia a vivência imaginativa e novas experiências estéticas de leitura de fruição e também a busca de conhecimento e de afirmação identitária.

Se a biblioteca é um lugar que garante o acesso irrestrito a livros, é também um lugar onde ocorrem diversas práticas de leitura. A marca mais forte do modo de ler na biblioteca são as sessões de leitura compartilhada. A biblioteca é o lugar em que se lê em grupos, em voz alta e depois se conversa sobre livros, autores ou gêneros preferidos. As histórias e a palavra poética são comunicadas em rodas de leitura, *saraus*, *slams*, que ocorrem dentro e fora da biblioteca. A leitura desencadeia debates acerca dos textos e seus conteúdos.

Nas BCs se desenham formas de apropriação da leitura e da escrita e modos de ser leitor. Daí a emergência de novos questionamentos: **A participação em BCs tem efeitos duradouros na formação de leitores? Há diferenças entre ler com os outros e ler sozinho na biblioteca? Como a BC contribui para a apropriação de múltiplos letramentos da população predominantemente negra e de periferias urbanas? Como as questões de gênero são incluídas nas BCs?**

Na biblioteca se aprende a ler e a ser leitor. Um leitor que compreende textos e reflete sobre eles, emite e confronta opiniões e também as escreve, individual ou coletivamente. Todos esses modos de ler, de ser leitor e de se expressar na produção escrita evidenciam uma posição “crítico-democrática” diante do debate acerca do que é formar leitores. Nas palavras do mestre Paulo Freire:

Da mesma maneira como, deste ponto de vista [crítico-democrático], a alfabetização de adultos e a pós-alfabetização implicam esforços no sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão portanto da relação entre “leitura” do mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento

e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nessa linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica (FREIRE, 1989, p. 20).

A formação de leitores em bibliotecas é compreendida, desse modo, como uma ação política e supõe um olhar crítico e transformador para a sociedade que gera contextos de privilégio e de exclusão da leitura, da escrita e dos espaços de acesso ao livro e suas mediações. Particularmente, ao criar condições para a leitura literária, a BC – ou no dizer de Freire, a biblioteca popular – faz claramente uma opção política em favor da afirmação de direitos, o que nos conduz a formular como questão: **Como a multiplicidade e a diversidade dos modos de ler nas BCs contribuem para contrapor o discurso que defende, de forma universalista, a formação de leitores no Brasil?**

Por fim, os resultados da pesquisa também instigam novas inquietações dirigidas, particularmente, às esferas acadêmica, corporativa e governamental.

A pesquisa documentou várias práticas de leitura e de ação cultural que ocorrem em contextos marcados pela exclusão, o que delinea muitos “brasis leitores” que resultam da organização popular de luta por direitos, sendo a biblioteca um equipamento desejado e conquistado por segmentos da população que criam suas próprias condições de acesso aos livros e à leitura, resistindo à exclusão e à precariedade na apropriação de bens culturais. Ao situar que existem movimentos sociais que implementam e mantêm bibliotecas em zonas de exclusão de direitos, nas periferias urbanas brasileiras, a pesquisa evidencia que este é um tema que continua a ser relevante no campo da pesquisa social e da extensão universitárias, mesmo na sociedade tecnológica em que vivemos. Para as populações atendidas pelas BCs, ainda não chegou o tempo de anunciar a morte dos livros e da leitura, nos modos como ela se realiza em bibliotecas, e particularmente em bibliotecas que instituem, através de suas práticas, novas sociabilidades mediadas pela leitura. As universidades têm, portanto, um papel relevante na reflexão teórica e empírica acerca das BCs e de sua ação cultural e de inovação em termos de tecnologia social, com suas experiências de enraizamento, sustentabilidade e incidência em políticas públicas.

Em seu esforço por assegurar nas comunidades o direito à leitura e ao acesso ao livro, as bibliotecas pesquisadas têm o grande desafio da sustentabilidade,

o que remete à necessidade de chamar à responsabilização tanto a sociedade civil organizada, quanto o setor empresarial e os governos. 126

Conforme indicam os dados da pesquisa, as bibliotecas que anunciam que seu objetivo é formar leitores e que identificam mais frequentemente mudanças no comportamento leitor de seus interagentes são também aquelas que funcionam em espaços mais estruturados, têm acervos mais organizados e promovem ações regulares de mediação de leitura. Outros indicadores também estão associados a essas bibliotecas, quais sejam: a existência de conselho deliberativo, a participação em editais, a localização em municípios com maior IDHM e mais tempo de funcionamento. Além desses dados, em que foram identificadas correlações estatisticamente relevantes, as bibliotecas que afirmam que se mantêm com um maior aporte mensal de recursos são também aquelas que apresentam mais registros de empréstimo, mais cadastros e dispõem de maior espaço. Esses dados sugerem novas perguntas a serem investigadas: **Qual o custo-qualidade de uma BC? Como os modos de gestão compartilhada incidem nas ações da BC? Quais os indicadores sociais dos territórios onde se localizam e como as BCs impactam nas condições de vida daqueles que a frequentam?**

Para finalizar, reafirmamos que a BC se caracteriza por suas ações de mediação de leitura e que o diferencial de suas intervenções está nas práticas de leitura que promove. Leitura, entendida também no sentido proposto pelo escritor Ítalo Calvino:

Penso que a leitura não é comparável a nenhum outro meio de aprendizado e de comunicação, porque ela tem um ritmo próprio, que é governado pela vontade do leitor; a leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, enfim, de liberdade; a leitura é uma relação com nós mesmos e não apenas com o livro: com o nosso mundo interior, através do mundo que o livros nos abre.

Talvez o tempo que poderia ser destinado à leitura seja cada vez mais ocupado por outras coisas, isto já é verdade hoje, mas talvez fosse ainda mais verdade no passado, para a maior parte dos seres humanos. Seja como for, quem tem necessidade de ler, quem tem prazer de ler (e ler é certamente uma necessidade-prazer), vai continuar recorrendo aos livros, aos do passado e aos do futuro (CALVINO, 2015, p. 127-128).

É essa necessidade-prazer da leitura que também ouvimos na voz de frequentadores das BCs, quando nos disseram: 127

A leitura mudou muita coisa na minha vida, que antes eu não lia, não fazia questão de ler livros, não gostava, não gostava de fazer nada. Quando eu vim frequentando a biblioteca, comecei lendo umas poesias pequenininhas, aí depois eu fui crescendo, crescendo, crescendo, crescendo, chegou numa etapa que eu comecei a ler um livro infantil, aí eu fui me aprimorando na leitura, fui lendo, lendo, lendo, lendo, lendo, lendo, um bocado. Agora eu tou lendo é livros grandes, juvenil (GF10).

Meu nome é D. e eu me considero uma cria da biblioteca. Se for dividir a minha vida em marcos, a chegada à biblioteca, com certeza é um marco, onde eu pude ampliar a minha visão de mundo e enriquecer a minha experiência de vida (GF04).

Numa sociedade como a nossa, em que ter acesso a livros e ler literatura continua a ser um privilégio de poucos, as vozes que emergem das BCs podem soar, para alguns, como intrusas e transgressoras de uma ordem natural. Mas, pelo contrário, traduzem a força, o protagonismo e a criatividade de grupos que afirmam, em suas ações, que ler é direito de todos e que é possível conquistar esse direito mesmo diante da adversidade. Desse modo, as BCs têm muito a dizer sobre como criam espaços para a leitura e para a formação de leitores em contextos de extrema vulnerabilidade social e em realidades marcadas pela violência, e, desse modo, revelam um Brasil que lê e que se contrapõe e combate desigualdades enquanto resiste e busca assegurar o acesso a lugares de cidadania.



o?  
le  
me  
os  
tas.  
eluo  
no

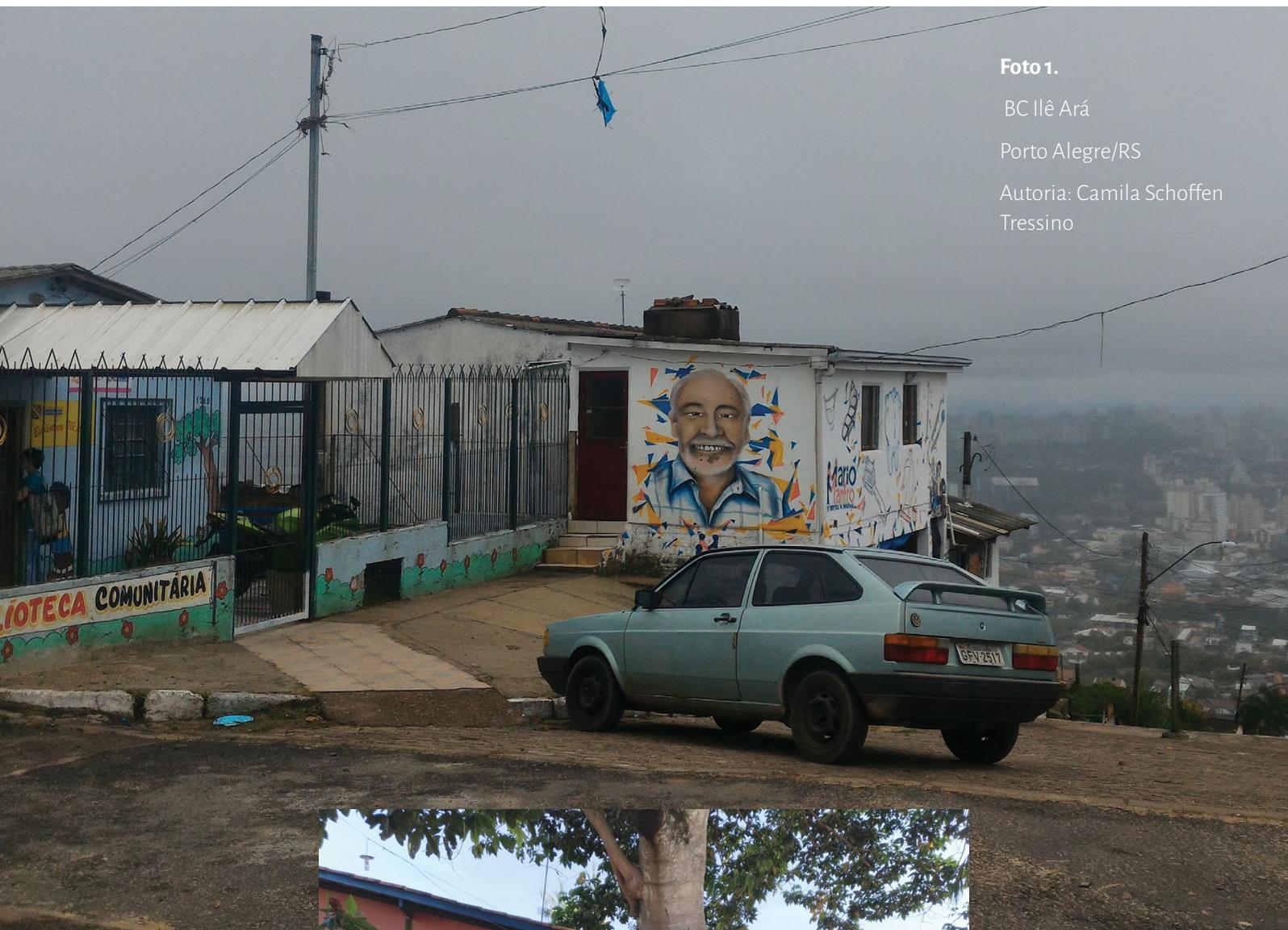
O olho do sol batia sobre as roupas do varal e mamãe sorria feliz.  
Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento.  
Pequenas lágrimas dos lençóis.  
Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa.  
Tudo me causava uma comoção maior.  
A poesia me visitava e eu nem sabia...

(CONCEIÇÃO EVARISTO, POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS, 2008)

va  
22  
d

# 8. CENAS DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS BRASIL AFORA

129



**Foto 1.**

BC Ilê Ará

Porto Alegre/RS

Autoria: Camila Schoffen

Tressino



**Foto 2.**

BC Regina Célia Gama  
Miranda (na fachada  
aparece o nome da insti-  
tuição ITAE)

Paraty/RJ

Autoria: Natália  
Nascimento Braga e  
Luiza Peres França Pinto  
Gama



**Foto 3.**

BC Paulo Freire

Nova Iguaçu/RJ

Autoria: Celina Santos

Borges de Freitas e

Natália Reis



**Foto 4.**

BC Cepoma

Recife/PE

Autoria: Isamar Martins

de Santana e Mauro Silva

de Souza

**Foto 5.**

BC Amigos da Leitura

Recife/PE

Autoria: Isamar Martins  
de Santana e Mauro Silva  
de Souza

**Foto 6.**

BC Cora Coralina

São Luis/MA

Autoria: Flávia Bianca  
Silva e Meirivania Sá  
Correa

**Foto 7.**

Borrachalioteca

Sabará/MG

Autoria: Dany Praça

**Foto 8.**

BC do Calabar

Salvador/BA

Autoria: Vilma Almada  
dos Santos e Solange  
Souza do Espírito Santo



**Foto 9.**

BC Jardim Literário

Fortaleza/CE

Autoria: Joyce Mariana

Forte Viana



**Foto 10.**

BC Cantinho dos Sonhos

Betim/MG

Autoria: Dany Praça

**Foto 11.**

BC Regina Célia Gama  
Miranda

Paraty/RJ

Autoria: Natália  
Nascimento Braga e  
Luiza Peres França Pinto  
Gama

**Foto 12.**

BC Paulo Freire

Salvador/BA

Autoria: Vilma Almada  
dos Santos e Solange  
Souza do Espírito Santo

**Foto 13.**

BC Amigos da Leitura

Recife/PE

Autoria: Isamar Martins  
de Santana e Mauro Silva  
de Souza**Foto 14.**

BC Mundo Jovem

Fortaleza/CE

Autoria: Joyce Mariana  
Forte Viana



**Foto 15.**

BC CEPOMA

Recife/PE

Autoria: Isamar Martins de Santana e Mauro Silva de Souza



**Foto 16.**

BC Palmeirinhas

Belo Horizonte/MG

Autoria: Dany Praça



**Foto 17.**

BC Devorando Livros

Fortaleza/CE

Autoria: Joyce Mariana

Forte Viana



**Foto 18.**

BC Arvoredo

Porto Alegre/RS

Autoria: Camila Schoffen

Tressino

**Foto 19.**

BC Regina Célia Gama  
Miranda

Paraty/RJ

Autoria: Natália  
Nascimento Braga e  
Luiza Peres França Pinto  
Gama

**Foto 20.**

BC Lar MeiMei

Olinda/PE

Autoria: Isamar Martins  
de Santana e Mauro Silva  
de Souza

**Foto 21.**

BC Livro Aberto  
Belo Horizonte/MG  
Autoria: Dany Praça

**Foto 22.**

BC Livro Aberto  
Belo Horizonte/MG  
Autoria: Dany Praça



**Foto 23.**

BC LGBTT Arte de Amar  
Fortaleza/CE

Autoria: Joyce Mariana  
Forte Viana



**Foto 24.**

BC Colibri  
Paraty/RJ

Autoria: Natália  
Nascimento Braga e  
Luiza Peres França Pinto  
Gama



**Foto 25.**

BC Corrente do Bem  
Santa Luzia/MG  
Autoria: Dany Praça



**Foto 26.**

BC Corrente do Bem  
Santa Luzia/MG  
Autoria: Dany Praça

**Foto 27.**

BC Clementina de Jesus  
Salvador/BA

Autoria: Vilma Almada  
dos Santos e Solange  
Souza do Espirito Santo

**Foto 28.**

BC Caminhos da Leitura  
São Paulo/SP

Autoria: Luís Gustavo dos  
Santos e Thayame Silva  
Porto

**Foto 29.**

BC Palmeirinhas  
Belo Horizonte/MG  
Autoria: Dany Praça

**Foto 30.**

BC Leverdógil de Freitas  
Porto Alegre/RS  
Autoria: Camila Schoffen  
Tressino



**Foto 31.**

BC Heliópolis

São Paulo/SP

Autoria: Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto



**Foto 32.**

BC Salão do Encontro

Betim/MG

Autoria: Dany Praça



**Foto 33.**

BC Heliópolis

São Paulo/SP

Autoria: Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto



**Foto 34.**

BC Arsenal da Esperança

São Paulo/SP

Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto



**Foto 35.**

BC Picadeiro da Leitura  
Guarulhos/SP

Autoria: Luís Gustavo dos  
Santos e Thayame Silva  
Porto



**Foto 36.**

BC Ilê Ará  
Porto Alegre/RS

Autoria: Camila Schoffen  
Tressino

**Foto 37.**

BC Casa das Artes

Sabará/MG

Autoria: Dany Praça

**Foto 38.**BC Marieta Constante da  
Silva

Novo Hamburgo/RS

Autoria: Camila Schoffen  
Tressino



**Foto 39.**

BC Salão do Encontro

Betim/MG

Autoria: Dany Praça



**Foto 40.**

BC Salão do Encontro

Betim/MG

Autoria: Dany Praça

**Foto 41.**

BC Multicultural  
Nascedouro

Recife/PE

Autoria: Isamar Martins  
de Santana e Mauro Silva  
de Souza

**Foto 42.**

BC Palmeirinhas

Belo Horizonte/MG

Autoria: Dany Praça

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Ed. UEL, 1997.
- ALMEIDA, M. C. B.; MACHADO, E. C. Biblioteca comunitária em pauta. In: ENCONTROS COM A BIBLIOTECA, 2006, São Paulo. **Bibliotecas comunitárias e populares: diálogo com a universidade**, São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/001590161.pdf> Acesso em: 14 set. 2018.
- ALVES, M. **Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em rede da Releitura-PE**. 2017. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.
- ALVES, M. S.; SALCEDO, D. A.; CORREIA; A. E. G. C. Um mapeamento da produção científica sobre bibliotecas comunitárias na ciência da Informação brasileira. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 40-66, set. 2016/fev. 2017.
- ANZALDUÁ, G. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 39, p. 305-318, 2009.
- BAJARD, E. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BARBOSA. A. M. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 13-22.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Ed.) **Situated literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 2000.
- BASTOS, G. G.; ALMEIDA, M. A. A.; ROMÃO, L. M. S. **Bibliotecas comunitárias: mapeamento conceitos e analisando discursos**. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 21, n.3, p. 87-100, set./dez. 2011.
- BASTOS, G. G.; ROMÃO, L. M. S. Sentidos de leitura em bibliotecas nomeadas alternativas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, jan./dez. 2010.
- BÉRTOLO, Constantino. **La cena de los notables**. Bogotá: Babel Libros, 2017.
- BONILLA, E. GOLDIN. D. SALABERRIA, R. (Orgs). **Bibliotecas y escuelas: retos y desafíos en la sociedad del conocimiento**. Barcelona: Editorial Océano, 2008.

- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRANDÃO, A. C. P. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. In: BARBOSA, M. L. F. F.; SOUZA, I. P. **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 59-76.
- CALVINO, I. **Mundo escrito e mundo não escrito**: artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CAMPELLO, B. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais do ENPCI**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004. p.11-33.
- CARDOSO, B. Entrar na cultura escrita pela porta da literatura infantil: reflexões a partir da pesquisa sobre a compreensão e os usos dos materiais educativos. In: BATISTA, M. C. et al. **Literatura na educação infantil**: acervos, espaços e mediações. Brasília: MEC, 2015, p. 81-106.
- CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do gato, 2011.
- CAVALCANTE, L. E.; ARARIPE, F. M. A. **Biblioteca e comunidade**: entre vozes e saberes. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.
- CERVINSKI, A.; SANTANA, G. (Org.) **Mapeamento das bibliotecas comunitárias de Pernambuco**: etapa II – Garanhuns e Afogados da Ingazeira. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2016.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1
- CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história**: coacciones transgredidas y libertades restringidas – Conversaciones de Roger Chartier con Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin y Antonio Saborit. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- CHAUI, M. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2006.
- CHIUMINATTO, Magglio; LIPEIKAITE, Ugne; Oyarzun, GONZALO. **Guía para el estudio de usuarios y de la comunidad em bibliotecas públicas**. Bogota; CERLALC, 2018.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, T. De la enseñanza de la literatura a la educación literaria. **Comunicación, Lenguaje y Educación**, Barcelona, v.3, no. 9, p. 21-31, 1991.
- CORRÊA, E. C. D. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, set./dez. 2014.

- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2013.
- DESAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista educação em questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007.
- DICKINSON, D. K.; GRIFITH, J. A.; GOLINKOFF, R. M. How reading books fosters language development around the world. **Child development research**, v. 2012, p.1-15, 2012.
- FEITOSA, L. T. Comunicação e cultura: as faces e os sotaques. In: CAVALCANTE, L. E.; ARARIPE, F. M. A. **Biblioteca e comunidade: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. p.108-120.
- FERNANDEZ, M. A. A.; MACHADO, E. C. **Bibliotecas públicas: um equipamento cultural para o desenvolvimento local**. Recife: Centro de Desenvolvimento e Cidadania, 2016.
- FERREIRA, D. **Relatório estatístico**. Recife, 2018.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 14<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GADOTTI, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL. **Proceedings online...** São Paulo: Associação Brasileira de Educadores Sociais, v. 2, n. 4, p. 1-36, jul. 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.
- GLOSSÁRIO Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Não paginado. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em: 23 fev. 2017.
- HIRSCHMAN, S. **Gente y cuentos ¿A quién pertenece la literatura?** México: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.
- IBGE. **Perfil dos estados e municípios brasileiros: cultura: 2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- IFLA; UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas: 1994**. The Hague: IFLA, 1995. Disponível em: <https://www.ifla.org/>

- <files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. Vol.1.
- KOONTZ, C.; GUBBIN, B. (Orgs.). **Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas**. Brasília, Briquet de Lemos Livros, 2012.
- LAHIRE, B. Logiques pratiques: le faire et le dire sur le faire. **Recherche & formation**, n. 27, p. 15-28, 1998.
- LAROSSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- LOUZADA, K. Atelier das palavras: veja como do trabalho coletivo nasceu uma biblioteca comunitária. **Astrolábio**, Rio de Janeiro, n. 21, ano 2, set. 2017. Disponível em: <http://astrolabio.org.br/o-atelier-das-palavras/>Acessado em: 18 set. 2018.
- MACABU, M. Conheça a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. **Biblioo**: cultura informacional, Rio de Janeiro, 21 dez. 2016. Reportagens. Disponível em: <http://biblioo.info/rnbc/>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- MACHADO, E. C. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MACHADO, E. C.; PRADO, G. M. O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento.
- Informação e sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 20, n.1, p. 51-60, jan./abr. 2010.
- MADELLA, R. **Bibliotecas comunitárias**: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal. 2010. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- MARQUES NETO, J. C. Livro e biblioteca em tempos sombrios. In: FERREIRA, M. M. (Org.). **Livro, leitura e bibliotecas em tempos sombrios**. São Luís: EDUFMA, 2017. p. 31-54.
- MERKLEN, D. **Bibliotecas en llamas**: cuando las clases populares cuestionan la sociología y la política. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MORAES, S. C. de. **Porto Alegre mais leitora**: a construção do Plano Municipal do Livro e Leitura. Porto Alegre: Redes Ed., 2013.
- MONTES, Graciela. **Buscar indicios construir sentido**. Bogotá: Babel Libros, 2018.
- PAIVA, J.; BEREMBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 173-188, jan./abr. 2009.
- PAZ, E. **Práticas de letramento literário**: articulações entre escola e biblioteca comunitária. 2016.

- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- PEREIRA, R. A biblioteca comunitária Caranguejo Tabaiães semeia canteiros de leitura, tece redes de parceiros e aprofunda as raízes comunitárias. **Literatura & arte no ciclo de alfabetização**, n. especial, p. 35-41, 2017.
- PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PETIT, M. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.
- PETIT, M. Un espacio de encuentros singulares: voces de lectores y bibliotecarios. In: BONILLA, E.; GOLDIN, D.; SALABERRIA, R. (Orgs.). **Bibliotecas y escuelas**: retos y desafíos en la sociedad del conocimiento. Barcelona: Editorial Océano, 2008. p.153-179.
- PIMENTA, S. G. **Pesquisa em Educação**: alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Loyola, 2006.
- PINTO, L. P. Bibliotecas comunitárias: dispositivos de ação. In: PINTO, F. A. **Dispositivos culturais e espaços de memória**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 24-39.
- PMLLB-MG. **Rede Sou de Minas Uai!**. Belo Horizonte, [2014]. Não paginado. Disponível em: <https://www.soudeminasuai.com/p/pmlllb-mg.html> Acesso em: 05 dez. 2018.
- RABOTNIKOF, N. El espacio público: caracterizaciones teóricas y expectativas políticas. In: QUESADA, Fernando de. **Filosofía política I: ideas políticas y movimientos sociales**. Madrid: Trota, 2002.
- ROGOFF, B. Observing sociocultural activity on three planes: Participatory appropriation, guided participation, and apprenticeship. In: WERTSCH, J. V.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, P. (Orgs.). **Sociocultural studies of mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.139-163.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROSA, E. C. S. Ler e escrever no cotidiano escolar. Há lugar para a biblioteca? In: BRITO, A. T.; ROSA, E. C. S. **O fazer cotidiano na sala de aula**: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 65-84.
- SANTOS, B. **A literatura como direito humano**. São Paulo: TEDx Talks, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h3vDVjf-zQog>. Acesso em: 20 set. 2018.
- SILVA, A. C. P. de O. da. **É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias**. 2011. 386 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- SILVA, A. C. P. O. A ética no pensamento expresso de líderes de

- bibliotecas comunitárias no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.
- SILVA, A. P. C. **Biblioteca e memória:** interlocuções com a comunidade. 2018. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- SILVA, J. de S.; BARBOSA, J. L. **Favela:** alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio; [X] Brasil, 2005.
- SILVA, P. C. S.; GOMES, C. C.; LOPES, A. C. O. O direito à moradia e o protagonismo das mulheres em ocupações urbanas. **Revista gênero e direito**, João Pessoa, n. 1, p. 180-198, 2014.
- SILVEIRA, F. J. N. da. **Biblioteca pública, identidade e enraizamento:** elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa. 2014, 253 f. Tese (Doutorado)-Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS (Brasil). **Diretrizes:** tipos de bibliotecas. Brasília: SNBP, [2013]. Disponível em: <http://snbp.culturadigital.br/tipos-de-bibliotecas/>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- STREET, B. V. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.
- STREET, B. V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia linguística do português**, São Paulo, n. 8, p. 465-488, 2007.
- VERGUEIRO, W. **Desenvolvimento de coleções.** São Paulo: Polis: APB, 1989.
- VIEIRA, H. M. **Bibliotecas comunitárias em Belo Horizonte:** atores em cena. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado)-Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- WEIL, S. **O enraizamento.** Bauru: EDUSC, 2001.
- WEITZEL, S. da R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias.** Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

## Cida Fernandez

Responsável pelo Programa Direito à Leitura, do Centro de Cultura Luiz Freire, é formada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco. Consultora do Programa Prazer em Ler (PPL) desde 2006. Entre 2013 e 2015, coordenou o projeto Mais Bibliotecas Públicas, pelo Centro de Desenvolvimento e Cidadania (CDC), apoiado por edital público do SNBP/MinC. Pesquisadora dos temas relacionados às políticas públicas de leitura, especialmente envolvendo o direito à leitura e às bibliotecas públicas municipais, escolares e comunitárias. Integra o Grupo de Pesquisa “Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática” (GBPB) da UNIRIO. Desenvolveu o Sistema de Classificação por Cores para a Literatura de Ficção e Poesia que hoje é utilizado por bibliotecas comunitárias e escolares em vários territórios do país.

## Elisa Machado

Professora da UNIRIO. Líder do Grupo de Pesquisa “Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática” (GPBP) e coordenadora de projetos de pesquisa e extensão que envolvem alunos, bibliotecários e mediadores de leitura em estudos e ações no campo das políticas públicas para o livro, leitura, literatura e bibliotecas. Sua aproximação com as bibliotecas comunitárias teve início no ano de 2001, quando atuava na direção do Departamento de Bibliotecas Públicas do Município de São Paulo. Em 2008 defendeu sua tese de doutorado nesse tema e de 2011 a 2015 dirigiu o SNBP, onde teve a oportunidade de conhecer de perto as condições da Biblioteconomia Pública no país e se envolver com a construção de políticas públicas para o setor.

## Ester Rosa

Professora da UFPE. Membro do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) onde integra equipes que realizam, desde 2012, projetos em parceria com bibliotecas comunitárias que envolvem a realização de cursos na área de mediação de leitura, coordenação de eventos (como a Feira de Leitura do Centro de Educação), o apoio à implementação de novas bibliotecas. Organizou a publicação de livro e revista que tratam dessa experiência e estão disponíveis no portal do CEEL.

Pedagoga (2002) e mestre em Educação Brasileira (2005) pelo Departamento de Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Arte-educadora formada pela Escola de Arte TEAR (1999) e professora com magistério, formada pela Escola de Professores (1997). Desde 2011 faz assessoria pedagógica ao Programa Prazer em Ler, com bibliotecas comunitárias e redes de leitura.

## Carmem Bandeira

Pedagoga, integrante da equipe de formadores do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da UFPE. Atua especialmente no campo da mediação de leitura em bibliotecas comunitárias e escolares. Nos últimos cinco anos acompanha e colabora na sistematização das práticas de leitura desenvolvidas na Biblioteca Multicultural Nascedouro, no bairro de Peixinhos, Recife (PE), tendo como eixo a memória afetiva como princípio de formação de comunidades leitoras.

## Maria Helena

Professora da UFPE (aposentada). Coordenadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), onde participa de projetos, desde 2012, em parceria com bibliotecas comunitárias, envolvendo a realização de cursos na área de mediação de leitura nas bibliotecas e em escolas públicas. Coordena a realização de uma Feira anual de Leitura no Centro de Educação da UFPE. Organizou a publicação de livro e revista com temáticas relacionadas aos projetos de mediação de leitura literária e que estão disponibilizados no portal do CEEL.

	MUNICÍPIO	UF	% DA POPULAÇÃO COM 25 ANOS OU MAIS ALFABETIZADA	% POPULAÇÃO COM MAIS DE 25 ANOS OU MAIS COM SUPERIOR COMPLETO	IDHM	ÍNDICE GINI	NÚMERO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS MANTIDAS PELA GESTÃO MUNICIPAL	PLANO MUNICIPAL DE CULTURA	CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA	CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA	FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA
1	Aliança	PE	65,9	2,9	0,604	0,49	1	Não	Não	Sim	Não
2	Ananindeua	PA	95,8	7,3	0,718	0,62	1	Não	Sim	Sim	Não
3	Aquiraz	CE	95,9	26,5	0,641	0,48	1	Não	Sim	Sim	Não
4	Arapiraca	AL	71,4	6,2	0,649	0,55	9	Sim	Sim	Sim	Sim
5	Barro	CE	70,4	4,3	0,599	0,5	1	Não	Sim	Sim	Não
6	Belém	PA	96,0	14,33	0,746	0,62	2	Não	Sim	Sim	Não
7	Belo Horizonte	MG	96,5	22,9	0,810	0,60	5	Não	Sim	Sim	Sim
8	Betim	MG	93,2	6,5	0,749	0,47	4	Não	Não	Sim	Sim
9	Boca do Acre	AM	65,0	6,3	0,588	0,63	1	Não	Sim	Sim	Sim
10	Brasília	DF	96,0	24,0	0,824	0,63	26	Não	Sim	Sim	Sim
11	Campina Grande	PB	85,4	12,7	0,72	0,58	1	Não	Sim	Sim	Sim
12	Canoas	RS	96,89	10,3	0,75	0,51	6	Sim	Sim	Sim	Não
13	Crato	CE	80,7	10,8	0,713	0,57	2	Não	Sim	Sim	Não
14	Duque de Caxias	RJ	93,9	5,5	0,711	0,46	4	Não	Sim	Sim	Sim
15	Florianópolis	SC	97,5	31,5	0,847	0,54	0	Não	Sim	Sim	Sim
16	Fortaleza	CE	91,4	13,7	0,754	0,62	2	Sim	Sim	Sim	Não
17	Guarulhos	SP	88,8	11,2	0,763	0,51	20	Sim	Sim	Sim	Sim
18	Ilhéus	BA	84,5	8,6	0,69	0,58	1	Não	Sim	Sim	Sim
19	Jaboatão dos Guararapes	PE	88,9	7,8	0,717	0,58	1	Não	Sim	Sim	Sim
20	Mairiporã	SP	93,8	12,9	0,788	0,56	2	Não	Não	Sim	Não
21	Mauá	SP	95,1	7,2	0,766	0,44	6	Não	Sim	Sim	Sim
22	Medina	MG	71,2	5,6	0,624	0,57	1	Sim	Não	Não	Sim
23	Nova Iguaçu	RJ	94,4	6,5	0,713	0,48	1	Não	Sim	Sim	Sim
24	Nova Soure	BA	60,1	2,2	0,555	0,57	1	Não	Não	Sim	Não
25	Novo Hamburgo	RS	96,0	9,6	0,747	0,53	1	Não	Sim	Sim	Sim
26	Olinda	PE	91,6	11,8	0,735	0,55	1	Não	Sim	Sim	Não
27	Ouro Branco	MG	94,0	14,0	0,764	0,52	1	Sim	Sim	Sim	Sim
28	Paraty	RJ	89,9	9,2	0,693	0,52	1	Não	Não	Não	Não
29	Pirenópolis	GO	86,6	6,7	0,693	0,49	2	Não	Sim	Sim	Sim
30	Porto Alegre	RS	97,4	25,9	0,805	0,6	2	Não	Sim	Sim	Sim
31	Porto Nacional	TO	87,8	12,5	0,74	0,54	1	Não	Sim	Sim	Não
32	Recife	PE	91,5	19,1	0,772	0,68	2	Sim	Sim	Sim	Sim
33	Riachão do Jacuípe	BA	77,3	2,1	0,628	0,47	1	Não	Não	Sim	Não
34	Rio de Janeiro	RJ	96,7	21,3	0,799	0,62	12	Não	Sim	Sim	Não
35	Sabará	MG	93,8	6,9	0,731	0,45	1	Não	Sim	Sim	Sim
36	Salvador	BA	95,3	14,6	0,759	0,63	3	Não	Sim	Sim	Sim
37	Santa Luzia	MG	94,3	4,6	0,715	0,43	1	Sim	Sim	Sim	Sim
38	Santa Maria da Vitória	BA	68,8	3,2	0,614	0,54	1	Não	Não	Sim	Não
39	Santa Quitéria	CE	64,3	4,5	0,616	0,56	1	Não	Sim	Não	Não
40	São Gonçalo	RJ	95,7	7,1	0,739	0,43	1	Sim	Sim	Sim	Não
41	São Gonçalo do Amarante	CE	73,4	3,9	0,665	0,51	1	Não	Não	Sim	Não
42	São Luis	MA	94,1	13,7	0,768	0,61	1	Não	Não	Sim	Não
43	São Paulo	SP	96,3	26,3	0,805	0,62	54	Não	Sim	Sim	Sim
44	Simonésia	MG	78,4	2,9	0,632	0,5	1	Não	Sim	Sim	Não
45	Taquara	RS	94,8	7,5	0,727	0,5	1	Não	Sim	Sim	Não

## Quadro 2.

Relação de municípios que participaram da pesquisa com respectivos dados socioeconômicos, educacionais e culturais

Fonte: FERREIRA (2018).

Fonte: População com 25 anos ou mais alfabetizada, População com 25 anos ou mais com Superior Completo, Índice GINI e IDHM – IBGE/Censo demográfico 2010, disponíveis em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/home/>. Acesso em: 30 Abr. 2018; Quantidade de bibliotecas públicas mantidas pela gestão municipal, Porcentagem de municípios com Plano Municipal de Cultura, Conselho Municipal de Cultura, Fundo Municipal de Cultura; Porcentagem de municípios que já realizaram Conferência Municipal de Cultura, disponíveis em: [https://www2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/cultura\\_2014/default.shtm](https://www2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/cultura_2014/default.shtm). Acesso em: 30 Abr. 2018.

Código	Uf	Município	Nome da Biblioteca
MG01	MG	Santa Luzia	Corrente do Bem
MG02	MG	Belo Horizonte	Livro Aberto
MG03	MG	Sabará	Borrachaloteca de Sabará
MG04	MG	Sabará	Casa das Artes
MG05	MG	Betim	Cantinho dos Sonhos
MG06	MG	Betim	Salão do Encontro
MG07	MG	Betim	Professor Arlindo Correia
MG08	MG	Belo Horizonte	Palmeirinhas
MG09	MG	Belo Horizonte	Graça Rios
CE01	CE	Fortaleza	Sorriso da Criança
CE02	CE	Fortaleza	C.L Prof. Leonidas Magalhães
CE03	CE	Fortaleza	Devorando Livros
CE04	CE	São Gonçalo do Amarante	Literateca
CE05	CE	Fortaleza	Famílias Reunidas
CE06	CE	Fortaleza	Jardim Literário
CE07	CE	Fortaleza	Criança Feliz
CE08	CE	Fortaleza	Mundo Jovem
CE09	CE	Fortaleza	Conjunto Ceará
CE10	CE	Fortaleza	LGBTT Arte de Amar
CE11	CE	Fortaleza	Denise Ferreira Luz
CE12	CE	Fortaleza	Laura Barros
CE13	CE	Fortaleza	Elisabeth Muniz
MA01	MA	São Luiz	Cora Coralina
MA02	MA	São Luiz	Comunitária Portal da Sabedoria
MA03	MA	São Luiz	Arco-irís do Saber
MA04	MA	São Luiz	Monteiro Lobato - Cidade Operária
MA05	MA	São Luiz	Caminho do Conhecimento
MA06	MA	São Luiz	José Montello
MA07	MA	São Luiz	O fantástico Mundo da Leitura
MA08	MA	São Luiz	Arthur Azevedo
MA09	MA	São Luiz	Viajando pela Alegria do Saber
MA10	MA	São Luiz	Monteiro Lobato - Coroadinho
MA11	MA	São Luiz	Paulo Freire
MA12	MA	São Luiz	Mundo do Saber

### Quadro 3.

Relação das BC e seus respectivos códigos

Fonte: As autoras (2018).

<b>Código</b>	<b>Uf</b>	<b>Município</b>	<b>Nome da Biblioteca</b>
MA13	MA	São Luiz	Prazer em Ler
MA14	MA	São Luiz	Residência 05
MA15	MA	São Luiz	Wilson Marques
MA16	MA	São Luiz	Semente Literária
PA01	PA	Belém	Moaraná
PA02	PA	Belém	Espaço Cultural Nossa Biblioteca
PA03	PA	Belém	Espaço Literário Livro Encantado
PA04	PA	Ananindeua	Moará
PA05	PA	Belém	Trabalho leitor
PA06	PA	Belém	Carolina Maria de Jesus
PE01	PE	Olinda	Lar Mei Mei
PE02	PE	Recife	Cepoma
PE03	PE	Recife	Multicultural Nascedouro
PE04	PE	Jaboatão dos Guararapes	Peró
PE05	PE	Recife	Educ Guri
PE06	PE	Recife	Popular do Coque
PE07	PE	Recife	Amigos da Leitura
RJ01	RJ	Duque de Caxias	Varanda Literária Maria de Lurdes Miranda
RJ02	RJ	Duque de Caxias	Ilda de Oliveira Damásio
RJ03	RJ	Duque de Caxias	MANNS
RJ04	RJ	Duque de Caxias	Espaço Literário Balaio de Leitura
RJ05	RJ	Duque de Caxias	Jesimar Coelho da Silva
RJ06	RJ	Duque de Caxias	Vila Aracy
RJ07	RJ	Duque de Caxias	Mágica
RJ08	RJ	Nova Iguaçu	Olhar Cultural
RJ09	RJ	Nova Iguaçu	Thalita Rebouças
RJ10	RJ	Nova Iguaçu	Ziraldo
RJ11	RJ	Nova Iguaçu	Paulo Freire
RJ12	RJ	Nova Iguaçu	Judith Lacaiz
RJ13	RJ	Rio de Janeiro	Ponto de Leitura Biblioteca Orlando Miranda
RJ14	RJ	Rio de Janeiro	Esquina do Livro
RJ15	RJ	Rio de Janeiro	Carolina Maria de Jesus
RJ16	RJ	Rio de Janeiro	Popular Escritor Lima Barreto
RJ17	RJ	São Gonçalo	Visconde de Sabugosa
RJ18	RJ	Rio de Janeiro	Instituto Consuelo Pinheiro
RJ19	RJ	Rio de Janeiro	Walter de Araújo

<b>Código</b>	<b>Uf</b>	<b>Município</b>	<b>Nome da Biblioteca</b>
RJ20	RJ	Rio de Janeiro	Biblioteca do Lajão
RJ21	RJ	Rio de Janeiro	Ponto de Leitura Conto a Conto
RJ22	RJ	Rio de Janeiro	Semear
RJ23	RJ	Rio de Janeiro	Jurema Gomes Baptista
RJ24	RJ	Rio de Janeiro	Wagner Vinício
RJ25	RJ	Rio de Janeiro	Elias José
RJ26	RJ	Rio de Janeiro	Cerro Corá
RJ27	RJ	Rio de Janeiro	Ateliê das Palavras
SP01	SP	Guarulhos	Picadeiro da Leitura
SP02	SP	São Paulo	Heliópolis
SP03	SP	São Paulo	Caio Fernando de Abreu
SP04	SP	São Paulo	Brechoteca
SP05	SP	São Paulo	Caminhos da Leitura
SP06	SP	São Paulo	Maria Lucia da Silva
SP07	SP	São Paulo	Viajando Pelas Letras e Palavras
SP08	SP	São Paulo	Mundos dos Livros
SP09	SP	São Paulo	Ler é Preciso
SP10	SP	São Paulo	Arsenal da Esperança
SP11	SP	Guarulhos	Parque CECAP
SP12	SP	Mauá	Centro Comunitário Cultural Dona Leonor
SP13	SP	São Paulo	Ademir dos Santos
SP14	SP	São Paulo	Solano Trindade
SP15	SP	São Paulo	Cultura no Quintal
SP16	SP	São Paulo	Milton José Assunção
SP17	SP	Mairiporã	Ler é preciso Meu Guri
RS01	RS	Porto Alegre	Leverdogil de Freitas
RS02	RS	Taquaras	Amigos do Livro
RS03	RS	Porto Alegre	Visão Periférica
RS04	RS	Porto Alegre	Ilé Ará
RS05	RS	Porto Alegre	Arvoredo
RS06	RS	Porto Alegre	Cristal
RS07	RS	Novo Hamburgo	Marieta Constante da Silva
RS08	RS	Canoas	Antonio Giacomazzi
BA01	BA	Salvador	Ítalo
BA02	BA	Salvador	Sete de Abril
BA03	BA	Salvador	Calabar
BA04	BA	Salvador	Maria Rita Almeida de Andrade

<b>Código</b>	<b>Uf</b>	<b>Município</b>	<b>Nome da Biblioteca</b>
BA05	BA	Salvador	São José de Calasanz
BA06	BA	Salvador	Sandra Martini
BA07	BA	Salvador	Padre Luiz Campinoti
BA08	BA	Salvador	Tia Jana
BA09	BA	Salvador	Clementina de Jesus
BA10	BA	Salvador	Mãe Mirinha de Portão
BA11	BA	Salvador	Novo Amanhacer
BA12	BA	Salvador	Parque São Bartolomeu
BA13	BA	Salvador	Padre Afonso Pacciani
BA14	BA	Salvador	Paulo Freire
BA15	BA	Salvador	Condor Literário
RJ28	RJ	Paraty	Casa Azul
RJ29	RJ	Paraty	Regina Célia Gama de Miranda
RI30	RJ	Paraty	Instituto Terra e Mar
RJ31	RJ	Paraty	Centro de Educação Integral Cairuçu
RJ32	RJ	Paraty	Colibri
DCE01	CE	Santa Quitéria	Lisieux
DAL02	AL	Arapiraca	Ponto de Leitura Casa de Farinha Encantada História e Cultura
DPB03	PB	Campina Grande	Malvinas
DMG04	MG	Simonésia	Pagús
DCE05	CE	Aquiráz	Diferenciada Indígena Jenipapo Kanindé
DBA06	BA	Santa Maria da Vitória	Campe sina
DGO07	GO	Pirenópolis	Quintal da Aldeia
DBA08	BA	Riachão do Jacuípe	Barreiros
DCE09	CE	Barro	Aminf
DMG10	MG	Ouro Branco	Renildo Alves de Brito
DAM11	BA	Boca do Acre	Mário Rogério
DBA12	BA	Ilhéus	Chau José
DBA13	BA	Nova Soure	Maria das Neves Prado
DCE15	CE	Crato	Mala da Fantasia
DDF16	DF	Brasília	Roedores de livros
DTO17	TO	Porto Nacional	Centro das crianças
DSC18	SC	Florianópolis	Barca dos Livros
DMG19	MG	Medina	Ascomed
DPB20	PB	Campina Grande	Livros do Tambor
DPE21	PE	Aliança	Mestre Batista

# APÊNDICE C

163

Código	Nome da Biblioteca sede do GF	Município/Estado
GF00	Thalita Rebouças	Nova Iguaçu, RJ
GF01	Wagner Vinício	Rio de Janeiro, RJ
GF02	Portal da Sabedoria	São Luís, MA
GF03	Espaço Cultural Nossa Biblioteca	Belém, PA
GF04	Multicultural Nascedouro	Recife, PE
GF05	Amigos da Leitura	Recife, PE
GF06	Brechoteca	São Paulo, SP
GF07	Livro Aberto	Belo Horizonte, MG
GF08	Literateca	São Gonçalo de Amarante, CE
GF09	Popular do Coque	Recife, PE
GF10	Calabar	Salvador, BA

## Quadro 4.

Bibliotecas comunitárias onde foram realizados os Grupos Focais

Fonte: As autoras (2018).

# APÊNDICE D

Estado	Rede local
MG	Sou de Minas, Uai!
RJ	Baixada Literária (Nova Iguaçu)
RJ	Conexão Leitura (Rio de Janeiro, cidade)
RJ	Mar de Leitores (Paraty)
RJ	Tecendo uma Rede de Leitura (Duque de Caxias)
RS	Redes de Leitura
SP	LiteraSampa
BA	Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador
CE	Jangada Literária
MA	Ilha Literária
PA	Amazônia Literária
PE	Releitura

## Quadro 5.

Relação das redes locais de bibliotecas comunitárias

Fonte: As autoras (2018).

# LISTA DE GRÁFICOS

164

Gráfico	Título	Página
1	Distribuição das bibliotecas por região	19
2	Distribuição das bibliotecas por ano de criação	25
3	Bibliotecas que indicaram vínculo religioso no momento da criação	30
4	Bibliotecas que indicaram vínculo político no momento de sua criação	30
5	Distribuição das bibliotecas em relação ao tamanho – RA	37
6	Distribuição das bibliotecas em relação à aquisição de livros por compra – RU/Estimulada	42
7	Distribuição das bibliotecas em relação à quantidade de itens do acervo – RA	45
8	Comparativo entre BC que participam do PPL/RNBC e BC que não participam	47
9	Distribuição das bibliotecas em relação à quantidade de pessoal – RA	50
10	Distribuição das bibliotecas quanto ao número de interagentes cadastrados – RA	58
11	Perfil etário dos mediadores de leitura – RA	69
12	Nível de escolaridade dos mediadores de leitura – RA	170

# LISTA DE QUADROS

Quadro	Título	Página
1	Modos de apropriação das práticas da BC pelos interagentes	89
2	Relação de municípios que participaram da pesquisa com respectivos dados socioeconômicos, educacionais e culturais	158
3	Relação das BCs e seus respectivos códigos	159
4	Bibliotecas comunitárias onde foram realizados os grupos focais	163
5	Relação das redes locais de bibliotecas comunitárias	163

# LISTA DE FOTOS

165

Foto	Biblioteca comunitária	Cidade/Estado	Autoria	Página
1	BC Ilê Ará	Porto Alegre/ RS	Camila Schoffen Tressino	129
2	BC Regina Célia Gama Miranda	Paraty/RJ	Natália Nascimento Braga e Luiza Peres França Pinto Gama	129
3	BC Paulo Freire	Nova Iguaçu/RJ	Celina Santos Borges de Freitas e Natália Reis	130
4	BC Cepoma	Recife/PE	Isamar Martins de Santana e Mauro Silva de Souza	130
5	BC Amigos da Leitura	Recife/PE	Isamar Martins de Santana e Mauro Silva de Souza	131
6	BC Cora Coralina	São Luis/MA	Flávia Bianca Silva e Meirivania Sá Correa	131
7	Borrachaloteca	Sabará/MG	Dany Praça	132
8	BC do Calabar	Salvador/BA	Vilma Almada dos Santos e Solange Souza do Espirito Santo	132
9	BC Jardim Literário	Fortaleza/CE	Joyce Mariana Forte Viana	133
10	BC Cantinho dos Sonhos	Betim/MG	Dany Praça	133
11	BC Regina Célia Gama Miranda	Paraty/RJ	Natália Nascimento Braga e Luiza Peres França Pinto Gama	134
12	BC Paulo Freire	Salvador/BA	Vilma Almada dos Santos e Solange Souza do Espirito Santo	134
13	BC Amigos da Leitura	Recife/PE	Isamar Martins de Santana e Mauro Silva de Souza	135
14	BC Mundo Jovem	Fortaleza/CE	Joyce Mariana Forte Viana	135
15	BC CEPOMA	Recife/PE	Isamar Martins de Santana e Mauro Silva de Souza	136
16	BC Palmeirinhas	Belo Horizonte/MG	Dany Praça	136
17	BC Devorando Livros	Fortaleza/CE	Joyce Mariana Forte Viana	137
18	BC Arvoredo	Porto Alegre/ RS	Camila Schoffen Tressino	137
19	BC Regina Célia Gama Miranda	Paraty/RJ	Natália Nascimento Braga e Luiza Peres França Pinto Gama	138
20	BC Lar MeiMei	Olinda/PE	Isamar Martins de Santana e Mauro Silva de Souza	138

Foto	Biblioteca comunitária	Cidade/Estado	Autoria	Página
21	BC Livro Aberto	Belo Horizonte/MG	Dany Praça	139
22	BC Livro Aberto	Belo Horizonte/MG	Dany Praça	139
23	BC LGBTT Arte de Ama	Fortaleza/CE	Joyce Mariana Forte Viana	140
24	BC Colibri	Paraty/RJ	Natália Nascimento Braga e Luiza Peres França Pinto Gama	140
25	BC Corrente do Bem	Santa Luzia/MG	Dany Praça	141
26	BC Corrente do Bem	Santa Luzia/MG	Dany Praça	141
27	BC Clementina de Jesus	Salvador/BA	Vilma Almada dos Santos e Solange Souza do Espírito Santo	142
28	BC Caminhos da Leitura	São Paulo/SP	Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto	142
29	BC Palmeirinhas	Belo Horizonte/MG	Dany Praça	143
30	BC Leverdógil de Freitas	Porto Alegre/RS	Camila Schoffen Tressino	143
31	BC Heliópolis	São Paulo/SP	Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto	144
32	BC Salão do Encontro	Betim/MG	Dany Praça	144
33	BC Heliópolis	São Paulo/SP	Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto	145
34	BC Arsenal da Esperança	São Paulo/SP	Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto	145
35	BC Picadeiro da Leitura	Guarulhos/SP	Luís Gustavo dos Santos e Thayame Silva Porto	146
36	BC Ilê Ará	Porto Alegre/RS	Camila Schoffen Tressino	146
37	BC Casa das Artes	Sabará/MG	Dany Praça	147
38	BC Marieta Constante da Silva	Novo Hamburgo/RS	Camila Schoffen Tressino	147
39	BC Salão do Encontro	Betim/MG	Dany Praça	148
40	BC Salão do Encontro	Betim/MG	Dany Praça	148
41	BC Multicultural Nascledouro	Recife/PE	Isamar Martins de Santana e Mauro Silva de Souza	149
42	BC Palmeirinhas	Belo Horizonte/MG	Dany Praça	149

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

167

ACM	Análise de Correspondência Múltipla
BC	Biblioteca Comunitária
BPM	Biblioteca Pública Municipal
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CEBS	Comunidades Eclesiais de Base
CEEL	Centro de Estudos em Educação e Linguagem
CCLF	Centro de Cultura Luiz Freire
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CERLALC	Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe
DLLLB	Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
GF	Grupo Focal
GPBP	Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC&A	Instituto C&A
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFLA	International Federation of Library Association and Institutions
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros
MEC	Ministério da Educação
Minc	Ministério da Cultura
MCBL	Movimento Cultural Boca do Lixo
ONG	Organização Não Governamental
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PPL	Programa Prazer em Ler
RA	Resposta Aberta
RM	Resposta Múltipla
RMR	Região Metropolitana de Recife
RNBC	Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias
RU	Resposta Única
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNIP	Universidade Paulista
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

# LISTA DE TABELAS

168

<b>Tabela</b>	<b>Título</b>	<b>Página</b>
1	Distribuição das bibliotecas por vínculo no momento da criação – RM/Estimulada	29
2	Distribuição das bibliotecas em relação a distribuição do espaço – RM/Estimulada	39
3	Distribuição das bibliotecas em relação aos equipamentos – RM/Estimulada	40
4	Distribuição das bibliotecas em relação às coleções – RM/Estimulada	43
5	Distribuição das bibliotecas em relação ao quantitativo de estantes – RA	46
6	Distribuição das bibliotecas por atividade oferecidas às comunidades– RM/Estimulada	48
7	Distribuição das bibliotecas em relação aos mecanismos de gestão participativa – RU/Estimulada	49
8	Distribuição das bibliotecas em relação aos meios/locais de divulgação – RM/Estimulada	51
9	Distribuição das bibliotecas em relação ao custo – RU	52
10	Distribuição das bibliotecas quanto à faixa etária dos interagentes – RM/Estimulada	59
11	Distribuição das bibliotecas em relação ao quantitativo de mediadores – RA	64
12	Distribuição de mediadores por tempo de atuação – RA	71
13	Distribuição das bibliotecas em relação à incidência em políticas associadas à leitura – RU	115
14	Distribuição das bibliotecas em relação aos espaços de incidência e políticas – RM/Estimulada	116

## COORDENAÇÃO GERAL

Cida Fernandez (CCLF)  
Elisa Machado (GPBP/UNIRIO)  
Ester Calland de Sousa Rosa (CEEL/UFPE)  
Janine Durant (IC&A)  
Patrícia Lacerda (IC&A)

## PESQUISADORAS ENVOLVIDAS NA REALIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS E NA ANÁLISE DOS DADOS

Camila Leite  
Carmen Lúcia Bandeira  
Cida Fernandez  
Elisa Machado  
Ester Rosa  
Maria Helena Dubeux

## PESQUISADORES DE CAMPO PRESENCIAL (INTEGRANTES DA RNBC)

Ana Beatriz da Cunha (RJ)  
André Martins Barbosa (RJ)  
Camila Schoffen Tressino (RS)  
Celina Santos Borges de Freitas (RJ)  
Daniela Praça de Oliveira Silva (MG)  
Elizandra Aleixo Monteiro (PA)  
Flávia Bianca Silva (MA)  
Isamar Martins de Santana (PE)  
Joyce Mariana Forte Viana (CE)  
Luis Gustavo dos Santos (SP)  
Luiza Peres França Pinto Gama (RJ)  
Mauro Silva de Souza (PE)  
Meirivania Sá Correa (MA)  
Natália Caroline dos Reis (RJ)  
Natalia Nascimento Braga (RJ)  
Rafael Mussolini Silvestre (MG)  
Solange Sousa do Espírito Santo (BA)  
Thayame Silva Porto (SP)  
Valdecira do Socorro Lima Maciel (PA)  
Vilma Almada dos Santos (BA)  
Walam Henrique Dias Braz (CE)  
Yasmin Wink Finger (RS)

## PESQUISADORA DE CAMPO A DISTÂNCIA

Gilvanedja Ferreira Mendes da Silva (UFPB)

## PESQUISADORA E CONSULTORIA ESTATÍSTICA

Daniela Maria Ferreira (UFPE)

## EQUIPE TÉCNICA E SELEÇÃO DE FOTOS

Gilmar Lima Fernando (CCLF)  
Maria Rafaela de Lima (CCLF)

## REALIZAÇÃO

Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF)  
Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL)  
da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil  
(GPBP) da Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro (UNIRIO)

## REVISÃO

Ayza Rafaela Damasceno Ramalho

## LEITURA CRÍTICA

Liliane Costa Reis (IC&A)

## CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Santiago Régis

## APOIO

Instituto C&A  
Fundação Itaú Social  
Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)

---

F358

Fernandez, Cida

O Brasil que lê [recurso eletrônico] : bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores / Cida Fernandez, Elisa Machado, Ester Rosa ; colaboração: Camila Leite, Carmen Lúcia Bandeira, Maria Helena Dubeux ; prefácio: Silvia Castrillón. – Olinda : CCLF ; Brasil : RNBC, 2018.

1 recurso online (170 p.) : il.

ISBN 978-85-92710-05-7

1. Bibliotecas comunitárias – Brasil. 2. Formação de leitores – Brasil. I. Machado, Elisa. II. Rosa, Ester Calland de Sousa. III. Leite, Camila. IV. Bandeira, Carmen Lúcia. V. Dubeux, Maria Helena. VI. Castrillón, Silvia. VII. Título.

CDD 027.4

---

Ficha catalográfica elaborada por Elisa Machado (CRB/7-5569)

Realização



Parceiros

Instituto C&A

